

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

**SOLANGE MOREIRA DOS SANTOS VELOZO**

**A DESIGNAÇÃO DE (C)*SERTÃO*: ESPAÇOS DESCONHECIDOS NO BRASIL**  
**COLÔNIA**

**CÁCERES-MT**

**2019**

**SOLANGE MOREIRA DOS SANTOS VELOZO**

**A DESIGNAÇÃO DE (C)*SERTÃO*: ESPAÇOS DESCONHECIDOS NO BRASIL  
COLÔNIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Orientação:** Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim

**Linha de Pesquisa:** Estudo de Processos de Significação.

**CÁCERES-MT**

**2019**

WALTER CLAYTON DE OLIVEIRA CRB 1/2049

V432a VELOZO, Solange Moreira dos Santos.

A Designação de (C)Sertão: Espaços Desconhecidos no Brasil Colônia / Solange Moreira dos Santos Velozo - Cáceres, 2019. 100 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (não)

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós- graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019.

Orientador: Taisir Mahmudo Karim

1. Semântica. 2. Acontecimento. 3. Enunciação. 4. Temporalidade. 5. (C)Sertão. I. Solange Moreira dos Santos Velozo. II. A Designação de (C)Sertão:: Espaços Desconhecidos no Brasil Colônia.

CDU 81'37

**SOLANGE MOREIRA DOS SANTOS VELOZO**

**A DESIGNAÇÃO DE (C)SERTÃO: ESPAÇOS DESCONHECIDOS NO BRASIL  
COLÔNIA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim  
Orientador – PPGL/UNEMAT

---

Prof. Dr. Albano Dalla Pria  
Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira  
Avaliadora Externa – PPL/UEMS – PPGL/UNEMAT

**APROVADA EM: 12/03/2019**

*Dedico ao meu filho Edclilson, pelo incentivo, e por ser sempre a razão de minha inspiração em tudo que faço. Ao meu esposo com carinho e a minha saudosa avó, Maria Moreira de Freitas (in memória), pelos ensinamentos, pelo amor dedicado a mim e a meus irmãos, nos acolhendo em seu imenso coração, no momento mais difícil das nossas vidas.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem Sua permissão não seria possível a realização dos nossos objetivos.

Agradeço a cada um que dedicou um minuto, ou mais, do seu precioso tempo e contribuiu com sugestões de leituras, orientações, alguns conselhos, puxões de orelhas etc., enriquecendo cada vez mais a construção e produção do nosso conhecimento, do nosso trabalho, constituindo, assim, os degraus para a conclusão desta Pós-Graduação em Linguística.

Agradeço, especialmente, ao meu orientador, Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim, por integrar-me como ouvinte aos grupos de Pesquisa *Nomes Próprios: Estudos da Significação e Atlas dos Nomes que Dizem Histórias das Cidades Brasileiras Um Estudo Semântico-Enunciativo: Nomes Próprios*, pelo incentivo, sugestões, atenção, paciência, por todo o tempo dedicado a orientar-me e por confiar na realização deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Albano Dalla Pria, por aceitar participar da minha banca de avaliação, pelas orientações e sugestões na qualificação deste trabalho.

Agradeço à Prof. Dr<sup>a</sup> Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira, por aceitar participar da minha banca de avaliação, pelas correções e sugestões na qualificação deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Eduardo Guimarães, pelas sugestões das referências que enriqueceram ainda mais a formação do *corpus* desta pesquisa, a quem devo gratidão.

Agradeço à Professora Dr<sup>a</sup> Neuza Benedita da Silva Zattar, com carinho, a quem tenho uma infinita admiração, desde os primeiros anos da minha graduação.

Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Luiz Cumpri, pelas valiosas contribuições, orientações no processo de construção de conhecimento ao longo deste trabalho.

Agradeço ao meu filho, pelo incentivo, pelo carinho dedicado a mim, por entender a minha ausência, durante o período que me dediquei ao Mestrado.

Agradeço ao meu esposo, por apoiar-me, quando solicitei a exoneração do Concurso Público Municipal, para dedicar-me aos estudos.

Agradeço à Sr<sup>a</sup>. Antonia Moreira de Freitas, minha mãe, e ao Sr. João Celestino dos Santos, meu pai.

Agradeço aos meus irmãos Sueli, Sidnei e Valdeir, que sempre torceram por mim.

Agradeço aos meus colegas do Mestrado e Doutorado, por compartilhar seus conhecimentos.

Agradeço aos funcionários da secretaria do PPGL, Douglas e Jéssica, pela atenção e profissionalismo.

Agradeço às funcionárias da copa do PPGL, pela disposição para fazer o cafezinho.

Agradeço à recepcionista Edivânia, do NUDHEO, pelo atendimento e disponibilidade para localizar os materiais para pesquisa.

Agradeço ao coordenador do NUDHEO, Prof. Dr. Otávio, pelo atendimento e atenção em resposta ao e-mail de solicitação para pesquisar neste Núcleo.

Agradeço a todos os professores do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras da UNEMAT, e a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, que ministraram disciplinas e contribuíram para minha formação.

Agradeço ao professor Luiz Francisco Dias, pelo tempo dedicado às correções e contribuições na produção do artigo *NOMES DE CIDADES DE MATO GROSSO DETERMINADOS POR PONTOS CARDEAIS* de autoria de Solange Moreira dos Santos Velozo e Thalita Nogueira de Souza.

Agradeço à minha amiga Maria Eliane Vila de Pinho, pelas horas que dedicamos a estudar para seleção do Mestrado, pelas discussões, reflexões e pelo incentivo.

Agradeço à Thalita Nogueira de Souza, que desde a Graduação é uma amiga especial, compartilhando os desafios dos Estágios Supervisionados do Curso de Letras. Obrigada pelo incentivo na Pós-Graduação, pois, mesmo longe, sempre estamos perto.

Agradeço à Giseli Veronêz da Silva, de modo muito especial, por ser essa amiga de todas as horas, por auxiliar-me incansavelmente nesse processo de construção de conhecimento, pelos abraços, os quais deram-me forças para concluir este trabalho.

Agradeço à Fátima Grazielle, por aconselhar-me a não dizer, o que não precisa dizer, para dizer.

Agradeço ao Lucas Augusto Souza Pinto Alvares, pelo apoio recebido e pelas contribuições

Agradeço à Universidade do Estado do Mato Grosso-UNEMAT, a todos os professores e instituições, que firmaram parcerias para a concretização do maior desafio da UNEMAT, “a implantação de programas de pós-graduação *stricto sensu*”, pois, conforme o histórico do Programa (PPGL), essas parcerias “favorecerão, para a consolidação efetiva da pesquisa, a qualificação das publicações e a produtiva participação/promoção de eventos que promovam o permanente debate científico da linguagem [...] tanto em nível de Mestrado quanto de Doutorado”. Estas são portas que se abriram em Cáceres, permitindo nossa

integração a esses Cursos, e a produção de conhecimentos de qualidades. Desse modo, somos agraciados em fazermos parte dessa instituição, e podermos com essa pesquisa contribuir na área da linguagem, na Linha de Pesquisa: Estudo de Processos de Significação.

E, agradeço à Capes, por outorgar-me auxílio de bolsa, de modo que “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”. "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001".

*[...] Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. [...]. Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocarmos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar (BENVENISTE, 2006).*

*O universo da significação, que faz dos textos o que são, é o que produz o envolvimento que nos transporta, que nos transforma, mesmo que este universo, na tranquilidade do cotidiano, pareça não fazer parte de nossas vidas, e que descobrimos que faz (GUIMARÃES, 2017, p. 11).*

## RESUMO

Este trabalho, inscrito na linha de pesquisa Estudos de Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), propõe sondar e refletir, especificamente, como é construído, na história enunciativa, o sentido da palavra (c)sertão. A base teórico-metodológica deste trabalho fundamenta-se a partir dos estudos desenvolvidos por Eduardo Guimarães (2002), em que “o sentido se dá no acontecimento do dizer” Para tanto, na primeira seção, ocupamo-nos de recortes dos textos de padre D. Rafael Bluteau (1720), Antonio de Moraes Silva (1789 – 1890), Luís Maria da Silva Pinto (1832), Gustavo Barroso e Gilberto Mendonça Teles, documentos que apresentam possíveis explicações etimológicas da palavra (c)sertão. Na constituição do material de análise, tomamos, também, o manuscrito da carta de Pero Vaz de Caminha escrita no século XVI, a obra “*Diario da Navegação*”, de Martim Affonso, e a *Historia da Província Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gandavo (1576). O que consideramos pertinente aqui é o que se diz da palavra (c)sertão no conjunto de textos específicos tomados como materialidade linguística de verificação a partir de olhares multidisciplinares, ou seja, como (c)sertão significa nesses acontecimentos. Na segunda seção, trazemos algumas considerações da noção de “o que é texto?” do ponto de vista da *Semântica do Acontecimento* de Eduardo Guimarães, um caminho que se mostrou motivador para o desenvolvimento desta Seção. Nessa perspectiva, apresentamos uma breve abordagem dos fundamentos teórico-metodológicos formulados por Guimarães (1987, 2002, 2005, 2007, 2009, 2011, 2012, 2017, 2018), estudados durante anos pelo semanticista, além de suas reflexões recente, apresentadas em *Semântica Enunciação e Sentido* (2018). Assim, este trabalho apresenta na terceira seção um *corpus* formado por textos da obra “*Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro composta por Sebastião da Rocha Pitta, & Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonh da Sylva, 1730*”. Apresentamos os resultados das análises apreendidas e observamos que a designação de (c)sertão produz uma relação com o real, segundo a qual ela diz do Novo Mundo e rediz o Mundo Novo, partilhando desigualmente o dilatadíssimo sertão, onde a designação se apresenta por uma relação de linguagem, a partir do movimento semântico que leva uma expressão ou um nome a significar no acontecimento da linguagem, bem como a sua representação no Domínio Semântico de Determinação (DSD).

**Palavras-chave:** Semântica. Acontecimento. Enunciação. Temporalidade. (C)Sertão.

## ABSTRACT

This work, inscribed in the line of research studies of Significance Processes of the Stricto Sensu Postgraduate Program in Linguistics of the University of the State of Mato Grosso (UNEMAT), proposes to probe and to reflect, specifically, on how it is constructed in the declarative history of the sense of the word *(c)sertão*. The theoretical-methodological basis of this work is based on the studies developed by Eduardo Guimarães (2002) for being "A semantics that considers meaning to occur in the event of saying" (GUIMARÃES, 2002). For this, in the first section we focus on the texts of Father Rafael Bluteau (1720), Antonio de Moraes Silva (1789 - 1890), Luís Maria da Silva Pinto (1832), Gustavo Barroso and Gilberto Mendonça Teles, documents which present possible etymological explanations of the word *(c)sertão*. In the constitution of the material of analysis we will also take the manuscript of the letter of Pero Vaz de Caminha written in the 16th century, the work "Daily Navigation" by Martim Affonso and the "History of the Province of Santa Cruz" de Pero de Magalhães Gandavo (1576). What we will consider pertinent here is what is said of the word *(c)sertão* in the set of specific texts taken as linguistic materiality of verification from multidisciplinary looks, that is, as *(c)sertão* means in these events. In the second section, we bring some considerations to the notion of "what is text? From the point of view of the semanticist Eduardo Guimarães, a path that was motivating for the development of this Section. In this perspective, we present a brief approach to the theoretical and methodological foundations formulated by Eduardo Guimarães (1987, 2002, 2005, 2007, 2009, 2011, 2012, 2017, 2018), which have been studied for years by the semanticist, reflections and formulations were published in Semantic Enunciation and Meaning (2018). Thus, this paper presents in the third section a corpus composed of texts of the work "History of Portuguese America, from the year one thousand five hundred of its discovery, to that of one thousand seven hundred and twenty four composed by Sebastião da Rocha Pitta, 1730". We present the results of the analyzed analyzes and observe that the designation of *(c)sertão* produces a relation with the real, according to which it says of the New World and redraws the New World, sharing unequally the very wide sertão, where the designation presents itself by a language relationship, from the semantic movement that takes an expression or a name to signify in the language event, as well as its representation in the Semantic Domain of Determination (DSD).

**Keywords:** Semantics. Event. Enunciation. Temporality. (C)Sertão.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
SEÇÃO I.....	17
A HISTÓRIA DE ENUNCIÇÃO DA PALAVRA (C)SERTÃO NO BRASIL .....	17
1.1 Sentidos a partir do étimo da palavra (C)Sertão.....	18
1.2 Determinação Semântica: (C)Sertão no <i>Vocabulario Portuguez &amp; Latino</i> , (BLUTEAU, v.7 – 1720).....	19
1.3 Determinação semântica: (C)Sertão no Tomo segundo - & Latino, (SILVA, – 1789 .....	20
1.4 Designação de (C)Sertão no <i>Diccionario da Língua Brasileira</i> de 1832.....	21
1.5 Designação de (C)Sertão no acontecimento de enunciação de Gustavo Barroso (1947 ....	22
1.6 Designação de (C)Sertão no funcionamento de linguagem no texto de Gilberto Teles.....	25
1.7 Um estudo de (C)Sertão: no texto de Gustavo Barroso - 1947 .....	27
1.7.1 Um estudo de (C)Sertão: no texto de Gilberto Teles - 2002 .....	31
1.8 Designação: (sar-ser)taão integrada à Carta de Pero Vaz de Caminha – 1500 .....	38
1.8.1 A Primeira bandeira lusa: entranhada pelo Sertão do Brasil - 1530.....	42
1.8.2 A Designação de sertão na obra <i>Historia da Província Santa Cruz</i> - 1576 .....	47
1.9 Algumas considerações .....	50
SEÇÃO II .....	54
SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO E A DESIGNAÇÃO COMO O FUNDAMENTO PARA SE PENSAR A LINGUAGEM COM O MUNDO .....	54
2 Algumas considerações sobre <i>texto</i> , a partir de uma perspectiva semântico- enunciativa....	54
2.1 Fundamentos e procedimentos semântico-enunciativos de análise.....	57
2.2 Língua, acontecimento, temporalidade.....	59
2.3 Espaço de enunciação: fundamental e decisivo na história dos estudos enunciativos .....	61
2.4 Cena enunciativa: uma categoria metodológico-descritiva.....	61

2.5 Procedimento de análise: DSD - Articulação e Reescrituração .....	62
SEÇÃO III.....	66
DESIGNAÇÃO DE (C) SERTÃO, INTEGRADA AO TEXTO: <i>HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA, DESDE O ANNO DE MIL E QUINHENTOS DO SEU DESCOBRIMENTO, ATÉ O DE MIL E SETECENTOS E VINTE E QUATRO - 1730</i> .....	66
3.1 Designação: o dilatadíssimo (C)Sertão da nossa América .....	68
3.2 A designação de (C)Sertão: as brenhas e matos no sertão do Brasil.....	73
3.3 Considerações Mundo Novo: o dilatadíssimo (c) <i>sertão</i> .....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	78
REFERÊNCIAS .....	83
ANEXOS.....	87

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa integra-se ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), concentra-se na área “Estudo e Processos Linguísticos” e linha de pesquisa “Estudo de Processos de Significação”, com abrangência dos “estudos do funcionamento enunciativo da língua e dos processos de significação”.

A partir deste direcionamento, propomos uma reflexão linguística na perspectiva teórica da Semântica Enunciativa, sobre o funcionamento da palavra *(c)sertão*, de modo a verificarmos os sentidos constituídos no e pelo acontecimento de linguagem, no conjunto enunciativo de textos oficiais específicos que constituem a História Geral do Brasil, História do Brasil, e, particularmente, da História da América Portuguesa, porque “a História não estuda o homem no tempo; estuda os materiais humanos subsumidos nos conceitos” (VEYNE, 1983, p. 52).

Precipuamente, é sabido que, a partir do século XVI, Cristóvão Colombo foi o primeiro a visitar a “América”, levando especulações às Índias sobre uma “grande porção do Mundo”, o “Novo Mundo”, constituída de uma vasta Região. Esse acontecimento, no entanto, causou grande movimentação e cobiça aos navegadores, o que os levou além-mar em busca do “Novo Mundo”. Desse modo, esse acontecimento também foi o que levou o Capitão Mor, Pedro Alvares Cabral, a “descobrir o Brasil”, e ser considerado o primeiro. A partir de então, deu-se início ao processo de ocupação e colonização das terras do Brasil por Portugal, e os primeiros relatos sobre o Novo Mundo, como a carta de Pero Vaz de Caminha escrita no século XVI.

Nesse sentido, podemos encontrar significados múltiplos para a palavra *(c)sertão* integradas aos documentos datados do período colonial em vários relatos<sup>1</sup>, cartas, manuscritos, narrativas populares, regimentos, etc., de cronistas, viajantes, colonizadores, e principalmente de obras de escritores autorizados a dizerem sobre a possível “Descoberta do Brasil”, cujas descrições percorrem desde antes do século XVI, até os dias atuais. Para tanto, a consideração da História Geral do Brasil é de grande importância para nossos estudos.

---

<sup>1</sup> Tomamos esse *termo* do ponto de vista apresentado por Orlandi (2008, p.119) na obra *TERRA À VISTA - Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. Conforme a autora, “no século XVII utilizava-se a palavra “*relation*” ou “*rapport*” para significar “relatos daquilo que alguém viu pessoalmente”. Mas de acordo com a linguista, “podem-se observar já aí os começos de uma diferenciação progressiva entre ficção (narrativa) e ciência (relatório).” Ou seja, para ela, “o “*rapport*” sabe-se, especializa-se pouco a pouco para trabalhos técnicos e científicos: relatório “*rapport*” de atividades, de pesquisa. Há uma disciplinarização dessa forma de escrita”.

Iniciamos este estudo com um olhar ainda simplista, talvez o primeiro sentido designativo de *(c)sertão* no Brasil tenha sido *vasta Região*, termo que designava *a grande porção de terras na área litorânea da América Portuguesa*.

Desse modo, tomamos, particularmente, como *corpus* para sondagem e desenvolvimento deste trabalho, uma obra rara do século (XVIII), intitulada: “*Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro*, escrita por Sebastião da Rocha Pitta, &. Lisboa Occidental, na *Officina de Joseph Antonh da Sylva, 1730*”. Considerando que a palavra *Certaõ* apresenta-se enunciada no todo do texto (trinta e uma vezes) e *Certões* (nove vezes), vemos a importância desse termo nesse documento da história do Brasil.

Ao assumirmos o desafio de analisar os sentidos designativos na história enunciativa da palavra *(c)sertão* em textos oficiais que dizem sobre o Brasil, especialmente a obra do historiador Coronel Sebastião da Rocha Pitta (1730), consideramos os estudos não no sentido cronológico da História, mas como unidade de análise tomada no enunciado, a partir da perspectiva teórica materialista desenvolvida e estudada por Guimarães (1995, 2002, 2011, 2017, 2018), para quem o objeto de conhecimento constitui-se no funcionamento simbólico a partir de sua historicidade.

Portanto, o centro de nossa reflexão é o estudo da história enunciativa da palavra *(c)sertão*. Desse modo, observamos o funcionamento enunciativo da palavra, e, assim compartilhamos com a ideia de sentido apresentada por Guimarães (2018), para quem o sentido se dá “[...] como a significação do enunciado, constituído pela integração do enunciado ao texto, em virtude de sua interdependência relativa. E a semântica é nessa medida o estudo dos sentidos enunciados” (GUIMARÃES, 2018, p. 18).

Como procedimentos de análise para este estudo, consideramos o que Guimarães (2018) denomina “sondagens”, pois as sondagens, de acordo com o semanticista, colocam em evidência “[...] enunciados existentes, em textos existentes, e poderão ser relacionadas com outras sondagens que podem confirmar, infirmar, aprofundar, modificar o que se conseguiu com as sondagens já realizadas” (GUIMARÃES, 2018, p.18), tendo em vista que, para a posição que seguimos, “[...] a enunciação diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo [...] trata-se de um acontecimento, o acontecimento do dizer, que se apresenta como um acontecimento de linguagem (GUIMARÃES, 2018, p.17-18).

Esta pesquisa está organizada em três partes. Seção I: *A História de Enunciação da Palavra (C)Sertão no Brasil*, na qual consideramos pertinente o que se diz da palavra

(c)sertão no conjunto de textos específicos tomados como materialidade linguística de verificação, a partir de olhares multidisciplinares, ou seja, como (c)sertão significa nesses acontecimentos.

A seção II *Semântica do Acontecimento e a Designação como o Fundamento para se pensar a linguagem com o mundo* tomados pontua as reflexões propostas em *Semântica do Acontecimento* (GUIMARÃES, 2002), bem como apresenta um breve histórico enunciativo dos procedimentos teóricos-metodológicos, como a noção de designação, procedimento de Reescrituração e Articulação. Além disso, articula a noção de “*Domínio Semântico de Determinação (DSD)*”, conceito presente em Guimarães desde 2004, 2004a, 2005, para representar o sentido das palavras (GUIMARÃES, 2017, p. 77). Assim, tais conceitos viabilizam os possíveis relevos semânticos constituídos no funcionamento do dizer que enuncia a palavra (c)sertão.

Na Seção III, para as análises, apresentaremos oito recortes<sup>2</sup> que integram a expressão (c)sertão tomados no acontecimento de linguagem que constitui a obra: “*Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro composta por Sebastião da Rocha Pitta, & Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonh da Sylva, 1730*, e que constitui o *corpus* deste trabalho, configurado no espaço político das línguas e falantes que enunciam a colonização do Brasil de 1730.

Enunciar o modo como está organizada as seções desta pesquisa colocam-nos a dizer a importância e significação dos textos que compõem o *corpus* deste estudo. Nesse sentido, os textos que compõem o *corpus* deste trabalho importam e significam, porque são textos que “fazem parte da história de todos nós, com maior ou menor força. Não há como não se deparar com eles sempre [...] eles são decisivos para tudo que fazemos hoje (GUIMARÃES, 2012). Do ponto de vista teórico que assumimos, não pensamos o texto no sentido cronológico da História, mas como um acontecimento de linguagem e compartilhamos, por isso, a definição de *texto* desenvolvida por Guimarães (2017, p, 27):

---

<sup>2</sup> A noção de “*recorte*” definida por Orlandi (1984), em *Análise de Discurso*, segundo a qual, “o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva, entende-se fragmentos relacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (Orlandi, 1984, p.14). Essa noção é operada e utilizada por Guimarães desde *Texto e Argumentação* (1987). Portanto, do ponto de vista da análise enunciativa, o semanticista julgou necessário poder dizer, reconfigurando a *noção de recorte* de modo a ser operada aos domínios dos estudos enunciativos. Logo, tomamos e operamos neste trabalho com a noção de *recorte na concepção enunciativa*, segundo a qual, “**o recorte é um fragmento do acontecimento da enunciação**”. Ainda conforme Guimarães (2018, p. 58), “não se trata simplesmente de uma sequência, mas de formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência” (GUIMARÃES, 2008- grifos nossos).

[...] O texto é uma unidade no sentido de algo finito e que se caracteriza por integrar, anunciados. Ou seja, o texto se caracteriza por ter uma relação com outras unidades de linguagem, os enunciados, que são enunciados e que significam em virtude desta relação. O texto, é nesta medida, uma unidade que se apresenta entre outras da mesma natureza. No entanto, o texto não tem unidade, o texto é uma unidade, mas não tem unidade no sentido homogêneo, porque, o texto não é uno (GUIMARÃES, 2017, p, 27).

Portanto, com a ordem apresentada neste trabalho, acreditamos ter apresentado a designação da palavra *(c)sertão* no funcionamento semântico relacionado aos textos tomados para estudo, e que constroem a história enunciativa do sentido da palavra *(c)sertão*. Do nosso ponto de vista, “uma palavra, uma expressão significa por estarem integradas em um enunciado que é enunciado por integrar-se a um texto” (GUIMARÃES, 2018, p. 151), de modo que “a designação não é, para a semântica da enunciação, sinônimo de referência ou denotação” (GUIMARÃES, 2018, p. 151).

Em síntese, no conjunto dos textos específicos da primeira seção, observamos que a palavra *(c)sertão* apresenta traços designativos de uma rede semântica do funcionamento da língua latina, transformada por influência da língua portuguesa. Essa nova língua foi transportada para o Brasil, assim como para outros continentes, no momento das grandes navegações do final do século XV e do século XVI (GUIMARÃES, 2005, p.24).

Com os resultados das análises produzidas nas seções I e III, observamos que diferentes sentidos foram atribuídos à unidade de linguagem *(c)sertão* no percurso de sua configuração histórica. Essa constatação se deveu à linguagem, pelo funcionamento enunciativo, pelos modos de reescrituração, que atribuem sentidos, particularizam e especificam um elemento linguístico. Assim, a designação de *(c)sertão* produz uma relação com o real, ela diz do Novo Mundo e nos apresenta o Mundo Novo, partilhando, desigualmente, por uma relação de linguagem.

Como se pode observar nas enunciações, do acontecimento de linguagem de Rocha Pitta (1730), ou dos acontecimentos dos textos analisados na primeira seção, dizemos que *sertão* significa e constrói sua história de enunciação nos acontecimentos enunciativos que diz e rediz: **o Novo Mundo, o Mundo Novo, o conhecido, o desconhecido, o dilatadíssimo sertão, dominação, poder, as terras do Brasil, as dilatadas porções de terra, uma das maiores Regiões de terras.**

## SEÇÃO I

### A HISTÓRIA DE ENUNCIÇÃO DA PALAVRA (C)SERTÃO NO BRASIL

*O sertão está em toda parte; o sertão está dentro da gente*  
Guimarães Rosa (1965)

Contar a história de uma palavra, à primeira vista, pode parecer uma tarefa simples, mas a história de enunciação de uma palavra nos surpreende a cada busca. Nosso estudo toma a palavra *(c)sertão* como objeto de análise e, ao assumir a proposta de analisar e refletir sobre como os sentidos dessa palavra são construídos enunciativamente, nos deparamos com um desafio instigante. Nossa pesquisa, neste estudo, tem por objetivo observar o movimento semântico da palavra *(c)sertão* integrada a documentos oficiais do/no Brasil, e, especificamente, observada no livro *“Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro”*, obra escrita pelo historiador Coronel Sebastião da Rocha Pitta. Essa obra foi oferecida ao EL REY D. JOÃO V.

Esta obra é considerada a mais importante e mais completa sobre a História do Brasil editada no século XVIII. O manuscrito original chegou à Lisboa em 1725<sup>3</sup> e foi publicado em 1730. Rocha Pitta trata, nessa obra, da parte Meridional da grandíssima porção de terra, que compreende o Estado do Brasil, assunto desta História da América, rico documento sobre a História do Brasil Colônia.

Nesta seção, apresentamos alguns aspectos sobre a história de enunciação da palavra *(c)sertão*. Não se trata de uma história tomada no sentido cronológico, trata-se da história de uma palavra na sua relação enunciativa, no seu funcionamento de linguagem em acontecimentos diversos. Nessa perspectiva, consideramos a palavra *(c)sertão* como um enunciado<sup>4</sup>, ou seja, como uma unidade de análise em acontecimentos específicos.

Nossas análises se sustentam no materialismo histórico como ancoragem da enunciação, de acordo com os pressupostos da teoria da Semântica do Acontecimento desenvolvida por Guimarães (2002, 2011, 2018), para quem o estudo da significação se constitui no funcionamento de linguagem na sua relação com a historicidade. Considerando a

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.historia-bahia.com/bibliografia/rocha-pitta.htm>>. Acesso em: 21 set. 2018.

<sup>4</sup> Consideramos, aqui, o *enunciado* tomado do ponto de vista da Semântica Enunciativa apresentado e definido por Guimarães como: “O *enunciado* é a unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma interdependência relativa”. Para o semanticista, “estas características são consideradas em relação ao todo de que o enunciado faz parte num acontecimento de enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p. 15).

posição dessa formulação teórica, buscamos observar como se constitui a história de enunciação da palavra e em que medida essa história movimenta sentidos responsáveis pela construção de uma rede semântica que a designa e a determina diferentemente em textos diversos.

Vamos, a seguir, apresentar um percurso que movimenta enunciados na construção de sentidos da palavra *(c)sertão*.

### 1.1 Sentidos a partir do étimo da palavra (C)Sertão

Iniciemos esta seção com recortes de diversos textos: do padre D. Rafael Bluteau (1720); de Antonio de Moraes Silva<sup>5</sup> (1789 – 1890); de Luís Maria da Silva Pinto (1832); Gustavo Barroso e Gilberto Mendonça Teles cujos materiais apresentam possíveis explicações etimológicas da palavra *(c)sertão*. Não queremos dizer com isso que os estudos etimológicos possam responder a nossa indagação, mas parece-nos interessante considerar alguns aspectos pertinentes que, de certo modo, direcionam para a estabilidade semântica da palavra. Como já dito, mobilizamos os recortes do ponto de vista dos estudos da enunciação, observando-os como significam no funcionamento de enunciação nos textos desses autores. Do nosso ponto de vista, a história de uma palavra deve ser contada pelo que ela significa na sua história de enunciação.

---

<sup>5</sup>Com licença da Real Mesa da Comissão Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros. O Dicionário de Antonio Moraes Silva é a primeira sistematização moderna do léxico da língua, modelo e exemplo para todos os seguintes, o "Morais" foi sinônimo de dicionário para inúmeras gerações de portugueses e brasileiros. Embora o Dicionário de 1789 seja apresentado como uma versão "reformada" e "acrescentada" do Vocabulário Portuguez e Latino de 1712 de Rafael Bluteau, a diferença entre os dois é substantiva. Segundo o levantamento minucioso de Telmo Verdelho, o Dicionário de 1789 extirpa do Vocabulário Portuguez e Latino de 1712 seu caráter enciclopédico, pela retirada de 16.000 entradas de referência histórica ou onomástica. A reestruturação é radical: a obra de 1789 corresponde a apenas 30% do volume do Vocabulário Portuguez e Latino completo, e aproveita não mais que 5% de suas entradas. Por outro lado, o Dicionário de 1789 apresenta acréscimos significativos em relação à obra anterior: além de se terem adicionado 22.000 novas entradas, as grafias foram cuidadosamente regularizadas, as definições simplificadas, as informações gramaticais sistematizadas. E *Diccionario da lingua portugueza* composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 1e 2: A- E, L – Z) 1789 – 1890). Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413>>. Acesso: 20 out.2018.

## 1.2 Determinação Semântica: (C)Sertão no *Vocabulario Portuguez & Latino*, (BLUTEAU, v.7 – 1720)

De acordo com Oliveira (2006, p. 53), “o dizer de Bluteau (1720), se dá no espaço de enunciação entre o latim e o português, espaço em que a língua portuguesa é determinada pela língua latina”. Tomamos aqui a palavra *(c)ertão* no seu funcionamento no Tomo VII do *Vocabulário Portuguez, & Latino*, constituído das letras (Q.R.S), escrito pelo Padre Dom Rafael Bluteau. Esta obra foi certificada de todas as licenças necessárias pela Ordem de Christo, foi impressa em Lisboa, na Officina de Pascoal da Sylva, em 1720, [4], 824. Porém, este “*Vocabulário*” somente foi liberado para circulação em 1721, conforme a licença de D. J. Arcebispo que diz: “Visto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa Ocidental 21 de Setembro de 1721” (sic). Desse *Vocabulário Portuguez, & Latino*, selecionamos apenas um recorte, o que mais nos interessa e aproxima do que se diz sobre o termo *(c)ertão*, conforme segue o (R.1).

(R.1) SERTÃO. Região apartada do mar, e por todas as partes, metida entre terras. *Mediterranea Regio*. Cit (BLUTEAU, 1720, p. 613).

O dicionário de Bluteau traz a palavra “*SERTAÕ*”, mas o que nos interessa saber é: o que a palavra *(c)ertão* designa no texto de Bluteau?

Conforme (R.1), no seu funcionamento de linguagem, a palavra “*SERTAÕ*” é reescriturada por dois enunciados que atribuem sentidos para a palavra *(c)ertão*. Numa direção, “*SERTAÕ*” está reescriturada por *Região apartada do mar*. Em outra direção, “*SERTAÕ*” é reescriturada pela língua latina, pela expressão “*Mediterranea Regio*”, ou seja, conforme nossa tradução, “*SERTAÕ*” é reescriturada por “*Região metidas entre terras*”. Então, o sentido inferido a Sertão, em Bluteau, é estabelecido por *Região, apartada do mar e “Mediterranea Regio”*.

Para melhor caracterizar o DSD1, construímos a seguinte paráfrase: *SERTAÕ é Região apartada do mar e por todas as partes, metida entre terras*.

Observemos o DSD1 que segue:

## DSD1

Região apartada do mar † Sertão † *Mediterranea Regio*  
(Região metida entre terras)

*Onde se lê: SERTAÕ de um lado, é determinado por Região apartada do mar; de outro lado, SERTAÕ é determinado pelo sentido latino de Mediterranea Regio.*

Como podemos observar, vê-se no DSD1 que “SERTAÕ”, nesse funcionamento de linguagem, é determinado pela expressão latina *Mediterranea Regio*, a qual determina e predica o sentido de Sertão por “Região, apartada do mar, e por todas as partes, metida entre terras”. Assim, *Região apartada do mar* determina SERTAÕ.

### 1.3 Determinação semântica: (C)Sertão no Tomo segundo - & Latino, (SILVA, – 1789)

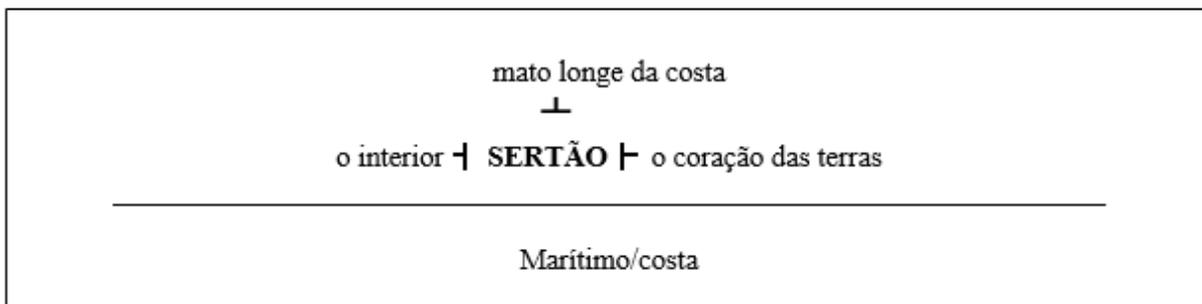
O *Tomo segundo, ou, Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, foi publicado 1789, na cidade de Lisboa, e, de acordo com Oliveira (2006, p. 57), ele “é o primeiro monolíngue do português”. Inaugurado no século XVII, esse dicionário “teve grande repercussão na lexicografia de língua portuguesa, tanto no Brasil como em Portugal” (OLIVEIRA, 2006, p. 57). Considerando a grande representatividade e importância de tal obra do monolíngüístico moderno português, há mais de 229 anos, pinçamos deste *Tomo* o (R2).

(R.2) SERTÃO, f. m. o interior, o coração das terras, oppõe-se ao marítimo, e costa v. g. *Cidade do fertão*. § O *fertão* torna-se por mato longe: da costa. § O *fertão da calma* é o lugar onde ella he mais ardente. Lobo, mettendo-se pelo *fertão da calca*, que naquele tempo fazia. (SILVA, p. 396).

Em (R.2), no funcionamento enunciativo de Moraes, de um lado, “SERTÃO” é reescriturado por especificação pela expressão “[ ] o interior” e pela metáfora “[ ] o coração das terras”, os [ ] (colchetes), nesse caso, são usados para marcar a supressão da palavra sertão em ambas expressões. “SERTÃO” é reescriturado pelas expressões “[ ] o interior” e “[ ] o coração das terras” no enunciado *o interior, o coração das terras, opondo-se ao marítimo, e costa*. Além disso, sertão também é reescriturado por “mato longe da costa”. No acontecimento de enunciação do texto de Moraes Silva, os sentidos atribuídos à palavra (c)sertão funcionam operando uma relação de assimetria antonímica com “marítimo, e costa”.

Nessa direção, temos “SERTÃO” sendo reescriturado tanto por especificação, por substituição e por desenvolvimento pelas expressões [ ] *o interior*; [ ] *o coração das terras* e [ ] *mato longe da costa*. Ou seja, “SERTÃO” é *o interior, o coração das terras, o mato longe da costa*.

## DSD2



Onde se lê: *SERTÃO* é determinado por *o interior*, é determinado por *o coração das terras* e determinado por *mato longe da costa* operando uma relação de assimetria antonímica com *marítimo e costa*. Isto é, *SERTÃO* é *o interior, o coração das terras, o mato longe da costa*.

Na sequência, apresentamos a subseção *Designação da palavra (c)sertão no dicionário da Língua Brasileira (1832)* de Luiz Maria da Silva Pinto, para observação da palavra no texto.

### 1.4 Designação de (C)Sertão no *Diccionario da Língua Brasileira de 1832*

O *Diccionario da Língua Brasileira*, de 1832 foi escrito por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de *Goyaz*. No “PROLOGO” dessa obra, Pinto (1832, p. 1) afirma que este dicionário surge de um projeto cujo objetivo é o de “auxiliar a *Grammatica, e a Orthographia*”. Com esse objetivo, diz ter cumprido a consultar todos os *Vocabulários* ao alcance, para com efeito dar os vocábulos da Língua Brasileira, não se restringindo às palavras, e às frases adotadas dos *Vocabulários* que circulavam nesse período. Não se restringiu também às palavras enunciadas no cotidiano dos índios, para que possam corroborar na compreensão e composição desse dicionário oitocentista.

Desse dicionário, destacamos o (R.3), na observação da designação de *(c)sertão*.

(R.3) SERTÃO. *s. m* - ões no plur. O interior das terras. Mata distante da costa marítima *Sertão da calma*, o lugar, onde ella he mais intensa. (PINTO, 1832, p. 124).

No recorte (R.3), observamos que a definição da palavra sertão, encontrada no texto *Dicionário da Língua Brasileira* é aproximada da definição constituída em Morais Silva (1789), conforme DSD2. Mas há uma diferença na atribuição de sentido que designa (c)*sertão* no funcionamento de linguagem no dicionário do lexicógrafo Luiz Maria da Silva Pinto. Considerando essa especificidade, podemos inferir que “Sertão” é reescriturado por especificação pela expressão preposicionada “O interior das terras”. Nessa medida, “O interior das terras” reescreve “Sertão”. De um lado, o “Sertão” é reescriturado pela expressão “O interior das terras”. De outro, o “Sertão” é reescriturado por “Mata distante da costa marítima”. Segue o DSD3:

### DSD3

O interior das terras † Sertão † Mata distante da costa marítima

*Onde se lê: SERTÃO é determinado de um lado por o interior das terras. De outro o SERTÃO é determinado por Mata distantes da costa marítima. Assim SERTÃO é o interior das terras; é Mata distantes da costa marítima.*

#### 1.5 Designação de (C)Sertão no acontecimento de enunciação de Gustavo Barroso (1947)

Tomamos agora um recorte retirado do artigo publicado no Jornal *A MANHÃ*, do Rio de Janeiro, *ORIGEM DA PALAVRA SERTÃO*, em 11 de março de 1947, observando como a palavra (c)*sertão* é designada no funcionamento do texto de um historiador e geógrafo, ao dizer sobre a etimologia dela. Gustavo Barroso<sup>6</sup> (1947, p. 54) consulta o “Dicionário Guanguela-Portugues”, do Padre Domingos Vieira Baião, e o “Dicionário da Língua Bunda de Angola”, de Frei Bernardo Maria de Canecantim, com edição Régia de Lisboa, de 1804, e nos diz ter provavelmente encontrado o verdadeiro étimo da palavra “*sertão*”.

<sup>6</sup> BARROSO, Gustavo. ORIGEM DA PALAVRA SERTÃO. In: Jornal “A MANHÃ” – Rio de Janeiro – 11/3/47. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em: 31 jul. 2018. Outras informações, estreou na literatura, aos 23 anos, usando o pseudônimo de João do Norte, com o livro *Terra de sol*, ensaio sobre a natureza e os costumes do sertão cearense. Suas obras ficaram dispersa em jornais e revistas de Fortaleza e do Rio de Janeiro, para os quais escreveu artigos, crônicas e contos, além de desenhos e caricaturas. Com 128 livros, abrangendo história, folclore, ficção, biografias, memórias, política, arqueologia, museologia, economia, crítica e ensaio, além de dicionário e poesia. Pseudônimos: João do Norte, Nautilus Jotanne e Cláudio França. Foi membro da Academia Portuguesa da História; da Academia das Ciências de Lisboa; da Royal Society of Literature de Londres; da Academia de Belas Artes de Portugal; da Sociedade dos Arqueólogos de Lisboa; do Instituto de Coimbra; da Sociedade Numismática da Bélgica, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de vários Estados; e das Sociedades de Geografia de Lisboa, do Rio de Janeiro e de Lima. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

Segundo Barroso (1947), a grafia deve ser com “C”, como foi no início e como ainda mantém no livro impresso em 1804, na letra M onde já está com todas as letras a palavra “mulceltão”, o que o levou a desconfiar da origem latina em “desertus”, a qual circulava em seu tempo como “desertão”. Nesse sentido, temos o seguinte recorte:

(R.4) [...] o vocábulo “muceltão”, seguido da forma decepada “certão”, com seu significado expresso admiravelmente em latim: “*locus mediterraneus*”. O termo muceltão é corruptela do puro angolano, *ubanda* ou simplesmente e classificadamente “bunda-michitu” ou “muchitu”, através de “**muchitun**”, “**muceltão**” [...] por nasalização dialetal. Esse termo significa “**mato**” e era empregado pela gente do interior. Tornou-se, pois, designativo de “**mato longe da costa** define Morais e, [...] Caldas Aulete” (BARROSO, 1947, p. 54 – aspas do autor e grifos nossos).

Nesse recorte, a palavra “certão” é reescriturada por substituição por especificação pela expressão latina “*locus mediterraneus*”. Nesse acontecimento de linguagem, há uma relação de simetria sinonímica entre os termos “muceltão”, “*ubanda*”, “bunda-michitu”, “muchitu” e “*muchitun*” que reescritura por substituição por definição por “mato”. Vemos, ainda, nessa designação semântica, “certão” reescriturado por substituição por especificação por “mato longe da costa”. Por conseguinte, no funcionamento de linguagem desse texto, a designação semântica atribuída a “certão” é Mato, determinado pela subjetividade marcada tanto pela influência lusa quanto pela língua africana ou angolense. Desse modo, “certão” é determinado, de um lado, por *locus mediterraneus*; em outro, é determinado por “*mato longe da costa*”. Ainda assim, “certão” é determinado pela operação sinonímica estabelecida entre os termos enunciativos “muceltão”; *ubanda*; *bunda-michitu* e *Muchitun*, os quais significam e determinam “Mato”. Portanto, “certão” é “Mato” especificado por “mato longe da costa. Dessa análise, temos o DSD abaixo:

## DSD4

muceltão — *ubanda* — bunda-michitu — Muchitun † Mato † Certão † mato longe da costa

†

*locus mediterraneus*

*Onde se lê: Certão determinado em três direções, de um lado Certão é determinado por locus mediterraneus. Ainda de outro lado, Certão é determinado por mato longe da costa. Além disso, Certão é determinado por uma operação sinonímica entre muceltão; ubanda; bunda-michitu com Muchitun que por sua vez determinam Mato que determina Certão. Sendo assim, Certão é Mato, e, é mato longe da costa. locus.*

No acontecimento de linguagem no texto de Barroso (1947), os sentidos constitutivos que inferem a designação semântica da palavra “Certão” apresentam-se nessa história de enunciação significados por sentidos que vêm da Língua Bunda, ou Angolense. Como vimos na descrição do DSD, o sentido extraído do étimo “*muchitun*” em sinonímia com “muceltão”; *ubanda*; *bunda-michitu* e *muchitun*, acaba, por influência lusa, determinando “mato” e, por consequência, determina “certão”.

Esse sentido foi sendo tomado inequivocamente pelos portugueses como **deserto grande**, tão somente, o “*desertão*”, para significar as terras africanas (BARROSO, 1947, p. 54), particularmente o interior da África cujos espaços cobertos de mato estavam sendo significados tão somente como deserto grande, tão somente como desertão, sem mato. Com isso, a palavra “certão” foi tomada pelos portugueses e substituída por sertão para nomear inicialmente qualquer “*locus mediterraneus*”, por exemplo, o “sertão do Alentejo”, ou “sertão da Beira” em Portugal. (BARROSO, 1947, p. 54). Mas o que é importante observar é que, para Canecattin (1804), “muceltão” não significa qualquer “*locus mediterraneus*”, significa “a selva, o interior das terras África”.

Continuamos, na próxima subseção, com a análise do texto de Gilberto Teles (2002) para observarmos como a palavra (*c*)*sertão* nesse funcionamento de dizer movimenta sentidos outros que designam sua história enunciativa, em que ora os sentidos se aproximam ora se diferem.

## 1.6 Designação de (C)Sertão no funcionamento de linguagem no texto de Gilberto Teles

Para esta subseção, analisamos um recorte pinçado do texto *O LU(g)AR dos sertões*, de Gilberto Teles (2002, p. 300), o qual nos apresenta uma possível explicação etimológica para a palavra *(c)sertão*. De acordo com este autor, o resultado de suas investigações sobre a origem da palavra *(c)sertão* é considerado de grande importância na compreensão da cultura brasileira (2002). Em sua concepção, o termo “Sertão” é de origem portuguesa, e só teve ascensão de significação cultural no Brasil devido à vasta extensão do território brasileiro. Teles (2002, pp. 300-301) diz que, embora em lat. Clássico [...] o conceito de *SERTÃO* tenha sido expresso por *mediterranea – orum*, como as terras do centro de um país, as regiões afastadas da costa, singularmente indica, a partir do séc. III, o mar entre a Europa e a África, o antigo *Mare Internum* ou *Mare Nostrum*.

Dessa maneira, o recorte deixa vir à tona o acontecimento da palavra *(c)sertão* no funcionamento de enunciação de Teles (2002), para quem:

**(R.5) [...] a palavra sertão pode ter surgido do intermédio do supino de *sérere*, *sertum*, com o significado próprio de “trançado”, “entrelaçamento”, e com o figurado de “embrulhado”, “enredado”, “enfileirado”. Isto porque a raiz desta forma verbo-nominal é a mesma de *desertum* (*de-sertum*: o que sai da “fileira”) passou à linguagem militar para indicar o “desertor”, aquele que sai (de-) da ordem e desaparece. Daí o subst. *desertanum* para o lugar desconhecido para onde foi o desertor, estabelecendo-se, ainda no lat. Clássico, a oposição entre *locus certus* e o “lugar incerto”, desconhecido e, figuradamente, impenetrável. As duas formas verbais provêm da mesma raiz indo-europeia, SER-, como no grego *eirô* (εἶρω) por *seryô* (σεριώ): “atar”, “entrelaçar”, “tecer ou entretecer uma fala, um discurso”; e como no latim *sérere*, “entrelaçar” (donde *serta*, pl. *De-sertum* que deu o português *sertã*, “guirlanda de flores”, “corda náutica”); e daí também o lat. *Sermo - onis*, “conversa”, “sermão”; *dissertatio*, “dissertação” e *desertum*, “lugar desconhecido e seco”, isto é, lugar fora do conhecimento (não entrelaçado nele) (TELES, 2002, p. 301 - aspas do autor e grifos nossos).**

Observa-se que a palavra *(c)sertão* neste acontecimento enunciativo é designada por sentidos diferentes, os quais podem ser representados em pelo menos três DSDs, a partir das análises a seguir.

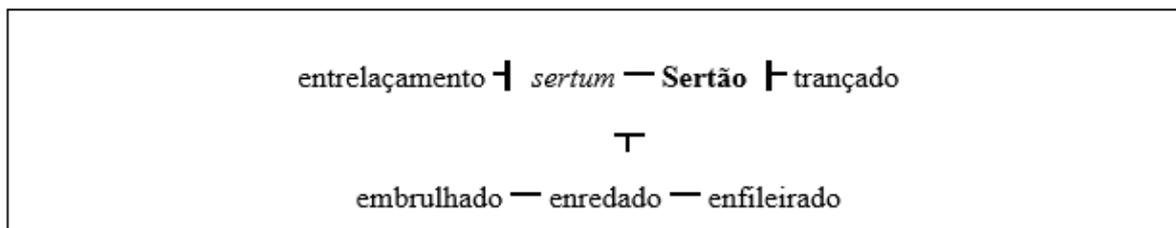
De um lado, *sertão* está operando uma relação de sinonímia com o termo latino *sertum*. *Sertão* é reescriturado por substituição em três direções. Conforme se vê, *Sertão* é reescriturado por “entrelaçamento”; “trançado”. *Sertão* também é reescriturado por

substituição pelos termos “embrulhado”, “enredado”, “enfileirado”, que operam uma relação sinonímica entre si.

Vemos, ainda, “Sertão” operando uma relação de sinonímia com o termo latino *desertanum*. Por sua vez, “Sertão/*desertanum*” é reescriturado por substituição por uma operação sinonímica estabelecida entre as expressões “o lugar desconhecido; lugar incerto e impenetrável”, que, por sua vez, operam em oposição à expressão latina *locus certus* (localização específica, ou localização certa).

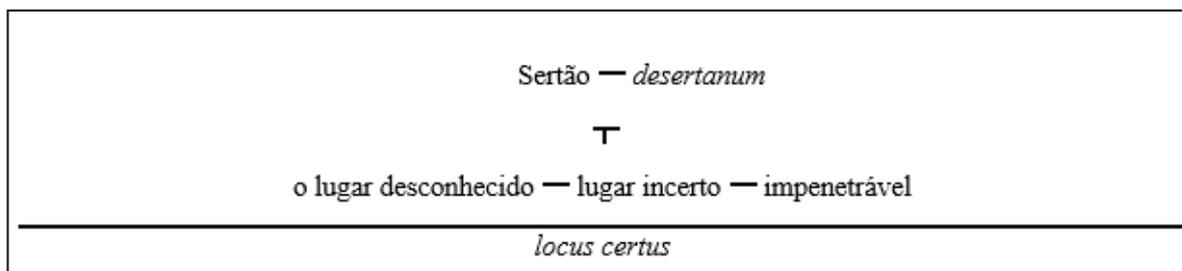
Em outro ponto da enunciação, *Sertão* opera uma relação de simetria sinonímica com o termo latino *Desertum*, reescriturado por substituição pela expressão “lugar desconhecido e seco”, operando uma relação de simetria sinonímica com “lugar fora do conhecido”. Essa reescrituração mostra que Sertão” é o “lugar desconhecido e seco”, ou é o “lugar fora do conhecido”. Posto isto, descrevemos a designação da palavra (*c*)*sertão*, conforme DSDs abaixo:

#### DSD5



*Onde se lê:* Sertão entre os termos *trançado*. De outro lado, o sertão é determinado por *sertum* que opera uma relação sinonímica com *entrelaçamento*. Sertão ainda é determinado pela sinonímia dos termos *embrulhado*; *enredado* e *enfileirado*.

#### DSD6



*Onde se lê:* Sertão opera uma relação de simetria sinonímica com *desertanum*, que é determinado por uma operação sinonímica estabelecida entre as expressões *o lugar desconhecido*; *lugar incerto* e *impenetrável*, que por sua vez, operam em oposição a expressão latina *locus certus*. Logo, Sertão é *o lugar desconhecido*; é *o lugar incerto* e *impenetrável*.

## DSD7

lugar desconhecido e seco — lugar fora do conhecimento  
 ⊥

*Desertum* — Sertão

*Onde se lê:* Sertão opera uma relação de simetria sinonímica com o temo latino *Desertum* que é determinado pela expressão *lugar desconhecido e seco* que opera uma relação de simetria sinonímica com *lugar fora do conhecido*. Ou seja, sertão é determinado por *lugar desconhecido e seco*, é o *lugar fora do conhecido*.

Com as determinações semânticas produzidas nos DSDs R5; R6; R7, podemos observar que, no texto de Gilberto Teles, os sentidos que configuram a história de enunciação da palavra *(c)sertão* trazem atribuições de sentidos que determinam, qualificam e caracterizam não só a palavra, mas também apresentam características que determinam e qualificam o modo como se apresentam o lugar onde é Sertão. Conforme R5, entrelaçamento, trançado, embrulhado, enredado e enfileirado.

Se verificarmos R6 e R7, o termo *(c)sertão* é definido como o lugar desconhecido, o lugar incerto, impenetrável, logo, *(c)sertão* é o lugar desconhecido e seco, o lugar fora do conhecido, ou seja, produz sentidos que funcionam em oposição aos sentidos constituídos por *locus certus* – “localização específica”, ou “localização certa”. Portanto, nesse acontecimento de linguagem, *(c)sertão* é “o lugar incerto” que opera sinonimicamente com “lugar desconhecido e impenetrável”. Sobretudo, o DSD que caracteriza *(c)sertão* é o DSD6.

### 1.7 Um estudo de (C)Sertão: no texto de Gustavo Barroso – 1947

O texto desta subseção é o do brasileiro Gustavo Barroso<sup>7</sup>, historiador e geógrafo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que, entre estas e outras atividades, também era

<sup>7</sup> BARROSO, Gustavo. ORIGEM DA PALAVRA SERTÃO. In: Jornal “A MANHÃ” – Rio de Janeiro – 11/3/47. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em: 31 jul.2018. Outras informações, estreou na literatura, aos 23 anos, usando o pseudônimo de João do Norte, com o livro *Terra de sol*, ensaio sobre a natureza e **os costumes do sertão cearense**. Suas obras ficaram dispersa em jornais e revistas de Fortaleza e do Rio de Janeiro, para os quais escreveu artigos, crônicas e contos, além de desenhos e caricaturas. Com 128 livros, abrangendo história, folclore, ficção, biografias, memórias, política, arqueologia, museologia, economia, crítica e ensaio, além de dicionário e poesia. Pseudônimos: João do Norte, Nautilus Jotanne e Cláudio França. Foi membro da Academia Portuguesa da História; da Academia das Ciências de Lisboa; da Royal Society of Literature de Londres; da Academia de Belas Artes de Portugal; da Sociedade dos Arqueólogos de Lisboa; do Instituto de Coimbra; da Sociedade Numismática da Bélgica, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de vários Estados; e das Sociedades de Geografia de Lisboa, do Rio de

colaborador do Jornal *A MANHÃ*, do Rio de Janeiro, onde publicou um importante artigo intitulado: *ORIGEM DA PALAVRA SERTÃO*, em 11 de março de 1947. O objetivo do autor é apresentar um estudo etimológico da palavra sertão, possibilitando-nos conhecer o que ele chamou de “discrepância da grafia, a mais antiga com “C”, a mais moderna com “S”, o que o levou a desconfiar da origem latina em “desertus”, circulada em seu tempo como “desertão”.

Barroso (1947, p. 54), inicialmente, diz que “a palavra portuguesa “*Sertão*” não passa de uma fragmentação da forma “desertão”, usada como “apelativo pelos portugueses às **regiões despovoadas e hípidas da África equatorial**”. Dessa circunstância, segundo este pesquisador, foi que se teve o entendimento, segundo o qual a forma *sertão*, grafada com “S”, aparece desde as literaturas clássicas de Castanheda<sup>8</sup> e, desse modo, viu-se grafadas em todas as obras de cunho literário de Portugal e do Brasil. Assim também foi grafada “no póstico do livro imortal<sup>9</sup>, de Euclides da Cunha”.

Em seguida, o estudioso toma alguns dicionários como materialidades possíveis para traçar um esquema de definição da palavra *Sertão*. Dessa maneira, a primeira definição vem do lexicógrafo Morais, segundo o qual o *Sertão* é [...] “<sup>10</sup>O interior, o coração das terras, opõem-se ao “marítimo” e “costa”. O sertão torna “mato longe da costa”.

A concepção de Gustavo Barroso, ao consultar o dicionário de Caldas Aulete, diz ser este dicionário o “mais explícito”, por fundamentar-se exemplificando, ao definir a última frase de Morais como: “**O ponto ou sítio mais afastado dos terrenos cultos, “mato longe da costa”**” (BARROSO, 1947, p. 54). Nessa medida, o Aulete exemplifica as definições do substantivo “*Sertão*” elaboradas por Morais, fundamentando-se em Alexandre Herculano<sup>11</sup>, o qual diz sertão como: “*terras sertanejas que demoram ao norte e oriente do Sado*”, ou seja,

---

Janeiro e de Lima. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

<sup>8</sup> Fernão Lopes de Castanheda, escritor cronista da primeira metade do século XVI. A sua História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses é a primeira crônica da Expansão a ser impressa, sendo traduzida ainda em 1500 para Francês, Castelhana, Italiano, Alemão e Inglês. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

<sup>9</sup> Conforme descrição in: A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR”, o Livro: Canudos: Diário de uma expedição, é o texto imortal e entrada para o imortal, Euclides da Cunha. Ou seja, conforme enunciado, “é um livro-reportagem, é a matéria-prima para o seu grande livro Os Sertões. Em 1897, depois de publicar em O Estado de S. Paulo dois textos sobre a Campanha de Canudos, Euclides da Cunha foi convidado pelo jornal a ir à Bahia, onde presenciou os últimos momentos do conflito baiano. Canudos – Diário de uma Expedição é um livro complementar à leitura de Os Sertões”.

<sup>10</sup> (aspas do autor).

<sup>11</sup> Escritores portugueses, atuou como historiador, jornalista, romancista e poeta. Ficou famoso por retratar em suas obras a história de Portugal e como ela acontecia. Também, estudou lógica, latim e retórica [...] estudou matemática, na Academia da Marinha Real, com a intenção de seguir a carreira comercial, contudo foi na literatura que se destacou. Os temas predominantes de seus estudos eram as origens de Portugal. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/biografia-e-obras-de-alexandre-herculano>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

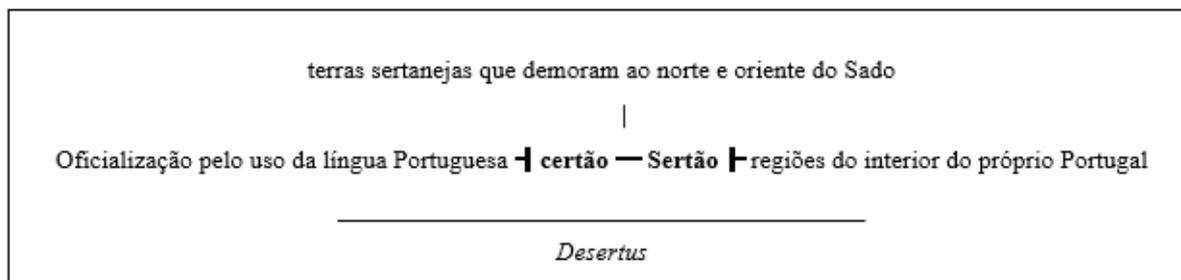
“que trata do adjetivo derivado do substantivo, e a este dá, como forma correspondente a palavra latina de “*desertus*”. Sendo assim, Barroso (1947) presume que é da afirmação do *Dicionário Contemporâneo*, a opinião geral sobre a *origem da palavra sertão*, de “desertão”. Outros dicionários de seu tempo, conforme o historiador, não mostravam nada mais do que isso.

No século XVI, “o vocábulo Sertão” já circulava “em documentos mais antigos” cujas designações referiam-se às “*regiões do interior do próprio Portugal*”, mas o sentido e característica gráfica eram diferentes daquela geralmente aceita (BARROSO, 1947, p. 54). Nessa conjuntura, segundo o historiador e geógrafo do jornal *A Manhã*, a palavra “*certão*” oficializou-se em consequência do seu uso, indicando “*regiões do interior do próprio Portugal*”, as quais não tinham nada de desertas e estavam significando, conforme a frase de Alexandre Herculano: “*terras sertanejas que demoram ao norte e oriente do Sado*”. Vejamos o recorte a seguir:

(R.6) [...] em documentos mais antigos se encontra uma grafia diferentes da que foi geralmente aceita e o uso oficializou: “certão”. E, ali por volta do século XVI, pode-se encontrar a palavra indicando regiões do interior do próprio Portugal, absolutamente nada desertas, do mesmo modo e com o mesmo significado da frase de Alexandre Herculano citado por Caldas Aulete. Obvio é, portanto, que alguma causa devia haver para essa discrepância de grafia, a mais antiga com “C”, a mais moderna “S”, levando isso e o outro fato citado a desconfiar da origem latina “*desertus*”, veiculada através do aumentativo “desertão” (BARROSO, 1947, p. 54).

Para descrevermos esse dito, apresentamos o **DSD8**, considerando as reflexões desta subseção. Como vemos, “certão” é reescriturada por substituição pela expressão “oficializou-se em consequência do seu uso”, ou seja, podemos parafraseá-la por “oficialização pelo uso da língua Portuguesa”.

## DSD8



*Onde se lê: Sertão é determinado por regiões do interior do próprio Portugal que opera uma simetria sinonímica com terras sertanejas que demoram ao norte e oriente do Sado. Ainda podemos ver, certão determinado por Oficialização pelo uso da língua Portuguesa em sinonímia com Sertão. Nesse sentido, certão e sertão, operam uma assimetria antonímica com desertus.*

O que é surpreendente, no estudo sobre a palavra “Sertão” desenvolvido por Barroso, é que o próprio estudioso entendeu como discrepante o que ele chama de “a grafia mais antiga com “C”, e a “grafia moderna com “S”, após constatar que o significado usado tanto para “certão” quanto para “Sertão” eram o mesmo definido por Alexandre Herculano, já que se “tratava do adjetivo derivado do substantivo, e a este era dado a forma correspondente à palavra latina de “*desertus*”, veiculada pelo aumentativo “desertão”. Logo, tem-se uma contradição do ponto de vista que ele defendia até então sobre o étimo da palavra (*c*)sertão.

Possivelmente, essa contradição entre as palavras pode ter sido o motivo que levou Pedro Calmon (1947) apresentar à Academia Brasileira a hipótese de que “*procurasse quanto possível, estudos da etimologia da palavra “Sertão”, considerados importantes, pois, do seu ponto de vista, esta palavra interessava a nós, porque “é aplicada diariamente para indicar “as vastidões semi-povoadas” ou “despovoadas da mesma terra”, a (interlandia). No entanto, este pedido não foi aceito pela Academia de Letras, pois os ocupantes das cadeiras entenderam que isso não definia a palavra sertão.*

Esse acontecimento foi o que motivou Barroso a empenhar-se ainda mais sobre o estudo etimológico da palavra Sertão, isto é, impulsionando-o profundamente a estudar a “Gramática da Língua do Congo”, de José Lourenço Tavares, na qual examinou o vocabulário “*benguela*”, que acompanha as “Aventuras de Caça” de Antônio de Aguiar, o qual inclui como africana a palavra indígena “*capim*”.

Mas, conforme Barroso, foi com “*paciência beneditina*” que ele consultou o “Dicionário Guanguela-Portugues”, do Padre Domingos Vieira Baião, e o “Dicionário da Língua Bunda de Angola”, de Frei Bernardo Maria de Cannecattin, com edição Régia de Lisboa, de 1804, e encontrou o verdadeiro étimo da palavra “*sertão*”, conforme apresentamos na seção I, deste trabalho.

Como vimos, os sentidos que designam a palavra *(c)sertão* se caracterizam no acontecimento de linguagem no espaço de enunciação entre línguas e falantes, relação na qual encontramos funcionando a Língua Bunda, a Latina e a Portuguesa de Portugal, na relação com os falantes do Angolense, antes do contato com Brasil. Assim, a palavra sertão, ao ser enunciada pelos portugueses do lugar de enunciação do português de Portugal, toma “certão” para nomear inicialmente qualquer lugar que se situasse entre terras dentro dos domínios do próprio Portugal, por exemplo, “o “sertão do Alentejo”, ou “sertão da Beira” em Portugal” (BARROSO, 1947, p. 54).

Ressaltamos que é importante observar que, para Canneccattin (1804), “muceltão” não significa qualquer “*locus mediterraneus*”, significa “a selva, o interior das terras africana”.

### 1.7.1 Um estudo de (C)Sertão: no texto de Gilberto Teles – 2002

Nesta subseção, apresentamos o estudo desenvolvido pelo brasileiro e pesquisador Gilberto Mendonça Teles, desde 1991, acerca da palavra *(c)sertão*. De acordo o autor, a palavra foi sendo incorporada à língua portuguesa falada na América (Brasil), a partir do ponto de vista da metrópole. A apresentação de um primeiro ensaio sobre a palavra *(c)sertão* aconteceu em uma conferência na França, e isso levou-o a posterior publicação deste ensaio intitulado: *O LU(G)AR DOS SERTÕES* em alguns periódicos, e, atualmente, ampliado e integrado ao livro *O clarim e a oração: Cem anos de Os sertões*. Conforme o próprio enunciado do título, Teles desenvolve um estudo observando a palavra *(c)sertão* numa perspectiva crítico-literária em documentos específicos e multidisciplinares, mostrando como essa palavra foi sendo servida e designada numa perspectiva opositiva entre o ponto de vista de quem vê o *sertão* e o descreve olhando de fora dele e de quem o vê e o descreve de dentro dele/nele. Assim, selecionamos fragmentos do texto de Teles (2002), para compor o nosso sétimo recorte (R.7) da palavra<sup>12</sup> *sertão*:

**(R.7)** [...] tem servido, em Portugal e no Brasil, para designar o “incerto”, o “desconhecido”, o “longínquo”, o “interior”, o “inculto” (terras não cultivadas e de gente grosseira), numa perspectiva de oposição ao ponto de

<sup>12</sup>Na sua forma inicial, de conferência, publicado em francês no *Colloque International – Sertão: Réalité, Mythe et Fiction*. Université de Haute Bretagne, Rennes, França, 1991. Ampliado e transcrito em *A escrituração da escrita*. Petrópolis: Vozes, 1996. Novamente ampliado para *O clarim e a oração: Cem anos de Os sertões*. São Paulo: Geração, 2002. E em *Via viator: Estudos em homenagem a Fernando Cristóvão*. Lisboa: Colibri, 2004. Finalmente, no livro *Contramargem-II*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2009. E na *Revista Brasileira*, da ABL. In: *O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*. Rinaldo de Fernandes (Idem, 2002, p.263).

vista do observador, que se vê sempre no “certo”, no “conhecido”, no “próximo”, no “litoral”, no “culto”, isto é, num lugar privilegiado — na “civilização” [...]

[...] o ponto de vista do europeu — era o seu *dito* (ou seu ditado), enquanto **nas florestas, nos descampados, nas regiões tidas por inóspitas, de vegetação difícil**, se ia criando a subversão de um *não-dito* nativista e sertanista que se tornou um dos mais importantes *signos* da cultura brasileira, sobretudo depois que Euclides da Cunha, no início do século XX [1902], publicou o seu livro magistral, *Os sertões, escancarando a realidade brasileira para os próprios brasileiros que, durante todo o século XX, discutiu e louvou este livro, pondo sempre em evidência a sua linguagem*, mas **sem compreender bem os sentidos latentes na tortuosidade de uma escrita** que a crítica, apalermada, pensou fosse uma “prosa parnasiana”, tratando logo de classificar o livro como “romance” [...]

[...] foi neste deslizar entre a *língua e a linguagem*, entre o *lugar da acepção geográfica* e o *lu(g)ar da acepção poética*, que se criaram as melhores imagens do *sertão* [...] foi no “*entrelugar*” do *sertão*, espaço entre a *língua e a linguagem*, entre a observação que se quer *científica e a imaginação* que o leva à literatura.

[...] de raiz indo-europeia *DAI-*, com a significação geral de “*dividir*”, “*repartir os destinos*”, possibilitou a formação de *daymón* (“o que reparte os destinos dos homens” e, daí o *demônio*, ser entre os deuses e os homens) e de *démos* (“o que recebe”, o *povo, o território, o país*).

[...] que o adj. *Certum*, através da expressão *domicilium certum* e da forma que tomou no port. Arcaico, *certão*, pode ter contagiado tanto o significante como o significado de *de-sertanum*, levando-o semanticamente a “lugar incerto”, *sertão*, palavra que aponta sempre para um sítio distante de quem está falando; e quem falava “estava” sempre no “litoral”, enquanto o outro, o interlocutor, se distanciava no espaço contextualizado. Deve ter-se formado no séc. XV, quando as navegações portuguesas começaram a chegar às costas da África, cujo “interior”, visto do navio, do litoral), era tido como *sertão* (TELES, 2002, p. 263-301 – grifos nossos).

Na citação supracitada, o nome (*c*)*sertão*, ao funcionar neste acontecimento, identifica e constitui sentidos que determinam o outro enquanto incerto, inculto, o desconhecido, o longínquo, o interior, gente grosseira e incivilizada em oposição àquele que diz do lugar do sempre certo, do culto, do civilizado. Segundo Karim e Alvares (2018):

Esse funcionamento semântico, instaurado pelo acontecimento de nomeação, os constitui sócio-historicamente; são, em verdade, identificados como tal, [...], considerando aqui também os sentidos construídos e estabilizados pela história enunciativa da palavra no ocidente civilizado (KARIM; ALVARES, 2018, p. 164).

Ainda em Teles, observa-se que o nome *(c)sertão* “é uma dessas palavras que traz em si, por dentro e por fora, as marcas do processo colonizador” (TELES, 2002, p. 263). Ou seja, o termo *(c)sertão* determina e identifica o outro a partir do lugar do colonizador, daquele que domina, que diz do lugar da civilização. Nesse sentido, a história enunciativa de *(c)sertão* apresenta sentidos que significam e determinam o lugar incerto, distante, o ser inculto, grosseiro e incivilizado.

Conforme podemos observar no dizer de Teles (2002), a palavra *(c)sertão* resulta de uma linguagem possessiva, em que [...] “o *símbolo* comandava a significação, (re) produzindo-a de cima para baixo, verticalmente”, sem considerar o lugar de dizer do outro. Desse modo, conforme Teles (2002, p. 263), o que se refletia na América era:

[...] o ponto de vista do europeu — era o seu *dito* (ou seu ditado), enquanto **nas florestas, nos descampados, nas regiões tidas por inóspitas, de vegetação difícil**, se ia criando a subversão de um *não-dito* nativista e sertanista que se tornou um dos mais importantes *signos* da cultura brasileira, sobretudo depois que Euclides da Cunha, no início do século XX [1902], publicou o seu livro magistral, *Os sertões, escancarando a realidade brasileira para os próprios brasileiros que, durante todo o século XX, discutiu e louvou este livro, pondo sempre em evidência a sua linguagem, mas sem compreender bem os sentidos latentes na tortuosidade de uma escrita que a crítica, apalermada, pensou fosse uma “prosa parnasiana”, tratando logo de classificar o livro como “romance”[...] (TELES, 2002, p. 263 – grifos nossos).*

Portanto, de acordo com o crítico literário, conseqüentemente, a falta de rigorosidade e de interpretação dos sentidos que estavam e estão latentes nos estudos de Euclides da Cunha levaram à obscuridade etimológica e à subversão da palavra *(c)sertão*, fazendo alguns pressupostos históricos formalizados, por exemplo, como a subversão de: *sertão* x *nordeste*, *sertão* x *região*, *sertão* x *litoral* entre outras oposições, genericamente criadas para significar o que seja *(c)sertão*. Com isso, ao observar uma certa obscuridade sobre o étimo da palavra *(c)sertão*, o crítico literário mostra que esse termo, ao longo de sua história de enunciação, diz, e muito, sobre o desenvolvimento dos espaços brasileiros.

Da configuração geográfica do Brasil, com a grande extensão de terras, “resultaram grandes áreas vazias no Centro, no Planalto Central, que só a partir de 1950 começam a ser efetivamente ocupadas” (TELES, 2002, p. 264). Ou seja, o espaço existente em oposição à costa litorânea é significado em direção ao interior das terras brasileiras, como “grandes áreas vazias no Centro, no Planalto Central”.

Observa-se, neste sentido, que a palavra sertão significa no movimento do espaço geográfico brasileiro à medida que este se ampliou de Leste a Oeste e de Norte a Sul. Verificando, com a devida atenção, podemos observar que, considerando o espaço não como espaço empírico (geográfico) a palavra sertão se movimentou com o espaço de enunciação do português do Brasil a medida que foi sendo enunciada em poesias e obras literárias pelas mudanças operadas, como diz o autor, no significante.

Sobre a constituição do sentido da palavra *(c)sertão*, podemos observar, com o estudo de Teles (2002), como o *sertão* dos espaços brasileiros (espaço físico expandido ao Oeste do Brasil) foi constituindo sentidos que se estabilizaram em consonância com o enunciado: “o sertão é outro lugar, é o lugar do outro”. Esse sentido é construído por um falante que fala de fora dele, ou seja, o sentido construído para a palavra sertão é moldado como um lugar distante dos olhos de quem enuncia. Como se observa, o sentido de *(c)sertão* constitui-se pelo imaginário dos cronistas, viajantes etc., de modo que, a partir do século quinhentista, figuram sentidos como: o lugar distante, o espaço desconhecido, o longínquo de difícil acesso.

Como se sabe, a palavra *sertão* foi sendo incorporada à língua portuguesa falada na América (Brasil), a partir do ponto de vista da metrópole do século XVI, sempre caracterizada “num demonstrativo, num advérbio ou num dêitico [esse, ali, lá, acolá, mais além]” (TELES, 2002, p. 264).

Esta afirmação pode ter sido encontrada e fundamentada com o dizer de Rocha Pombo (1918), em sua raríssima obra *NOTAS DE VIAGEM (NORTE DO BRASIL)*, cujos enunciados encontram-se mais uma vez no <sup>13</sup>Dicionário de *sinônimos da língua portuguesa* integrado à *Coleção Antônio de Moraes Silva* (2011). Assim, o *sertão* é sinonimicamente caracterizado como:

[...] *ALI, lá, acolá, aí, além.* – *Ali* diz propriamente – “naquele lugar”, tanto à vista como no sítio de que se acaba de tratar. – *Lá* significa – “naquele outro lugar”; isto é – no lugar que não é o em que me encontro eu presentemente e que está distante de mim, na parte oposta àquela em que estou. – *Aí* quer dizer – “nesse lugar”; isto é – no lugar em que se encontra a pessoa a quem nos dirigimos. – *Acolá* diz – “ali, naquele lugar que está à vista, mas que não é o que eu ocupo, nem o que está ocupando a pessoa com quem falo”. – *Além* significa – “mais para diante, do outro lado de um lugar ou um

<sup>13</sup>Pombo, Rocha, 1857-1933. Dicionário de sinônimos da língua portuguesa / Rocha Pombo; [apresentação, Evanildo Bechara]. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. 526 p.; 23 cm. – (Coleção Antônio de Moraes Silva; v. 10)

acidente à vista, ou mesmo não visível” (POMBO, 2011, p. 241 – grifos nossos).

Com essa descrição, Teles (2002, p. 241) afirma que a subversão dos sentidos dessa palavra só foi possível a partir do momento em que o escritor deixou de escrever olhando de fora, e passou a enunciar sua própria linguagem, assumindo-o como circunstância e de modo harmônico, falando de dentro do *(c)sertão* (dentro dele / nele). Dito de outro modo, essa transformação só foi possível, quando o escritor abandonou o já estabelecido, o já dito, e começou a escrever e descrever o real existente e partilhado, do que se via dentro do *(c)sertão*.

Desse modo, para exemplificar e mostrar que é no deslizamento entre a língua e a linguagem que se constrói novos sentidos das palavras, Teles (2002) toma como exemplo a linguagem utilizada por Claudio Manuel da Costa, no poema épico “Vila Rica”, de 1773, em que o poeta brasileiro enunciou o sintagma “Destes Sertões dobrei” cujo modo de dizer mostra que o poeta se assume falando de dentro de Vila Rica, ou de dentro dos Sertões de Minas Gerais. Segundo Teles:

[...] foi neste deslizar entre a *língua e a linguagem*, entre o *lugar da acepção geográfica* e o *lu(g)ar da acepção poética*, que se criaram as melhores imagens do *sertão* [...] foi no “*entrelugar*” do *sertão*, espaço entre a *língua e a linguagem*, entre a observação que se quer *científica e a imaginação* que o leva à literatura (TELES, 2002, p. 264 – grifos nossos).

Então, o *(c)sertão* constituiu-se no deslizamento entre *língua/linguagem*, entre o *lugar da acepção geográfica/ lu(g)ar da acepção poética*. Isto é, foi no “entrelugar” do dizer dos historiadores/cronistas/viajantes/religiosos/catequistas/cartógrafos, ou seja, no espaço político entre línguas/falantes, entre o *científico/imaginação*, que a palavra *(c)sertão* teceu uma rede de sentidos que historiciza o Brasil.

Trazer uma possível explicação etimológica para a palavra *(c)ertão* implica em observar a aproximação de sentidos entre palavras. Diante desse ponto de vista, o crítico literário Gilberto Teles (2002, p. 300) toma como exemplo as palavras *daymón e démos* [δαίμων e δῆμος], para dizer que “não é preciso imaginação poética” para tais aproximações de sentidos. Conforme este crítico, as palavras:

[...] de raiz indo-europeia *DAI-*, com a significação geral de “*dividir*”, ‘*repartir os destinos*’, possibilitou a formação de *daymón* (“o que reparte os destinos dos homens” e, daí o *demônio*, ser entre os deuses e os homens) e

de *demos* (“o que recebe”, o povo, o território, o país) (TELES, 2002, p. 300).

Tomando esse exemplo, Teles (2002) tece críticas aos dicionários que não trazem a aproximação de sentidos entre as palavras. Segundo este crítico, alguns lexicógrafos apontam apenas repetições com “ligeiras variações”, e significados tomados de Bluteau, em 1720. Portanto, os dicionários constituídos desse modo são chamados de dicionários “comuns”.

Como afirma Teles, o resultado de suas investigações sobre a origem da palavra *(c)sertão* é considerado de grande importância na compreensão da cultura brasileira (TELES, 2002, p. 300). Para ele, o termo “Sertão” é de origem portuguesa, no entanto, esse termo só teve ascensão de significação cultural no Brasil devido à vasta extensão do território brasileiro. De modo adversativo, Teles (2002, pp. 300-301) diz que, “embora em lat. Clássico [...] o conceito de *SERTÃO* tenha sido expresso por *mediterranea - orum* (as terras do centro de um país, as regiões afastadas da costa), singularmente indica, a partir do séc. III, (o mar entre a Europa e a África, o antigo *Mare Internum* ou *Mare Nostrum*)”.

Sobre o princípio etimológico do estudo apresentado por Teles (2002), o qual tomamos na subseção 1.7.1 deste trabalho, apresentamos o DSD para representarmos como a palavra *(c)sertão* está designada no seu princípio etimológico conforme enuncia o autor:

[...]que o adj. *Certum*, através da expressão *domicilium certum* e da forma que tomou no port. Arcaico, *certão*, pode ter contagiado tanto o significante como o significado de *de-sertanum*, levando-o semanticamente a “lugar incerto”, *sertão*, palavra que aponta sempre para um sítio distante de quem está falando; e quem falava “estava” sempre no “litoral”, enquanto o outro, o interlocutor, se distanciava no espaço contextualizado. Deve ter-se formado no séc. XV, quando as navegações portuguesas começaram a chegar às costas da África, cujo “interior”, visto do navio, do litoral), era tido como *sertão* (TELES, 2002, 301).

Como se observa, a expressão latina *Certum* é reescriturada por expansão sinonímica por *domicilium certum*, reescriturada por **litoral**, que é reescriturado por especificação por **costas da África**, desdobrada na sua reescritura por definição “**interior**”, **visto do navio, do litoral**. Em outro direcionamento, vemos a palavra *(c)sertão* reescriturada por substituição pelo termo *de-sertanum*, que, por sua vez, é reescriturado por substituição sinonímica pelo funcionamento de linguagem “**lugar incerto**”. Ainda em um outro funcionamento enunciativo, *(c)sertão* é reescriturado por substituição por **sítio distante**, o qual opera uma assimetria de antonímia com *Certum* e uma sinonímia com *domicilium certum*, determinado

por **litoral**, que determina por especificação **costas da África**, e esta determina por definição **“interior”**, visto do navio, do litoral. Diante do exposto, segue o DSD:

#### DSD9

<p>sítio distante † <i>(c)sertão</i> † <i>de-sertanum</i> — lugar incerto</p> <hr/> <p><i>Certum</i> — <i>domicilium certum</i> † litoral † costas da África</p>
--

Onde se lê: *(c)sertão* é determinado de um lado por *sítio distante*. De outro lado: *(c)sertão* é determinado pelo termo latino “*de-sertanum*” que opera uma relação de simetria sinonímica com *lugar incerto* que operam em oposição com a descrição constituída com os termos *Certum* em sinonímia com *domicilium certum* que é determinado por *litoral* que também determina *costa da África* que determina *interior*.

O que nos interessa dos acontecimentos enunciativos, tanto do estudo do geógrafo Barroso (1947), quanto do estudo do crítico literário Gilberto Teles (2002), é observar o movimento semântico da palavra *(c)sertão*, no funcionamento do dizer, integrado ao texto. A história etimológica dessa palavra cuja significações se diferem e se aproximam, segundo esses autores, contribuem para mostrarmos em nosso trabalho como foi se constituindo a história enunciativa da palavra *(c)sertão*, conhecida no Brasil como sertão.

Portanto, vimos que o estudo de Barroso (1947) nos mostra uma possibilidade da existência opositiva e negativa de sentidos entre as palavras “Sertão” e “Desertão”, em que a segunda nega os sentidos da primeira pelo uso do prefixo “Des”. Para exemplificar sobre tal prefixo, compartilhamos do dizer de Osório (1986, p. 239):

[...] Deve notar-se, aliás, que Damião de Góis deu-se bem conta das sugestões que se podia tirar da utilização do prefixo *des*, na medida em que este permitia deixar nítida a forma primitiva cujo sentido se pretendia negar; assim, para além de casos como *desastre*, *desgosto*, *desfalecer*, *desacostumar*, onde a incidência do prefixo estava já diluída, outros, pelo contrário, possuíam ainda uma forma que valia a pena aproveitar: *desalmados*, *desvariar*, *destemperar*, *desenfreadamente*, *desordenadas*, *desonestas*, *desordenadamente* (OSÓRIO, 1986, p. 239).

Nestes termos, pode-se explicar como pode ter ocorrido a inequívocidade de sentido atribuída à palavra *(c)sertão*, constituída pelos portugueses a partir da designação **deserto grande**, tão somente; o **“desertão”** para significar as terras africanas (OSÓRIO, 1947, p. 54), como apresentado na primeira parte deste trabalho, na subseção 1.7.

Já no estudo do brasileiro Gilberto Teles, observamos que há uma preocupação com a questão semântica da palavra *(c)sertão*, quando Teles (2002) toma como exemplo e apresenta uma aproximação dos sentidos compreendidos na relação das palavras *daymón e démos* [δαίμων e δῆμος], cuja constituição de sentidos se aproxima de “repartir” e “receber”, embora signifiquem diferentemente, no funcionamento de linguagem.

Na sequência, observamos na subseção seguinte dois recortes retirados da Carta de Pero Vaz de Caminha. Nessa Carta, Caminha enuncia *sartaão/sertaão*, para dizer e significar *(c)sertão*.

### 1.8 Designação: (sar-ser)taão integrada à Carta de Pero Vaz de Caminha – 1500

Iniciemos nossa sondagem pela Carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em primeiro de maio de 1500, cujo propósito é o de apresentar a D. Manoel I e à Coroa Portuguesa as primeiras impressões e notícias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral [Manuscrito<sup>14</sup>]. O que consideramos pertinente, para este trabalho, nessa Carta, é que a palavra *(c)sertão* é enunciada duas vezes no corpo da Carta.

Atualmente, a cópia da Carta de Caminha, de 1500, é facilmente encontrada *online*. Interessa-nos essa carta, pelo motivo de que a palavra *(c)sertão* aparece duas vezes nela, porém grafadas diferentemente – *sartaão* e *sertaão*. Essa questão, a da variação da grafia, pode ser respondida, levando em conta os apontamentos de Auroux (1992) sobre a prática manuscrita medieval, a qual era sujeita à variabilidade ortográfica:

[...] A prática manuscrita medieval deixa teoricamente espaço, em cada exemplar, para a variabilidade, sobretudo ortográfica. Com a imprensa, não apenas a multiplicação do mesmo é incontornável, como a normalização dos vernáculos se torna uma questão de standardização profissional. A ortografia, a pontuação e a regularização da morfologia concernem aos impressores tipográficos (com ou sem o concurso dos autores e dos gramáticos, e mesmo contra eles) inicialmente no seio de cada ateliê, depois para todos que trabalham na mesma língua: a difusão do livro impresso impõe, então, a constituição de um espaço ilimitado no qual cada idioma, liberado da variação geográfica, se torna isótopo. A gramatização dos

<sup>14</sup>Pedro Álvares Cabral [Manuscrito], escrita por Caminha, Pero Vaz de, 1450? – 1500. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2018. Essa Carta permitiu aos historiadores, geógrafos, cronistas, viajantes, religiosos, catequistas e estudiosos que visitaram o Brasil, e tiveram acesso a ela, a posteriori de 1817, a entender o real projeto de colonização da nova terra, cujo objetivo principal da dessa Carta era dizer a D. Manuel que ele deve valorizar a catequese a ser realizada sobre os povos nativos, pois conforme relato: [...], *mas o melhor fruto que neela se pode fazer me parece que será salvar esta jente e esta deve seer a principal semente que vossa alteza em ela deve bamcar.* (tradução nossa).

vernáculos europeus é contemporânea da exploração do planeta (África, América, Ásia) e da colonização progressiva de territórios imensos pelo Ocidente (AUROUX, 1992, p. 52).

Nesta subseção, faremos duas sondagens em dois recortes de enunciados pinçados do texto da carta de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei D. Manoel I. Consideramos como procedimento de análise para este trabalho, a articulação e reescrituração<sup>15</sup>, além do procedimento de descrição Domínio Semântico de Determinação (DSD) desenvolvido por Guimarães (2004, 2004<sup>a</sup>, 2005, 2007)<sup>16</sup>, para descrição da designação<sup>17</sup> semântica da palavra *(c)sertão*. Nesse sentido, faz-se necessário ver na seção II deste trabalho como Guimarães define *designação* do ponto de vista da semântica enunciativa.

Trazemos agora o primeiro recorte em que aparece a palavra *sartaão* na carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento histórico, conforme data o escrivão, “*deste porto seguro da vossa ilha da nova cruz oje sexta feira primeiro dia de mayo de 1500*”. Observemos o recorte (R.8) selecionado:

**(R.8)** [...] /em quanto andávamos **neesa mata** a cortar a lenha atravessavam alguñs papagayos per esas arvores deles verdes e outros pardos grandes e pequenos de maneira que **me parece que avera neesta Terra** muitos pero eu nom vêria mais que ... IX ou X. outras aves entam nom vimos somente algumas pombas seixas e pareceram me mayores, em boa camtidade ca as de portugal Alguñs deziam que viram Rolas, mas eu nom as vy; mas seguindo **os arvoredos sam muy muitos e grandes e d imfmdas maneiras nom dovido que per ese sartaão ajam muitas aves** (grifos e tradução nossos).<sup>18</sup>

Neste recorte (R.8), a palavra *sartaão* é reescriturada por um conjunto de termos que significa e designa o sentido de *sartaão*, assim “[...] a reescrituração é um procedimento enunciativo pelo qual se diz o que já se disse, e isso produz uma atribuição de sentido aos termos da reescrituração” (GUIMARÃES, 2002, 2007a).

A expressão “neesa mata” reescritura por substituição “neesta Terra” e a especifica. Como se vê, “neesta Terra” reescritura por substituição “arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras”. Vemos que “arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras” acaba

<sup>15</sup> A reescrituração aqui, também segue o que define Guimarães (2002, 2007a), “a reescrituração é um procedimento enunciativo pelo qual se diz o que já se disse, e isso produz uma atribuição de sentido aos termos da reescrituração”.

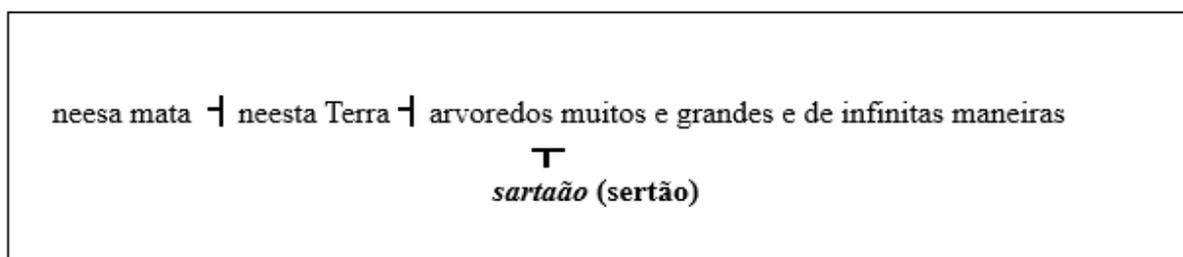
<sup>16</sup> O Domínio Semântica de Determinação (DSD) é a representação, a escrita da semântica, para a designação do nome (GUIMARÃES, 2014, p. 62).

<sup>17</sup> A *designação* é uma relação linguística de sentido enquanto exposta ao real. A designação é uma relação tomada na história. (GUIMARÃES, 2007, p. 80).

<sup>18</sup> (R.8) Tradução nossa. Utilizamos a ortografia conforme [Manuscrito] da Carta de Caminha (1500).

por ser reescriturado por condensação por “*sartaão*”. Ou seja, a palavra *Sartaão* acaba por condensar “arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras” / “neesta Terra” e “neesta Terra”. Com essa reescrituração, podemos observar o seguinte movimento designativo: “neesa mata” determinando “neesta Terra”, que, por sua vez, determina “arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras”. Assim, “arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras” é reescrito por condensação por “*sartaão*”. Nessa medida, “*sartaão*” reescreve, por condensação, “arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras” / “neesta Terra” e “neesta Terra”, conforme descrição no DSD abaixo:

### DSD10



*Onde se lê: Sartaão é determinado de um lado, por neesa mata, que por sua vez determina nesta Terra que determina arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras. De outro lado, o Sartaão determina arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras. Assim, Sartaão acaba por determinar por condensação arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras/ neesta Terra e neesa mata.*

Tomemos agora a sondagem de outro recorte, em que aparece a palavra pela segunda vez na carta.

**(R.9)** [...] **Esta terra** S<sup>r</sup> me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem que nos deste porto auvemos vista / será tamanha que avera **neela bem XX ou XXL legoas per costa** / traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras delas vermelhas e delas brancas e **a terra** per cima **toda chaã e muito chea de grandes arvoredos** / de ponta a ponta é toda praya... muito chaã e muito frefmosa/ pelo **sertaão** nos pareceu do **mar** muito grande porque a estender olhos nom podíamos veer se nom **terra e arvoredos do que nos parecia muy londa terra** (grifos e tradução nossos).<sup>19</sup>

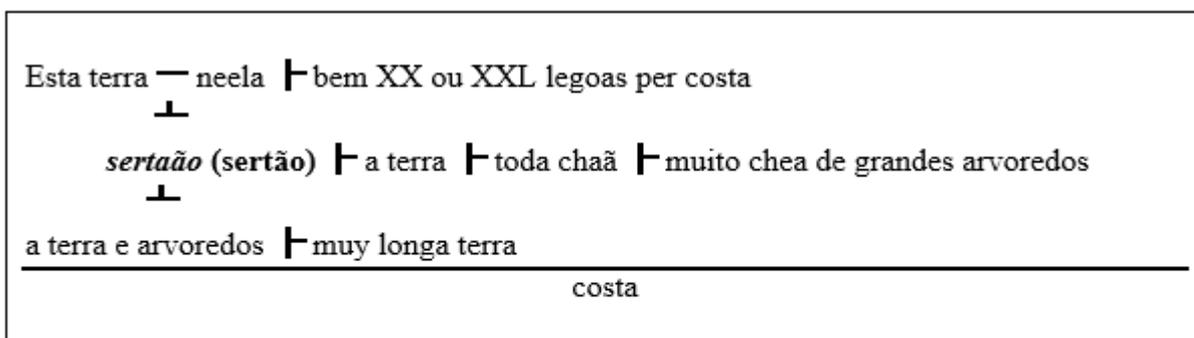
Já em (R.9), temos dois movimentos designativos. Falemos do primeiro, em que a expressão “*Esta terra*” reescriturada por substituição anafórica, por “*neela*”. Para Guimarães (2018, p. 88), esse procedimento de análise é um “modo de reescrituração que se dá por substituição anafórica”, ou seja, “*Esta terra*” é retomada por substituição anafórica pelo elemento linguístico “*neela*”. Sendo assim, “*neela*” opera uma relação de sinonímia com “*Esta terra*”. Aqui a anáfora traz uma especificidade à “*Esta terra*”, veja que a expressão

<sup>19</sup> (R.9) Tradução nossa. Utilizamos a ortografia conforme [Manuscrito] da Carta de Caminha (1500).

“bem XX ou XXL legoas per costa” reescritura por definição “Esta terra”. Assim, podemos dizer que o termo “terra” da expressão anafórica “Esta terra” é determinado pelo sentido que caracteriza a extensão de um País, ou melhor, a extensão do Brasil, determinando, desse modo, *sertaão*.

No segundo movimento designativo, encontramos *sertaão* reescriturado por substituição, por expansão e por condensação. Se observarmos que *sertaão* é reescriturado por “a terra”, reescriturada por expansão enumerativa com o sentido atribuído pelo enunciado “toda chaã e muito chea de grandes arvoredos”, o termo “toda” do enunciado “toda chaã” condensa de modo específico e reescritura *sertaão* com o sentido de generalização. Além disso, há também nessa reescrituração o sentido de totalização de intensidade, marcada pelo elemento linguístico “muito” no enunciado “muito chea de grandes arvoredos”. Para tanto, na última linha do recorte a designação de *sertaão* é determinada por condensação pela expressão de enunciação “a terra e arvoredos”, determinada por “muy longa terra”. Ao mesmo tempo *sertaão* opera na relação antonímica com *costa*, ou seja, o *sertaão* é aquilo que se distancia do mar/litoral. Conforme podemos observar no DSD11:

#### DSD11

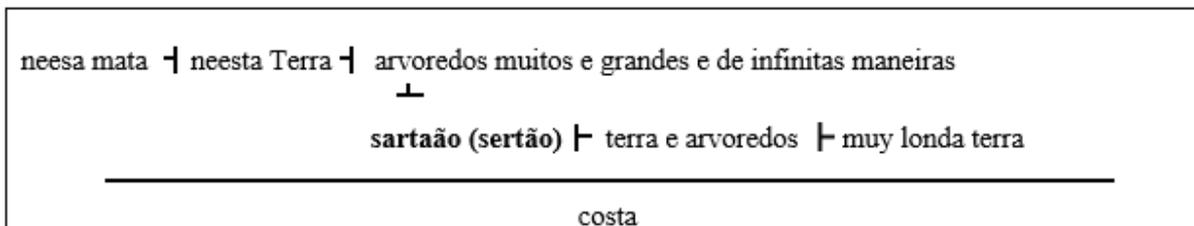


*Onde se lê: Sartaão é determinado de um lado por Esta terra que por sua vez opera uma relação de simetria sinonímica com neela que é determinado por bem XX ou XXL legoas per costa. Além disso, sartaão também é determinado por a terra que é determinada por toda chã que por sua vez, é determinada por muito chea de grandes arvoredos. Por fim, sartaão determina e condensa a terra e arvoredos determinado por muy longa terra que por sua vez operam uma relação de assimetria antonímica com costa.*

Em resumo, temos tanto em (R.8) como em (R.9), a palavra *Sartaão* (Sertão) sendo determinada por duas designações que atribuem sentidos diferentes à “terra”, e que acabam por determinar sertão. Observa-se que essa determinação é apresentada por duas relações distintas, por um lado, a palavra *Sartaão* (Sertão) é determinada e determina por condensação “neesa mata/neesta Terra/arvoredos muitos e grandes de infinitas maneiras”. De outro lado,

sertão é determinado por “terra e arvoredos” que é determinado por “muy longa terra”, operando uma antonímia com costa. Sendo assim, sertão é determinado tanto pelo sentido de “terra e arvoredo”, que define um país, quanto pela determinação de “muy longa terra”, que especifica as terras desse país, ou seja, as terras do Brasil, e ainda apresenta uma relação de antonímia com o mar, ou seja, o sertão é aquilo que se opõe ao mar, o sertão é o que está para ser explorado.

### DSD12



*Onde se lê: Sartaão determinado por arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras que é determinado neesta Terra que por sua vez é determinado por neesa mata. Também se lê: Sartaão determinado por terra e arvoredos que é determinado por muy longa terra. Nesse sentido, Sartaão possui uma relação antonímica com costa.*

Sertão, na carta de Pero Vaz de Caminha, é a mata, arvoredos muito grandes e de infinitas maneiras, é terra. Sertão é também terra muito longa e muito grande. O sertão enunciado por Caminha é o que está em oposição à costa.

No item a seguir, damos sequência com alguns relatos que dizem sobre como se deram as entradas e conquistas das Bandeiras *Lusas* e como foram se entranhando pelo Sertão do Brasil, em busca de toda a riqueza encontrada na América (Brasil). Assim, o sertão foi sendo documentado, não só na Carta de Caminha, de 1500, como acabamos de ver, mas também nos “Diários das Navegações”, nas várias “Cartas Ultramarina”, dos principais viajantes e cronistas que percorreram o Novo Mundo e o descreveram.

#### 1.8.1 A Primeira bandeira lusa: entranhada pelo Sertão do Brasil – 1530

A história dos descobrimentos marítimos se constitui em materiais específicos de linguagem, pois são textos existentes que narram a História do Brasil, em particular são acontecimentos que dizem sobre as entradas e descobertas. Para nossas análises, tomamos o documento “*Diário da Navegação da Armada que foi à terra do Brasil*”, sob a capitania de Martim Affonso de Souza, publicada por *Francisco Adolfo de Varnhagem* (1839 [1530]).

Conforme Guimarães (2018, p. 174), este *DIÁRIO* pode ser tomado “como um acontecimento enunciativo da história da colonização do Brasil”.

O *Diário* relatado por Pero Lopes de Souza é de grande importância na constituição político-geográfica do Brasil, uma vez que apresenta especificidades das expedições dos descobrimentos marítimos, por exemplo: as revoluções e guerras ocasionadas em mar, conforme se lê no “Prologo” desta edição de 1839: ele “é de todo auxílio e interesse para o estudo das revoluções e guerras ocasionadas, em várias épocas, na civilização das diferentes partes do globo” (SOUZA, 1839 [1530], p. b.j.).

O que nos interessa nesse Diário, não são os relatos sobre “as revoluções e guerras ocasionadas em mar”, o que nos interessa é o fato de o escrivão descrever o Brasil-colônia durante toda a viagem, e, em especial, por trazer nessa descrição o que o sertão brasileiro significava para os colonizadores. Nesse diário, a palavra *(c)sertão* aparece onze vezes relatada. Observemos como o termo sertão significa nesse acontecimento. De imediato, o primeiro recorte está no texto do *Diário da navegação*:

**(R.10)** [...]. Entrando no porto de Cananéa encontrou dentro um bacharel portuguez, que ali estava degradado desde os princípios de 1502, e também um tal Francisco de Chaves e meia dúzia de castelhanos. **Daqui enviou a Pero Lobo com 80 homens d’armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi a primeira bandeira [...], que se entranhou pelo sertão do Brasil.** (SOUZA, 1839 [1530], p. biii- grifos e tradução nossos).

A partir desse recorte, podemos observar que a sequência enunciativa reescreve “terra dentro” por especificação “sertão do Brasil”. Essa reescrituração significa o sertão brasileiro como aquilo que se encontra terra dentro, ou seja, terra dentro determina o *(c)sertão* como o lugar desconhecido, afastado da costa litorânea, conforme DSD13:

### DSD13

terra dentro ┆ sertão do Brasil

*Onde se lê: terra dentro determina sertão do Brasil.*

Considerando o DSD13, sertão é determinado por terra dentro. Ou seja, o sertão significa tudo aquilo que está ao longo da terra em oposição à costa, melhor dizendo, em oposição ao mar. Quando se diz na sequência enunciativa de (R.10) que “**Daqui enviou a**

**Pero Lobo com 80 homens d’armas a descobrir pela terra dentro**”, “daqui” é uma palavra que mostra que do “porto de Cananéia” enviou homens terra dentro, sendo esta a primeira bandeira a entrar pelo sertão do Brasil. Isso nos permite dizer que “terra dentro” acaba por reescrever por condensação o que vem a ser o “sertão brasileiro”, lembrando que “terra dentro” significa em oposição ao mar e ao litoral brasileiro.

Ao tomarmos o “Diário” de Pero Lopes de Souza, como já dito acima, o termo *(c)sertão* aparece onze vezes, funcionando em enunciados que procuram descrever aquilo que fora encontrado terra dentro. Nos relatos de Souza (1530), o funcionamento enunciativo de *(c)sertão* movimenta, a cada nova descoberta, sentidos outros, sentidos que vão construindo uma rede semântica, significando o que é o Brasil, e, à medida que os viajantes adentram a terra, amplia-se a rede com novos sentidos sobre o lugar “o sertão brasileiro”. Tomemos agora um outro recorte:

**(R.11)** [...] Daqui partiu com a armada para o porto de **S. Vicente**, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instruções que levava †<sup>20</sup> deu terras, criou oficiais de justiça em duas vilas que fez, uma em **S. Vicente**, e outra pelo **sertão**, em **Piratininga**, pouco arredado donde hoje está assentada a cidade de **S. Paulo**. Estas foram as primeiras colônias regulares de portugueses no novo-mundo (“*Capitam de uma armada e governador da terra do brasil.*”<sup>21</sup>) (SOUZA, 1839 [1530], p. X).

Na sequência enunciativa “em **Piratininga**, pouco arredado donde hoje está assentada a cidade de **S. Paulo**”, **Piratininga** reescreve *(c)sertão* por especificação, movimento semântico que inclui como *(c)sertão* o já conhecido pelos colonizadores, lugar conhecido, mas distante da costa litorânea. A vila **Piratininga** é parte do sertão brasileiro, ou seja, determina o que seja sertão brasileiro. Vejamos a seguir como o DSD desse recorte se apresenta:

#### DSD14

**sertão** ─ **Piratininga**

*Onde se lê: Sertão é determinado por Piratininga.*

<sup>20</sup> *Alcada* - Cruz, símbolo místico de Sinal da Cruz, possivelmente originário na Península Ibérica, Mediterrâneo e Oriente. Conforme *Notas do “Diário da Navegação”* apresenta o Documento I. intitulada *Carta de grandes poderes ao capitão mór*, e a quem ficasse em seu lugar (VARNHAGEM (1839, [1531], p. 65).

<sup>21</sup> Ver explicação (p. 65) do *Diário*.

Ao observarmos o DSD14, verificamos uma diferença em relação ao DSD13. Se acima Sertão é determinado por “terra dentro”, agora Sertão se apresenta determinado por Piratininga, um lugar já conhecido pelos colonizadores, pois se trata de uma vila habitada por colonizadores também. Mas o que faz com que Piratininga signifique *(c)sertão* está marcado pela reescrituração de “sertão brasileiro” por “terra dentro”. Assim, por Piratininga estar localizada “terra dentro”, a vila faz parte do “sertão brasileiro”.

Vejamos como (R12) descreve a terra dos *Carandins*.

**(R.12)** [...] E a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hũa de fundo; e **segundo a informação dos índios era esta terra dos *Carandins***. Mandei fazer muitos fumos, para ver se me acudia gente, e no *sartam* ‘me responderam com fumos mui longe. (SOUZA, p.46-47 – grifos e tradução nossos).

Aqui temos mais um movimento de sentidos para *(c)sertão*, sertão passa a significar também, pela sequência enunciativa “[...] e a informação dos índios era esta terra dos *Carandins*. [...]”, “a terra dos *Carandins*”, ou seja, sertão é reescriturado por especificação por “a terra dos *Carandins*”, em que a terra dos *Carandins* acaba por determinar sertão. Vejamos como se constitui o DSD a seguir:

#### DSD15

terra dos *Carandins* † *sartam*

Onde se lê: *terra dos Carandins* determina *sartam*.

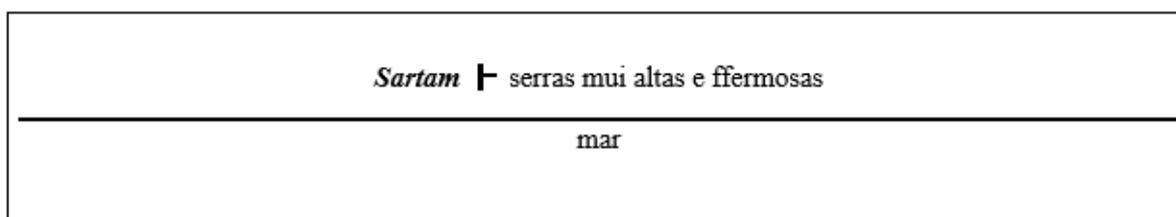
Neste segmento, vemos instaurado, além de uma descrição terra dos *Carandins*, uma especificação de terra, não sendo uma terra qualquer, mas as terras que pertenciam aos índios *Carandins*. Assim, tem-se o funcionamento do político no espaço de enunciação constituído pelo embate de falantes agenciados pela Língua Indígena dos *Carandins* e falantes agenciados pela Língua do Português. Se observarmos quem diz a sequência “e segundo a informação dos índios era esta terra dos *Carandins*”, há nesse enunciado alguém que diz “terra dos *Carandins*”, e se observarmos o DSD15, veremos que “terra dos *Carandins*” é uma designação semântica enunciativa no texto do “Diário”, que determina *(c)sertão*.

Passemos agora ao **(R.13)**, retirado do “Diário” de *Navegação*, dos relatos de Souza.

(R.13) [...] A costa se corre nornordeste susudoeste escasso: a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: *no sartam* serras mui altas e ffermosas; haverá delas ao mar des léguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra branda: fazíamos o caminho para o mar (SOUZA, 1839 [1530], p. 24 – grifos e tradução nossos).

Nesse recorte, o termo *(c)sertão* aparece reescriturado por especificação por “serras mui altas e ffermosas”. Nesse sentido, podemos dizer que o sertão brasileiro é um lugar formado por serras muito altas e formosas, distantes do mar, como podemos observar no DSD que segue:

#### DSD16



Onde se lê: *Sartam* é determinado por *serras mui altas e ffermosas* que opera uma relação de antonímia com *mar*.

Como vimos, o DSD13 apresenta o sentido de que “terra dentro” determina e especifica “sertão do Brasil”. Além disso, “sertão do Brasil” passa a designar o sertão brasileiro como algo que se encontra terra dentro. Essa designação semântica de terra dentro determina o *(c)sertão* como **o lugar desconhecido que está afastado da costa litorânea**.

No DSD14, apresenta-se uma designação semântica interessante, pois ela difere do sentido constituído no DSD13. Como vimos na designação do Domínio Semântico do DSD13, os sentidos de “terra dentro” determina “Sertão do Brasil” constituído como **“o desconhecido”, “o não conhecido”**. Diferentemente, no DSD14, na reescrituração por especificação que se lê **“Sertão é determinado por Piratininga”**, vemos o sentido de *(c)sertão* especificado e determinado, apresentando-se como **o já conhecido pelos colonizadores, lugar conhecido, mas distante da costa litorânea**. Ou seja, a vila Piratininga é parte do sertão brasileiro que determina o que seja sertão brasileiro. Mas o que faz com que Piratininga signifique *(c)sertão* está marcado pela reescrituração de sertão brasileiro por “terra dentro”, por Piratininga localizar-se “terra dentro” a vila faz parte do “sertão brasileiro”.

No DSD15, o *(c)sertão* passa a significar novamente como o já conhecido dos portugueses, se observarmos que a reescrituração por especificação “terra dos *Carandins*” determina **“sartam”**. No DSD14, o que faz com que a terra dos Carandins atribua sentido a

*(c)sertão* está marcado pela reescrituração de “terra dentro” por “sertão brasileiro”, ou seja, a terra dos *Carandins* é conhecida dos portugueses devido à relação da expressão “informação dos índios”, na sequência “[...] e a **informação dos índios era esta terra dos Carandins. [...]**”, o que especifica que os portugueses tiveram conhecimento da existência da terra dos *Carandins*. Sendo assim, dizemos que “terra dos *Carandins*” está “terra dentro”, e é parte que constitui o “sertão brasileiro”.

Na configuração do DSD16, o *(c)sertão* é determinado por “serras mui altas e ffermosas”. Nesse sentido, o sertão brasileiro é um lugar formado por serras muito altas e formosas e que estão distantes do mar. Dito isto, *(c)sertão*, nesse documento produzido na metade do século XVI, produz tanto sentidos como **o lugar desconhecido que está afastado da costa litorânea** constituído pela designação semântica “terra dentro determina Sertão do Brasil” quanto sentidos como: **o já conhecido pelos colonizadores, lugar conhecido**, o já visto, o já informado, **mas distante da costa litorânea**.

Mas o que *(c)sertão* designa no funcionamento de linguagem no Diário? O *(c)sertão* significa o que não era conhecido e passou a ser conhecido como “sertão brasileiro” e significa tudo aquilo que já é conhecido pelos portugueses terra dentro, e acaba por especificar o *(c)sertão* também como o conhecido terra dentro do Sertão do Brasil, de modo que terra dentro passa a determinar e especificar o que é *(c)sertão*. Nessa ordem, o que é desconhecido passa a ser conhecido pelas entradas terra dentro organizadas pelo colonizador. Resumindo, o *(c)sertão* é Piratininga; é terra dos *Carandins*; é lugar de serras muito altas e formosas, o *(c)sertão* significa por aquilo que é conhecido e desconhecido terra dentro, e que está em oposição ao mar, à costa marítima, ao litoral brasileiro.

## 1.8.2 A Designação de sertão na obra *Historia da Província Santa Cruz – 1576*

A obra *Historia da Província Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gandavo, está organizada da seguinte maneira: Encadernação, Frontispício, Licenças, Tercetos e Soneto de Luís de Camões, Dedicatória, Prólogo, quatorze capítulos e novamente encadernação. Desta organização, podemos observar, no Frontispício, ou primeira página em que está o título *História da Província Santa Cruz*, que Gandavo (1576) mostra um descontentamento pelo nome *Brasil*, ao enunciar: a “*Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*”. Como vimos, o alocutor-historiador de *História da Província Santa Cruz* busca edificar e

defender a permanência do nome desta província como “*Terra de Santa Cruz e não Brasil*” (GUIMARÃES, 2018, p. 100).

Na obra *Historia da Província Santa Cruz*, encontramos a palavra *Sertão* integrada diversas vezes aos textos retirados dos Cap. 10 e 14, e neles *sertão* constitui sentido, porque: “uma palavra, uma expressão significa por estarem integradas em um enunciado que é enunciado por integrar-se a um texto” (GUIMARÃES, 2018, p. 151).

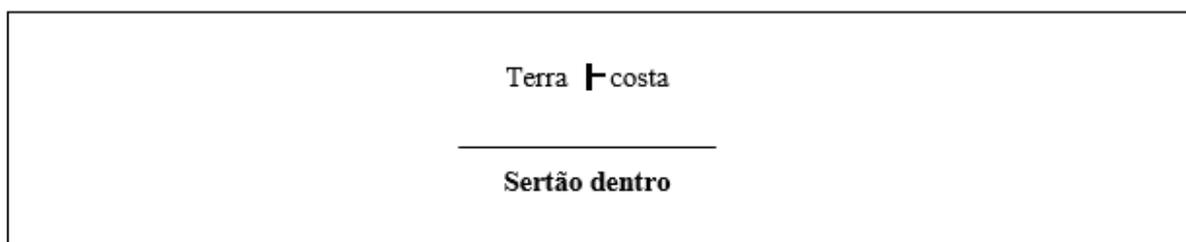
Nosso objetivo aqui é tomarmos (R.14) e (R.15), para observação da designação da palavra (*c*)*sertão* e assim descrevê-la a partir da configuração estabelecida pelos DSDs, que mostram como essa palavra é significada no funcionamento enunciativo do texto de Gandavo (1576).

Tomemos o recorte (R.14), que se localiza no Cap. 10, *Do gentio que há nesta prouicia, da condiçam e coçtumes delle, e de como se governam na paz* (GÂNDAVO,1576, p.33), em que o alocutor-historiador diz que não se trata de todos os gentios em geral, mas se trata, especialmente:

(R.14) [...]A que tratamos da terra, e das coisas que nela foram criadas para o homem, rezam parece que demos aqui noticia dos naturais dela: a qual posto que não seja de todos em geral, **será especialmente daqueles que habitam pela costa, e em partes pelo sertão dentro muitas lagoas, com que temos comunicação.** (GÂNDAVO,1576, p. 33 - grifos e tradução nossos).

Observemos, portanto, o DSD:

#### DSD17



Onde se lê: *Sertão dentro* está em relação de oposição antonímica com *terra* que é determinada por *costa*.

Nesse recorte, verifica-se que há uma antonímia que opõe “sertão dentro” com a reescrituração por especificação “terra determinada por costa”, o que significa dizer que o sentido semântico produzido aí é o de algo conhecido em oposição ao desconhecido. Portanto, o que estabelece “sertão dentro” como o desconhecido é a antonímia que especifica que

(c)*sertão* significa em oposição à “terra determinada por costa”. Dizemos que “sertão dentro”, no (R14), estabelece uma rescrituração com “*terra do fertam*”, e, nesse sentido, “sertão dentro” determina “*terra do fertam*”

Tomemos o recorte (R.15), enunciado no título do Cap.14, no qual encontramos a palavra *fertam* registrada pelo historiador, gramático, e cronista português, cujo objetivo na escritura desse texto do final do século XVI foi registrar e imortalizar a memória da História da Província Santa Cruz.

(R15) *Das grandes riquezas que se eŕperavam da terra do fertam*  
(GÂNDAVO, p. 92).

Nesse recorte, na expressão predicativa “*terra do fertam*”, vemos *fertam* rescriturado por substituição por “terra”. Por outro lado, *fertam* está sendo rescriturado por grandes riquezas, o que significa dizer que o sentido de *fertam* é produzido pela rede enunciativa constituída por **terra e grandes riquezas**. Essa análise constituiu o seguinte DSD:

#### DSD18

terra † *fertam* † grandes riquezas

Onde se lê: *Sertão* de um lado é determinado por *terra*. De outro lado, o *fertam* é determinado por *grandes riquezas*.

Se voltamos ao DSD17, veremos que (c)*sertão*, no texto de Gandavo, apresenta movimentos semânticos distintos pelo traço que os separa e significa na oposição. De um lado, o sentido é estabelecido pela rescrituração por especificação de “terra determinada por costa”, ou seja, a terra já conhecida pelos colonizadores, a costa. Mas esta terra está operando uma oposição com “sertão dentro”. Por outro lado, “sertão dentro” é significado como o que é o desconhecido e distante da costa.

Observa-se, no DSD18, relevos semânticos interessantes, pois, enquanto no DSD17 “terra é determinada por costa”, no DSD18 “terra determina *fertam*, que é determinado por grandes riquezas”. Isso significa dizer que o sentido de *fertam* é produzido pela rede enunciativa constituída pela rescrituração de terra e grandes riquezas. Assim, o sentido de (c)*sertão* apresenta-se na relação do DSD17 com o DSD18, se observarmos que o

desconhecido “sertão dentro” está marcado pela reescritura de “sertão dentro” de (R.14) por “*terra do fertam*”, em (R.15), o que pode significar que *(c)sertão*, no texto de Gandavo, é significado como o desconhecido, o lugar onde o colonizador não conhece, é a terra do sertão significada por muitas riquezas. Portanto, “Sertão dentro” é a parte desconhecida da “terra do sertão”.

### 1.9 Algumas considerações

No conjunto dos textos selecionados para esta primeira seção, observamos que a palavra *(c)sertão* nos apresenta traços designativos de uma rede semântica do funcionamento da língua latina, transformada por influência da língua portuguesa. Essa nova língua foi transportada para o Brasil, assim como para outros continentes, no momento das grandes navegações do final do século XV e do século XVI (GUIMARÃES, 2005, p.24).

Os sentidos atribuídos à palavra *(c)sertão* não são algo novo no tempo e no espaço, são enunciações linguísticas que, ao serem historicizadas, deixam marcas que constituem, determinam, reescrevem e continuam produzindo sentidos que também se diferem não só na formação dos pensamentos sociais, culturais e histórico-brasileiros dos escritores, de modo geral, mas, especificamente, sobre a história da palavra *(c)sertão*, cujas significações se diferenciam na relação considerada no real e histórico da língua, em que o sentido é produzido na enunciação tomada como um acontecimento de linguagem.

Em síntese, no texto escrito por Bluteau (1720), a palavra *(c)sertão* significa “**Região apartada do mar**”, significada, também, pelo sentido latino de *Mediterranea Regio*, ou seja, com o sentido “**Região metida entre terras**”, conforme tradução nossa, o que significa dizer que, nesse funcionamento de linguagem, a língua latina acaba por atribuir o sentido de que “**Região, apartada do mar, e por todas as partes, metida entre terras**” determina *(c)sertão*.

No entanto, vê-se que, em Morais (1789), há uma relação entre falantes do latim/falantes da língua portuguesa, e a palavra *(c)sertão* significa **o interior, o coração das terras e mato longe da costa**.

No dicionário de Pinto (1832), os sentidos designados à palavra *(c)sertão* como **o interior das terras; Mata distantes da costa marítima** são muito semelhantes aos sentidos constituídos na enunciação de Morais (1789). Porém, há uma diferença na atribuição de sentido que designa *(c)sertão* no funcionamento de linguagem no dicionário do lexicógrafo Luiz Maria da Silva Pinto.

Ao estudarmos a palavra sertão, consideramos importante apresentar outros textos relevantes, como o de Barroso (1947), que, de acordo com as análises expostas nesta primeira seção, vimos a palavra *(c)sertão* significada em duas direções semânticas: **“Mato”**, é **“mato longe da costa”**, operando sinonimicamente com Bluteau e Morais. Barroso enuncia **“locus mediterraneus”**, de modo que *(c)sertão* é determinado com sentido geográfico de localização: “lugar”, ou melhor, “lugar metido entre terras” e não como “Região do Mediterraneo”. Portanto, *(c)sertão* significa **Mato, mato longe da costa e lugar metido entre terras.**

Para Gilberto Teles (2002), encontramos um aspecto interessante, ou seja, a designação da palavra *(c)sertão* em pelo menos três representações. Primeiro, *(c)sertão* é significado sinonimicamente pelo sentido vindo do latim “*sertum*”: **trançado, entrelaçadamente, embrulhado, enredado e enfileirado.** Segundo, *(c)sertão* é atribuído pelo sentido sinonímico com termo *desertanum*, ou seja, significando **o lugar desconhecido, lugar incerto e impenetrável** e que significam em antonímia com a expressão latina *locus certus* (**lugar certo, lugar fixo**). Logo, Sertão é significado como **o lugar desconhecido; é o lugar incerto e impenetrável.** A terceira representação designa *(c)sertão* como sentido que se constitui atribuído pela sinonímia com o termo latino *Desertum*, que significa determinado pela expressão **lugar desconhecido e seco**, significando igualmente **lugar fora do conhecido.** Ou seja, *(c)sertão* é **o lugar desconhecido e seco, é o lugar fora do conhecido.** Com estas determinações semânticas, podemos dizer que os sentidos representados indicam a história de enunciação da palavra *(c)sertão*, atribuindo-lhe sentidos que determinam, qualificam e caracterizam, não só a palavra pelos sentidos, mas também caracterizam, determinam e qualificam o modo como se apresenta o lugar.

No manuscrito de Caminha, de 1500, a palavra *(c)sertão* aparece duas vezes (grafadas diferentemente – *sartaão* e *sertaão*). Os sentidos determinados à palavra *(c)sertão* são atribuídos por: **“arvoredos muitos e grandes e de infinitas maneiras”**, assim, a palavra na Carta significa **o lugar de terra, a terra, grandes arvoredos, terra e arvoredos, terra muito longa terra**, distante do mar.

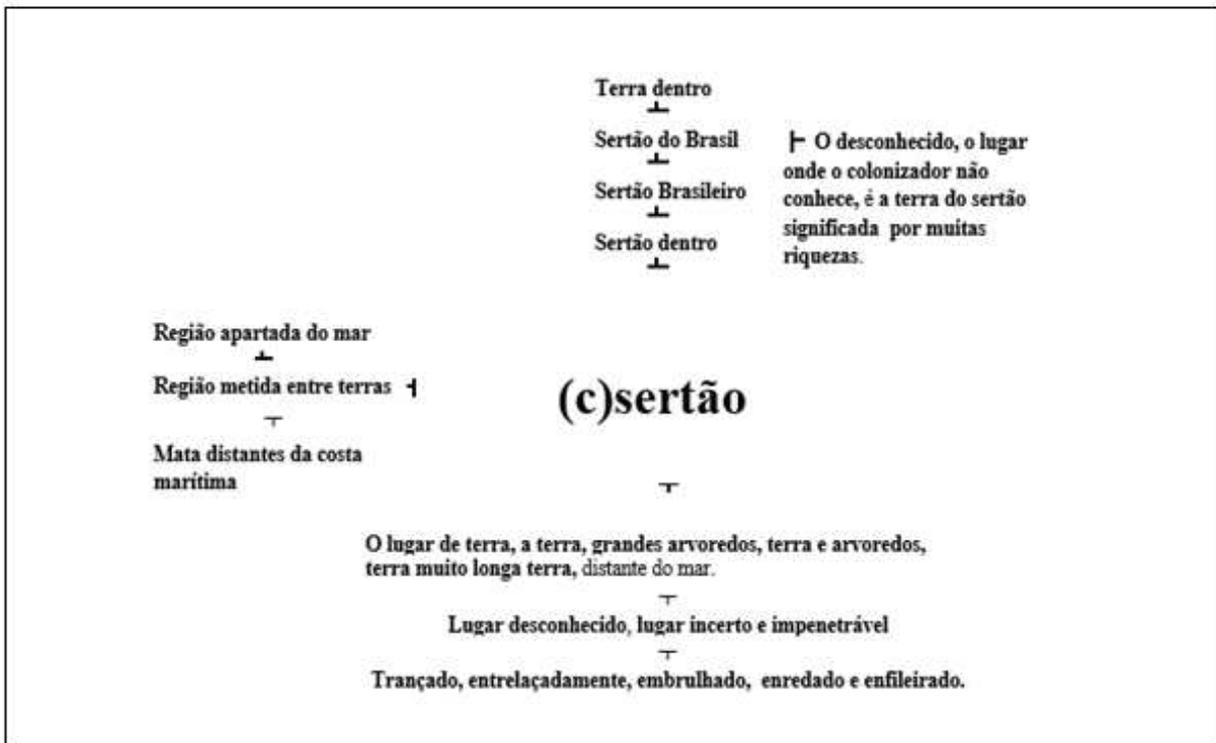
Outro texto em que aparece a expressão em estudo é o documento de Martim Affonso, de 1530. Nas análises apreendidas, observamos alguns movimentos semânticos interessantes que designam a palavra *(c)sertão* com o sentido de **“terra dentro”**, especificando **“sertão do Brasil”**. Nesse sentido, nos relatos de Souza (1530), o funcionamento enunciativo de *(c)sertão* movimenta, a cada nova descoberta, sentidos outros, são sentidos que vão construindo uma rede semântica, significando o que é o Brasil. Por assim dizer, a palavra

*(c)sertão* nesses documentos apresenta sentidos como **o lugar desconhecido que está afastado da costa litorânea**. Portanto, o movimento semântico que se levanta no acontecimento de linguagem no “Diário” é que a palavra *(c)sertão* significa **o que não era conhecido e passou a ser conhecido como “sertão brasileiro”**, e tudo aquilo o que já é conhecido pelos portugueses terra dentro acaba por especificar o *(c)sertão* também como **o conhecido terra dentro do Sertão do Brasil**, de modo que o que está terra dentro passa a determinar e especificar o que é *(c)sertão*.

No texto de Gandavo (1576), a palavra *(c)sertão* significa **“sertão dentro”**. Esta expressão se encontra em oposição à terra, que no domínio semântico de determinação é considerada por ser determinada por costa litorânea. Com isso, as análises apreendidas nos mostraram que, para Gandavo, temos um novo sentido para a expressão *sertão*. Dizemos que *(c)sertão*, no texto de Gandavo, é significado como **o desconhecido, o lugar onde o colonizador não conhece, é a terra do sertão significada por muitas riquezas**. Desse modo, **“Sertão dentro” é a parte desconhecida da “terra do sertão”**.

Sertão apresenta, nos recortes em estudo, uma rede semântica que significa, re-significa, designa e reescritura a palavra, fazendo com que os sentidos que determinam a expressão possam ser apresentados a seguir na amostra gráfica que constitui o DSD19.

## DSD19



*Onde se lê: Terra dentro determina Sertão do Brasil que é determinado por o desconhecido, o lugar onde o colonizador não conhece, é a terra do sertão significada por muitas riquezas. Nesse sentido Sertão do Brasil determina Sertão brasileiro que determina sertão dentro que determina (c)sertão. Assim, Região apartada do mar determina Região metida entre terras que é determinada por Mata Distante da costa marítima. Com isso Região metida entre terras determina (c)sertão. Trançado, entrelaçadamente, embrulhado, enredado e enfileirado determinam lugar desconhecido, lugar incerto e impenetrável que determinam o lugar da terra, a terra, grandes arvoredos, terra e arvoredos, terra muito longa terra, distante do mar que determinam (c)sertão.*

## SEÇÃO II

### SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO E A DESIGNAÇÃO COMO O FUNDAMENTO PARA SE PENSAR A LINGUAGEM COM O MUNDO

*Os textos fazem parte da história de todos nós, com maior ou menor força. Não há como não se deparar com eles sempre [...] eles são decisivos para tudo que fazemos hoje (GUIMARÃES, 2012).*

#### **2 Algumas considerações sobre texto, a partir de uma perspectiva semântico-enunciativa**

A epígrafe mostra-nos que os textos são fundamentais na história de vida de todos nós, porque eles funcionam, produzem e significam as práticas de linguagem humana, e por eles somos significados no mundo. Por essa prática de linguagem e os modos de dizer também podemos significar o mundo pela linguagem.

Partindo desse princípio, vemos a necessidade de trazermos algumas considerações da noção de “o que é texto? Do ponto de vista do semanticista Eduardo Guimarães, um caminho que se mostra motivador para o desenvolvimento desta Seção. Nessa perspectiva, apresentamos uma breve abordagem dos fundamentos teórico-metodológicos formulados por Eduardo Guimarães (1987, 2002, 2005, 2007, 2009, 2011, 2012, 2017, 2018), estudados durante anos pelo semanticista, repensados e, recentemente, publicados em *Semântica Enunciação e Sentido* (2018).

É importante dizer que, nesta subseção, descrevemos duas noções inicialmente importantes e decisivas, para pensarmos “o que é texto?” e “o que é enunciado?”, e como tais conceitos são caracterizados?

É curioso observar a relação que Eduardo Guimarães tem com o estudo dos textos, como ele mesmo afirma: “sua relação com o estudo do texto é antiga” (GUIMARÃES, 2012, p.11), iniciada ainda na sua graduação. Ou seja, desde antes de 1969<sup>22</sup>, se observarmos as informações textuais disponíveis na plataforma do CNPq. Nesse sentido, podemos dizer, a partir da epígrafe que abre esta seção, que tal relação, marcou com maior força a história do

---

<sup>22</sup>Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino de Uberaba (1969) e mestrado (1976) e doutorado (1979) em Letras pela Universidade de São Paulo. É professor titular da Universidade Estadual de Campinas e atualmente é Professor Visitante da Unemat [...]. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do#>>. Acesso em: 13/11/2018. Dados certificado pelo autor em 28 ago. 2018.

semanticista com o estudo do texto: “dedicou-se ao estudo Semântico de enunciados”. Seu interesse sempre foi pelo estudo de análise de texto, o que significou com maior força a permanência desses estudos, levando-o a estudar *as conjunções do português* e a desenvolver suas análises a partir do ponto de vista da argumentação, considerando que o funcionamento das articulações argumentativas se dá em virtude de sua relação com o texto, em que funcionam<sup>23</sup> (GUIMARÃES, 2012)

Diante do ponto de vista argumentativo, Eduardo Guimarães publicou seu primeiro livro, intitulado *Texto e argumentação: um estudo de conjunções no português*, de 1987. Segundo o semanticista, “sempre se ocupou da análise de textos de modo mais ou menos específico”, modo que “tomou uma grande proporção nos estudos enunciativos”, conforme segue:

[...] isto tem muito a ver com a forma que a semântica da enunciação acabou por tomar em meu trabalho de semanticista, tal como aparece em trabalho como *Semântica do Acontecimento*, “Domínio Semântico de Determinação” e “Enunciação”, (2002, 2007, 2009) respectivamente, entre outros (GUIMARÃES, 2012, p. 11).

Desse modo, há alguns anos, o linguista vem se dedicando e fazendo inúmeras análises de textos, as quais contribuem e o leva a especificar cada vez mais os estudos linguísticos semânticos enunciativos. Para o semanticista, foram “diversas razões” que o levaram a essa dedicação, e a primeira delas é a de:

[...] pensar em sintetizar um pouco mais a questão de procedimentos de análise textual, que não se reduzisse a dizer como algo se faz como texto. Mais do que isso [...] interessa dizer como devemos analisar um texto, procurar dizer o que ele significa e de que modo significa (GUIMARÃES, 2012, p. 12).

As questões sobre procedimentos de análise de texto já preocupavam e intrigavam o estudioso, desde sua graduação. Nesse sentido, tais questões o levaram a pensar como se poderia fazer análise de textos, os mais variados possíveis, incluindo a análise de textos literários. Como é sabido, este último sempre foi de interesse do pesquisador, ou seja, “pensar o texto literário como linguagem e a partir desta posição analisá-lo”, objetivando contribuir para a crítica do texto literário ou não, mas prioritariamente para mostrar que pensar dessa

---

<sup>23</sup> Sobre essa formulação, Guimarães (2012) orienta-nos em rodapé a “Ver *Texto e Argumentação* (GUIMARÃES, 1987), 4.<sup>a</sup> edição revista e aumentada (GUIMARÃES, 2007)”.

posição pode contribuir para os modos de ler literatura (GUIMARÃES, 2012, p. 12). Isso, portanto, foi o que o levou pensar também como definir o que é texto.

Conforme Guimarães (2012), o texto:

[...] é uma unidade de significação. Não se trata de dizer que o texto tem unidade, mas que ele é uma unidade, assim como a palavra é uma unidade, o enunciado é uma unidade, etc. [...] o texto é uma questão semântica<sup>24</sup>, o texto interessa porque significa. [...] O texto é uma unidade complexa de significação (GUIMARÃES, 2012, p. 12-13).

A questão dos procedimentos de análise textual não pode ser reduzida, simplesmente, a dizer como se faz como texto. O que interessa, no seu ponto de vista, é dizer como devemos analisar um texto, procurar dizer o que ele significa e de que modo significa.

Na concepção do semanticista, dizer que “o texto é uma unidade de significação” é diferente de dizer que “o texto tem uma unidade”, ou seja, esses dizeres são pontos de vistas diferentes. De um lado, o linguista afirma que o texto é uma unidade, assim como a palavra é uma unidade, o enunciado é uma unidade, etc., mas, de outro lado, sempre está preocupado com a questão semântica, ou seja, para o teórico, o texto interessa, porque significa.

Portanto, *texto*, para Guimarães (2017, p. 27), é definido, especificamente, como:

[...] O texto é uma unidade no sentido de algo finito e que se caracteriza por integrar, enunciados. Ou seja, o texto se caracteriza por ter uma relação com outras unidades de linguagem, os enunciados, que são enunciados e que significam em virtude desta relação. O texto, é nesta medida, uma unidade que se apresenta entre outras da mesma natureza. No entanto, o texto não tem unidade, o texto é uma unidade, mas não tem unidade no sentido homogêneo, porque, o texto não é uno (GUIMARÃES, 2017, p. 27).

Para o autor, definir a noção do que é texto interessa para se pensar como um semanticista pode se interessar pelo texto de modo mais específico, levando em conta que “os enunciados que a semântica analisa integram textos”, e levar para a análise de texto os desenvolvimentos dos estudos da significação. Ou seja, como mostrar que o texto também é interessante e significa ao integrar enunciados que significam no texto. Também é preciso definir e caracterizar o que é enunciado nesse contexto. De acordo com Guimarães (2012), o *enunciado* é:

---

<sup>24</sup> Ver Guimarães (2012). Essa palavra foi usada inicialmente no seu sentido mais geral.

[...] um elemento linguístico que tem tanto sentido, integra texto, quanto forma, é constituído por certos elementos (sintagma). O enunciado apresenta duas características: ele tem uma consistência interna e uma interdependência relativa em relação às sequências linguísticas que com ele integram texto. De outro lado, os enunciados são enunciados por integrarem texto, por terem sentido, mas se apresentam assim por seu caráter de signo, não são simplesmente um elemento da situação, são elementos que significam para além das situações (GUIMARÃES, 2012, pp. 28 - 29).

Do ponto de vista da enunciação, Guimarães (2018, p. 15) toma o enunciado por uma *unidade de análise*, no sentido em que faz parte do acontecimento do dizer, e o define como segue:

[...] o enunciado é a unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma interdependência relativa. Estas características são consideradas em relação ao todo de que o enunciado faz parte num acontecimento de enunciação. Ou seja, a unidade de análise é uma unidade de linguagem encontrada (que está presente) em acontecimentos específicos (GUIMARÃES, 2018, p. 28 - 29).

A obra *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino* (2011, 2012), com a qual o semanticista busca contribuir não só “para os modos de ler textos”, mas também “contribui para os modos de ler sustentadamente um texto” cujo objetivo, de modo geral, é de *analisar textos*, procura compreender sobre como o texto funciona e produz sentidos, o que ele chama de “unidade complexa de significação” (texto). Assim, vimos que o estudo de análise de texto o levou a estabelecer o lugar dos estudos semânticos com a publicação de *Semântica do Acontecimento* (GUIMARÃES, 2002), que estuda a designação, no seu processo enunciativo, redefinido por acontecimento enunciativo.

Diante exposto, nesta subseção, resta-nos compreender os fundamentos e procedimentos semântico-enunciativos que fundamentam nossas análises.

## **2.1 Fundamentos e procedimentos semântico-enunciativos de análise**

A linguagem permite ao indivíduo falar do mundo, isto é, com a linguagem se pode dizer tudo no mundo, e de tudo que se apresenta nele, porque a linguagem determina algo e um de seus modos de produzir sentidos é pela enunciação. A fim de dizer *o que é enunciação*, Eduardo Guimarães postula que [...] a *enunciação* diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo”. Isso, portanto, do seu ponto de vista, “trata-se, de um acontecimento, o acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, p. 18, 2018).

Nessa perspectiva, é pela linguagem que vamos considerar um percurso teórico-metodológico para nossas análises neste trabalho, cujo centro de nossa reflexão é realizar o estudo da história enunciativa da palavra *(c)sertão*, observando o funcionamento enunciativo deste nome, realizando sondagens no acontecimento enunciativo de um conjunto de documentos que apresenta grande importância significativa na História do/no Brasil. A partir destes textos, selecionamos recortes, para analisarmos e observarmos a designação de *(c)sertão*, integrada a textos oficiais.

Os fundamentos e procedimentos são tomados aqui, a partir da perspectiva da *Semântica do Acontecimento*<sup>25</sup>, sobre a qual Eduardo Guimarães vem estudando e se dedicando incansavelmente, desde 2002, o que o levou, recentemente, a publicar a obra *Semântica Enunciação e Sentido*<sup>26</sup>. Conforme o semanticista, esta obra apresenta algumas reformulações e ajustamentos terminológicos, que ele considerou necessários, ao longo desses anos. Para sua posição materialista<sup>27</sup>, considera que “a linguagem não é transparente”, e que “sua relação com o real é histórica”.

Descrevemos as noções, levando em conta tais mudanças e movimentos atuais, por exemplo, o ajustamento terminológico do termo “*Significação*” e “sentido”.

Nesses termos, observamos que, ao fazer esse movimento, o linguista deixa em evidência não só o ajuste dessas palavras, mas evidencia também um afastar-se de Benveniste (1966), e um aproximar-se à posição de Bréal (1897). Vimos, na *Apresentação de Semântica Enunciação e Sentido*, que Guimarães diz “ter uma posição assemelhada com a posição de Bréal (1897)” (2018, p. 7). Embora o semanticista tenha explicado em rodapé que “Não há como não lembrar [...] Benveniste, e também explica em rodapé (2008, p. 18), na atual obra, lembrando que, para Benveniste (1966), “a relação de integração é que produz o sentido, e que essa integração se apresenta somente até o enunciado”, é nessa medida que o semanticista diz modificar o sentido.

[...] mesmo com as diferenças devidas à história já produzida nos estudos semânticos, tenho uma posição assemelhada à de Bréal (1897) no seu Ensaio de Semântica. Tratar a significação (é verdade que para ele a questão era tratar a mudança de sentido das palavras) é o fundamental no estudo da linguagem, porque a linguagem interessa, antes de tudo, porque ela significa (GUIMARÃES, 2018, p. 7).

---

<sup>25</sup> Guimarães (2002).

<sup>26</sup> Guimarães (2018).

<sup>27</sup> Guimarães (2002, 2005, 2012)

Pelo o ajuste terminológico feito pelo semanticista sobre a *Significação* e o *sentido*, “a *Significação* é a palavra para o conceito geral, objeto da semântica: o *sentido* é a palavra para significação dos enunciados” (GUIMARÃES, 2018, p. 17-18). Ou ainda, parafraseando Guimarães, podemos dizer que a *Significação* está para o conceito geral e objeto da semântica linguística e o *sentido* está para a significação do enunciado. Sendo assim, Guimarães considera o *sentido* como: [...] a significação do enunciado, constituído pela integração do enunciado ao texto, em virtude de sua independência. E a Semântica é nessa medida o estudo dos sentidos dos enunciados (GUIMARÃES, 2018, p.18).

De modo geral, os fundamentos e procedimentos de qualquer área a ser estudada devem ser tomados a partir da posição à que o linguista, o semanticista, o historiador, o filólogo, o filósofo, o geógrafo, etc, assumem para seus trabalhos. Assim sendo, apresentamos as noções fundamentais da Semântica Enunciativa e procedimentos de análises como Espaço de Enunciação; Cena Enunciativa; Temporalidade, Articulação; Reescrituração; Designação, consideradas decisivas no estudo da significação, e que constituem o ordenamento teórico-metodológico da nossa pesquisa. Primordialmente, para a posição que assumimos aqui, “a enunciação diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo [...] trata-se de um acontecimento, o acontecimento do dizer, que se apresenta como um acontecimento de linguagem” (GUIMARÃES, 2018, p.17-18).

Desse modo, como procedimentos de análise para este estudo, consideramos também o que Eduardo Guimarães vem chamando “procedimento geral de análise à realização de sondagens”, pois as sondagens colocam em evidência “enunciados existentes, em textos existentes, e poderão ser relacionadas com outras sondagens que podem confirmar, infirmar, aprofundar, modificar o que se conseguiu com a sondagens já realizadas” (GUIMARÃES, 2018, p.18).

## **2.2 Língua, acontecimento, temporalidade**

Para dizer o que se entende por acontecimento, “é preciso que se diga o que se entende por língua” (GUIMARÃES, 2018, p. 14). Assim, do ponto de vista teórico que assumimos, a língua pode ser entendida:

[...] como um conjunto sistemáticos de regularidades com as quais é possível dizer algo verbalmente. A língua é assim um conjunto de elementos (sons, palavras, sintagmas, todo tipo de expressão), cujas relações constituem este conjunto de regularidades (GUIMARÃES, 2018, p. 14-15).

Essa caracterização, ou conceito, do que seja “*língua* deve ser formulada a partir da compreensão de sua relação específica com o *Espaço de Enunciação*” (GUIMARÃES 2018, p. 23). Por conseguinte, a definição do que seja *acontecimento* está em Guimarães, desde 2002<sup>28</sup>:

[...] o acontecimento é o que faz a diferença na sua propria ordem. E o que especifica este acontecimento é a temporalidade que ele constitui. Assim, um acontecimento não é considerado em virtude de estar num certo momento do tempo, antes de um outro acontecimento também no tempo. Não é esse aspecto que leva o considerar como especificador de um acontecimento. O que especifica um acontecimento é a temporalidade que ele constitui: um passado, um presente e um futuro. Ou seja, um acontecimento é distinto de outro acontecimento porque ele recorta um passado de sentidos que convive com o presente da formulação do Locutor e assim traz uma projeção de futuro de sentidos que não significariam não fosse o acontecimento em questão. Desse modo não é o Locutor que constitui o presente, parâmetro do tempo, como diria Benveniste (1959), mas é o acontecimento que constitui o tempo e assim constitui, agencia o Locutor (GUIMARÃES, 2012, p. 19-20).

A temporalidade, segundo Guimarães (2017, p. 16), é configurada, de um lado, “por um presente que abre em si uma latência de futuro”, o que ele chama de uma futuridade, indispensável para a constituição de linguagem, pois, para o autor, sem essa futuridade “não há acontecimento de linguagem”, não há como algo ser significado, porque o que constitui o acontecimento de linguagem é a latência que projeta e produz o interpretável. Ou seja, sem uma futuridade não há interpretável, pois “[...] o acontecimento tem como seu um depois incontornável, próprio do dizer” (GUIMARÃES, 2017, p.16). De modo geral, o acontecimento de linguagem significa por agregar um presente e um futuro próprio do acontecimento, segundo o qual “funcionam por um passado que os faz significar”. Portanto, para Guimarães (2017, p. 16), é “esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável”. Assim:

[...] A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova

---

<sup>28</sup> Ver Guimarães (2002, 2012, 2017, 2018).

temporalidade, tal como a latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (GUIMARÃES, 2017, p. 17).

### 2.3 Espaço de enunciação: fundamental e decisivo na história dos estudos enunciativos

Vale aqui dizer que “o *acontecimento da enunciação* se apresenta como um acontecimento de linguagem”, que ocorre num espaço de enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p. 19).

Por *espaços de enunciação*, consideremos, primordialmente, o conceito estabelecido por Guimarães desde 2002, fundamental no conjunto de relações de línguas e falantes, porque é, no espaço de enunciação, e não outro lugar, que estão conformados os aspectos decisivos para a formulação do conceito de língua.

[...] são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos as dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia<sup>29</sup> que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide a sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político<sup>30</sup> (GUIMARÃES, 2017, p. 25).

Ou ainda:

[...] o espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com falantes. Assim não há línguas sem outras línguas, e não há línguas sem falantes e vice-versa. Um aspecto importante na configuração do espaço de enunciação é que as línguas do espaço de enunciação são distribuídas de modo desigual, não se é falante das línguas deste espaço da mesma maneira. O espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas. O agenciamento dos falantes, enquanto tal, pelas línguas, é político, pois é necessariamente desigual (GUIMARÃES, 2018, pp. 23- 24).

### 2.4 Cena enunciativa: uma categoria metodológico-descritiva

<sup>29</sup> Esta noção Guimarães (2017, p. 25), tomar a partir de Ducrot (1972) em *Dire et ne pas Dire*.

<sup>30</sup> O político aqui interessa conforme Guimarães (2017, p. 24), a relação entre falantes e línguas enquanto um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político.

Outro conceito importante, em Guimarães, é o de *Cena Enunciativa*, visto que “o agenciamento do falante a dizer é o que constitui a *Cena Enunciativa*”<sup>31</sup>, para ele é isso que “caracteriza as relações de uma alocação” (GUIMARÃES, 2018, p. 45).

A *Cena Enunciativa* é apresentada como “uma categoria metodológica descritiva, fundamental para o modo como tratamos o sentido, e com ela analisarmos a cena enunciativa, da caracterização do político no acontecimento de enunciação:

A cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares sócias de enunciação no acontecimento. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não por pessoas donas de seu dizer. Assim, estudá-la é necessariamente considerar o próprio modo de constituição destes lugares pelo funcionamento da língua (GUIMARÃES, 2017, p. 31).

Na configuração da *Cena Enunciativa*, o político é caracterizado como “uma desigualdade que instala no centro do funcionamento da linguagem” (GUIMARÃES, 2017, p. 50). Para tanto, o político caracteriza-se como um conflito que o constitui. Nesse sentido, o que ele chama de “conflito é próprio do espaço de enunciação, quando do acontecimento da enunciação, que constitui as cenas enunciativas” (GUIMARÃES, 2018, p. 50). Portanto, sobre o político, em termos enunciativos, Guimarães o define, como segue:

O político se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações, identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos (GUIMARÃES, 2018, p. 50).

## 2.5 Procedimento de análise: DSD - Articulação e Reescrituração

A noção de “*Domínio Semântico de Determinação (DSD)*” foi desenvolvida por Guimarães desde 2004, 2004<sup>a</sup>, 2005, para representar o sentido das palavras (GUIMARÃES,

<sup>31</sup> Definido pela primeira vez no livro *Texto e Argumentação – Um Estudo de Conjunções do Português* (GUIMARÃES, 1987). Um estudo que mostra as mudanças que levam o *embora* de expressão adverbial a conjunção. Cenas são especificações locais nos espaços de enunciação.

2017, p. 77). Desde então, o *DSD* tem sido utilizado tanto pelo autor quanto por pesquisadores interessados pela *Semântica do Acontecimento*, para quem o sentido das palavras é construído a partir de relações entre expressões linguísticas construídas pela enunciação. Por outro lado, o estudo admite que a relação fundamental dessa construção de sentido é de determinação (GUIMARÃES; MOLLICA, 2007, p.9-10).

Como afirma Guimarães (2018, p. 75):

Nosso procedimento de análise deve ser apropriado para analisar enunciados existentes (com seus modos de relação) enquanto enunciados de texto. Mas não se trata de construir um *corpus* específico. Trata-se de poder, a partir da análise de enunciados específicos, poder formular o modo como funcionam expressões em línguas diversas quando enunciadas (GUIMARÃES, 2018, p. 75).

Diante disso, faz-se necessário, então, apresentar a distinção e configuração feita por Guimarães sobre *Nomeação, designação e referência*, em *Semântica do Acontecimento* (2002, p. 9), conforme segue:

[...] a *nomeação* é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome. [...] A *designação* é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, uma relação tomada na história. Nesse sentido, o linguista e semanticista, não toma o nome como uma palavra que classifica objetos. Ele considera, tal como *Rancière* (1992), que os nomes identificam objeto. [...] a *referência* será vista como a particularização de algo na e pela enunciação (GUIMARÃES, 2002, p. 9).

A relação de integração se configura por apresentar dois modos fundamentais de relação: A *articulação* e a *reescrituração*, procedimentos que apresentam modos de relações diferenciados e específicos. Portanto, para nossas análises, consideramos os modos de relação enunciativa de articulação e reescrituração.

De acordo com Guimarães (2012), a *articulação*:

[...] é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos significam sua contiguidade. Ou seja, organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local, significada pela enunciação, entre elementos linguísticos (GUIMARÃES, 2012, p. 60-61).

A *Articulação*, apresenta modos de relação por articulação que podem apresentar-se como: *articulação por dependência*, *articulação de coordenação* e *articulação por incidência*<sup>32</sup>. Podemos exemplificar esses modos da articulação, a partir do quadro abaixo com as definições e indicações de algumas possibilidades.

**Quadro 1 – Tipos de articulação**

Modo da articulação	
Articulação por Dependência	Se dá quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento. Por exemplo: em “(eu) Beijo pouco” a relação é tal que “pouco” vincula-se a “beijo” constituindo uma única unidade, um predicado, e o funcionamento desta unidade é da mesma natureza que o funcionamento de <i>(eu) Beijo</i> .
Articulação por Coordenação	É aquela que toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fosse um só da mesma natureza de cada um dos constituintes, é o caso de “Beijo pouco, falo menos ainda”, onde encontramos uma <i>coordenação entre Beijo pouco, falo menos ainda</i> . <i>Beijo pouco</i> é um enunciado, <i>falo menos ainda</i> é um enunciado e <i>Beijo pouco, falo menos ainda</i> é também um enunciado. [...] a articulação por coordenação se apresenta por acúmulo de elementos numa relação de contiguidade.
Articulação por Incidência	É a relação que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo. Nessa articulação, [...] o elemento que incide, ao se articular no enunciado, apresenta uma enunciação que comenta a si mesma, ou seja, uma enunciação que fala da enunciação do enunciado que se enuncia.

**Fonte:** Guimarães, 2018.

Guimarães (2012) define a *Reescrituração* como:

[...] O procedimento de reescrituração consiste em redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum

<sup>32</sup> Sobre a definição de cada *Modo de Relação por Articulação*, consultar Guimarães (2018, p. 80-84).

procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão. Esse procedimento se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si. (em virtude da reescrituração). E nesta medida a reescrituração é um procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido pelo acontecimento (GUIMARÃES, 2012, p. 61).

A *Reescrituração*, assim como a *articulação*, apresenta *modos de reescrituração* distintos, como: Reescrituração por Repetição (sinonímia, hiperonímia); Reescrituração por Substituição/Elipse (especificação, definição); Reescrituração por Expansão (desenvolvimento, generalização, enumeração); Reescrituração por Condensação (Totalização/generalização). Para Guimarães (2018, p. 93), “o modo de reescrituração não é correlato direto de modos de significar”. Nesse sentido, ele diz que “podemos encontrar variadas relações entre o modo de reescrituração”, tal como reproduzimos seu quadro abaixo:

**Quadro 2 – Modos de reescrituração**

<i>Modos da reescrituração</i>	<i>Sentido</i>
Repetição	Sinonímia/hiperonímia
Substituição Elipse	especificação/definição
Expansão	Desenvolvimento/generalização/enumeração
Condensação	totalização/generalização

**Fonte:** Guimarães, 2018.

Para Guimarães (2018, p.93), “o processo de reescrituração liga pontos de um texto com outros do mesmo texto, e esses mesmos pontos com pontos de outro texto”. Nesse sentido, podemos dizer que, no funcionamento de uma reescrituração, esses pontos são elementos linguísticos que se ligam, tomam, retomam, se relacionam com outros elementos e produzem sentidos de modos desiguais cujos modos de relações também são desiguais, e isso faz com que uma outra expressão linguística, ao funcionar, signifique de outro modo.

### SEÇÃO III

#### DESIGNAÇÃO DE (C) SERTÃO, INTEGRADA AO TEXTO: *HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA, DESDE O ANNO DE MIL E QUINHENTOS DO SEU DESCOBRIMENTO, ATÉ O DE MIL E SETECENTOS E VINTE E QUATRO - 1730*

*Sertão é a palavra definidora de muitos conceitos: tem origem latina no verbo serisero, que quer dizer ligar com fio, tecer, juntar, atar, engajar, encadear. Dessa palavra latina se derivaram outras como desero, deserni, desertum, que se traduz na língua portuguesa por destacar-se, soltar-se, desertar (FERRAZ, 2014, p. 188)*

Na presente seção tomamos como *corpus* a obra “*Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro composta*, por Sebastião da Rocha Pitta, escrita por volta de 1724 e publicada em Lisboa Occidental, na *Officina de Joseph Antonh da Sylva*, na primeira metade do século XVIII em 1730, dela retiramos oito recortes para nossas análises cujo objetivo, é observarmos como a palavra *(c)sertão* é significada no conjunto dessa obra.

A partir dos procedimentos teóricos-metodológicos da Semântica do Acontecimento (2002), vemos a palavra *(c)sertão* na transversalidade do texto, no seu funcionamento com elementos distintos aos se reportam e produzem sentidos. Para nós, “a relação entre os elementos não é o de contiguidade, e não se marca pela direção da segmentalidade” (GUIMARÃES, 2012, p. 57-58). Nossos recortes trazem enunciações históricas do Brasil colonialista, publicadas na primeira metade do século XVIII.

Nesta obra, o autor apresenta a descrição da História e as grandezas de uma das maiores Regiões da terra do Brasil, delineando a parte do Novo Mundo e do Velho Mundo (Orbe antigo), que compreende o círculo administrativo, político, social e econômico das terras do Brasil pertencentes à Coroa Portuguesa. Há, também, nessa história, a descrição dos círculos geográficos, que compreende as imensas Zonas, e Esferas celestes, as quais são apresentadas em estreito mapa, no qual são expostas **as dilatadas porções da terra.**

Rocha Pitta (1730) busca, com a *Historia da America Portuguesa*, expor ao público e chamar a atenção do Mundo para as grandezas e excelências que nele existe. Para esse historiador, as riquezas existentes na América Portuguesa eram descritas e introduzidas por outros autores em diversos assuntos e de diferentes descrições. Por esse motivo, as narrativas chegadas ao Rei sobre a História da Região do Brasil não traziam outro objeto. Nesse sentido,

segundo Rocha Pitta, o que justifica seus objetivos é que nenhum dos autores, até então, teria escrito a História da Região do Brasil “com maior gloria da Pátria”, como a oferecida na composição de seus escritos. Entre seus objetivos, focam-se os aplausos e reverência do Clima em que ele nasceu, o que garante e assegura a veracidade das notícias sobre a parte Meridional da grandíssima porção de terra que compreende o Estado do Brasil.

Diante de tais objetivos, o autor oferece a obra “A’ MAGESTADE AUGUSTA DEL REY D. JOAÕ V, e nela Rocha Pitta deixa marcados os domínios pertencentes à Coroa do rei, conforme diz: *em tofco, mas breves rafgos*” [...] *encaminhão ao Monarcha Supremo, de quem reconhece o domínio, e recebe as Leys [...] porque ao Principe, que lhe rege o Imperio, pertence patrocinarlhe a Historia* (PITTA, 1730, 9).

O texto de Rocha Pitta de mil setecentos e trinta nos interessa por ser considerada uma das obras raras do século XVIII. O autor apresenta sucessões de acontecimentos que dizem dos descobrimentos das terras no Brasil, desde mil e quinhentos até o ano de 1724. A obra está distribuída em dez partes, organizada no estilo de crônicas cujas narrativas vão mostrando como foram constituídos os espaços políticos, representativos e administrativos do Brasil. Como é sabido, a colonização do Brasil data de mil e quinhentos a mil e oitocentos e vinte e dois, de modo que essa obra recobre os acontecimentos sobre os primeiros dois séculos da colonização brasileira.

A *Historia da América Portuguesa* expõe o Novo Mundo e suas *dilatadas porções da terra* do atual Brasil, mas, nessa obra, o historiador trata apenas da parte Meridional, ou seja, da grandíssima parte de terra da Bahia, que compreende o então Estado do Brasil. Encontramos a palavra *Certaõ* funcionando, em todo do texto, trinta e uma vezes, e seu plural *Certões*, nove vezes. Nesse sentido, dizer isso não significa dizer da relação de contiguidade dessa unidade de texto, mas significa dizer como esta palavra designa ou está sendo designada “por estarem integrada em um enunciado que é enunciado por integrar-se ao texto” (GUIMARÃES, 2012).

Podemos encontrar, nesse acontecimento de linguagem, vários sentidos inferidos à palavra *(c)sertão*, apresentados pelos modos de dizer e redizer de quem enuncia tal elemento linguístico que temporaliza no próprio acontecimento do dizer e produz novos sentidos à unidade de análise. Podemos exemplificar com determinações que atribuem e designam *(c)sertão* como: “o interior dos Certões”, os Certões da Bahia”, “fertilidade e abundância das terras”, “pau Brasil (de que abundam as matas do seu Certão)” etc.

Nos itens a seguir, destacamos algumas análises, as quais são organizadas em duas subseções: 3.1 com as análises dos recortes (R.16; R17; R18 e R19), e na subseção 3.2, com as análises dos recortes (R.20; R.21; R.22 e R.23).

### 3.1 Designação: o dilatadíssimo (C)Sertão da nossa América

Ocupamo-nos do texto da *A História da América Portuguesa*, que expõe o Novo Mundo e suas *dilatadas porções da terra* do atual Brasil. Desse acontecimento de linguagem, tomamos para a análise recortes cuja unidade de análise é a palavra *(c)sertão*, pois dizer sobre como essa palavra reescritura e é reescriturada é dizer sobre algo que ela significa e (re)significa no funcionamento de linguagem, no texto de Rocha Pitta.

Passamos aos recortes e às análises do elemento linguístico *(c)sertão*, tomados na obra de Sebastião da Rocha Pitta:

**(R.16)** [...] de sorte, que atendendo ao que este Autor escreveu, entendo, que justamente se lhe deve dar o título de novo Colon<sup>33</sup>, porque com o seu trabalho, e com o seu estudo nos soube descobrir outro **Mundo novo** no **mesmo Mundo** descoberto. Esta História está escrita com tanta elegância, só tem o defeito de não ser mais dilatada, para que os **Leitores** se pudessem divertir com maior torrente de eloquência. Todos os sucessos estão escritos com tão artificiosa brevidade, que se percebem sem defeito das notícias necessárias, porque de outra sorte ocupariam muitos volumes os negócios políticos, e as ações militares de tão **grande número de nações como são, as que habitam o dilatadíssimo Certão** da nossa América (PITTA, 1730, p. 27 – grifos e tradução nossos).

**(R.17)** A montanha do Ararobã, que nasce no continente da terra do **Porto do Calvo**, e vai com a mesma grande altura cortando por muitas léguas **o interior do Certão**. O monte das Tabocas em **Pernambuco**, nove léguas da Vila do Recife. As montanhas dos Guararapes, que principiando menos elevadas quatro léguas da mesma Vila, vão continuando para o **Certão** com grandíssima altura, acabam em serranias, que penetram os ares; estas montanhas, e **aquele** monte, celebres pelas três famosas vitórias, que neles alcançamos dos Holandeses em três sanguinolentas batalhas campeãs (PITTA, 1730, p. 40-41– grifos e tradução nossos).

**(R.18)** Para o Sul a cordilheira de montes, que começando na Capitania dos Ilhéus com o nome de Serra dos *Aymorês*, e atravessando as do Porto Seguro, e do Espírito Santo, vão por cento e quarenta e três léguas de curso acabar na enseada do rio de Janeiro, onde lhes chamam Montes dos Órgãos. No caminho daquela

---

<sup>33</sup> “Colon. (Termo da Orthographia) He hum dos sinaes importantes ao bom escrever, & he de dous modos, imperfeytos, & perfeyto. *Colon*: imprefeyto, he hum ponto em cima de uma virgula, assi; *Colon* perfeyto, são dous pontos hu em cima de outro, como: *Colon imperfeyto. Punctum cum virguã. Colon* perfeyto. *Duo puncta*. Cada oração se assinava com dous pontoo, que he o *Colon* perfeyto. João Franco Barret. *Orthograph.daling.Portug.pag.219*” (BLUTEAU, 1712, p. 379).

Cidade para as Minas Gerais, a altíssima Serra da Itatiaya. Nos vastos destritos das Minas do Ouro, as inacessíveis serranias. De cujas vertentes (dizem os seus descobridores) nasce o grandíssimo rio S. Francisco. Nas próprias Minas do Sul o opulento Serro Frio, que tem mais partos de ouro, que o Potosí teve de prata. A estupenda Serra de **Paranapiacaba**, que tendo assento no continente vizinho as Vilas de Santos, e S. Vicente, vai inconstantemente subindo em voltas, umas sobre o mar, outras para **o interior da terra**, e dando por algumas partes entrada menos difícil, por outro estreito, e fragoso transito para a Cidade de S. Paulo, que lhe fica pelo *Certão* sete léguas distantes (PITTA, 1730, p. 42– grifos e tradução nossos).

(R.19) Distante cinquenta léguas por costa, numeradas desde o Cabo de Santo Agostinho, está o grandíssimo rio de S. Francisco, que com o Grão Pará, e o do Prata, podem fazer um Triunvirato das águas, dominantes sobre todos os rios do Mundo. São as suas margens mais povoadas, que todas as dos outros do *Brasil*, seguidas as suas ribeiras pelo continente, mais de quatrocentas léguas; fecundíssimas, e medicinais as suas águas, navegáveis de embarcações medianas mais de quarenta léguas pelo *Certão*; por duas abre a boca, querendo tragar o mar quando nele entra, e por muitas o penetra, adoçando-lhe as ondas. Enganaram-se alguns Escritores em dizer, que este rio no meio do seu curso, por um sumidouro se mete na terra, e depois de penetrar-lhe as entranhas pela distância de doze léguas, torna a sair com a mesma copiosa corrente; sendo o certo, que se estreitando entre duas cordilheiras de montes opostos, e dilatados em todo aquele espaço, parece que se **subterra**, em quanto por esta causa se esconde, afirmando os **Gentios**, que **daquelas montanhas** é visto correr pelas suas **raízes descoberto** (PITTA, 1730, pp. 44-45– grifos e tradução nossos).

Conforme aponta (R.16), podemos verificar a expressão **outro Mundo novo** reescriturado por substituição definida pela sequência enunciativa **no mesmo Mundo descoberto**, que aparece funcionando no texto, constituindo sentido, operando uma relação de simetria sinonímica com América, que, por sua vez, reescreve por expansão **o dilatadíssimo Certão**, este substituído por definição. Dessa maneira, quando o autor diz “[...] com o seu estudo nos soube descobrir **outro Mundo novo no mesmo Mundo descoberto**”, podemos inferir com este enunciado que “Certão” é um novo mundo descoberto no interior de um mundo já conhecido e conquistado. Sertão é um mundo novo descoberto no interior das terras do Brasil, em que Mundo novo determina **o dilatadíssimo Certão**. Outra designação se apresenta, **o dilatadíssimo Certão** é reescriturado por eclipse por **nações**, definida na expressão **as [ ] que habitam o dilatadíssimo Certão**, considerando que onde se lê **as [ ] que habitam o dilatadíssimo Certão**, se lê **as nações que habitam o dilatadíssimo Certão**.

Observemos, então, como o termo (*c*)*sertão* encontra-se determinado no texto a partir do DSD20:

## DSD20

América — no mesmo Mundo conhecido † outro Mundo novo † o dilatadíssimo Certão

†

Nações

*Onde se lê:* o dilatadíssimo Certão é determinado por *outro Mundo novo*, que é determinado por *no mesmo Mundo* que opera uma sinonímia com *América*. Em outro movimento semântico, o dilatadíssimo Certão é determinado por *nações*.

Assim, temos que “outro Mundo novo”, ao determinar o dilatadíssimo Certão, o dilatadíssimo Certão, passa a designar o Mundo novo, ou seja, o termo o dilatadíssimo Certão, significando em (R.16) o desconhecido no mundo conhecido (América), aquilo que foi descoberto no Mundo descoberto, que está para ser explorado e conquistado. Dizemos, também, que o dilatadíssimo Certão determinado por nações significa outros sentidos em (R.16), como: o lugar desconhecido no mundo conhecido, o lugar onde habita grande número de nações de Gêntios; Gêntios Bárbaros; Gêntio Bravo, cujos termos são enunciados pelo alocutor-historiador<sup>34</sup> várias vezes no acontecimento enunciativo no texto “*America Portugueza*” (sic).

Devemos, ainda, considerar que quem nomeia, quem diz (c)sertão é um alocutor-historiador que diz para um alocutário específico, o alocutário-rei de Portugal, contando a história da Bahia. O alocutor-historiador ocupa um lugar de dizer de enunciador universal, pois diz do lugar da História, da ciência, ou seja, aquilo que ele diz constitui uma verdade universal.

Vejamos a análise do (R.17), em que, de um lado, a expressão enunciativa “o interior do Certão” é reescriturada por substituição por “A montanha do Ararobã”. Por outro lado, “o interior do Certão” é reescriturado pela expressão “O monte das Tabocas em Pernambuco”. Ou seja, Pernambuco, nesse caso, reescritura por especificação “O monte das Tabocas” e “o interior do Certão”. Com isso, Pernambuco acaba por reescriturar “o interior do Certão”, que é reescriturado por repetição por redução pelo termo “o Certão”. Nessa reescrituração, “o

<sup>34</sup> Tomamos o termo “alocutor” conforme define Eduardo Guimarães (2018, p. 63), ao dizer que [...] o agenciamento da enunciação é o agenciamento do falante a fala. Este, enquanto agenciado a enunciar, se divide em lugar que diz (Locutor), lugar social de dizer (alocutor), e lugar de dizer (enunciador). Ou seja, o “alocutor” é agenciado a enunciar, dividido em “lugar social de dizer”.

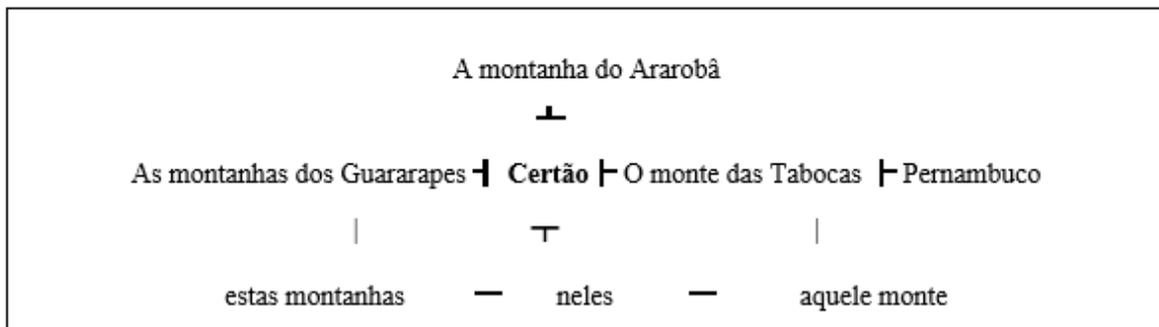
*Certão*” substituído passa a significar na expressão na qual funciona. Assim, “o *Certão*” acaba por condensar o que está designando “o interior do *Certão*”.

Por assim dizer, “o *Certão*”, no segundo parágrafo do (R.17), é reescriturado por substituição por “As montanhas dos Guararapes”. Nesse caso, o *Certão* acaba reescriturado por substituição por “A montanha do Ararobã”; “O monte das Tabocas e “As montanhas dos Guararapes” especificados pela sequência “em Pernambuco”. Ou seja, “Pernambuco” também reescreve por especificação o *Certão*, e significa, nessa medida, um lugar constituído de montanhas e montes já conhecidos, posto que a expressão “celebres três famosas vitórias, que neles os portugueses tiveram com os Holandeses em três sanguinolentas batalhas campeãs”. Portanto, os sentidos designados à palavra (*c*)*sertão* no (R.17) é: o sentido do já conhecido, tanto dos colonizadores portugueses quanto dos holandeses; o lugar conhecido celebre, o lugar de famosas vitórias, montes e montanhas que adentram o interior de Pernambuco.

Ou seja, o sentido de terra dentro do conhecido. “A montanha do Ararobã”; “O monte das Tabocas” e “As montanhas dos Guararapes” são partes do que seja o interior do (*c*)*sertão* determinado por Pernambucano. Ainda assim, podemos descrever que há três simetrias sinonímicas por retomada catafórica, se observarmos que “monte das Tabocas” é retomado por substituição catafórica pela expressão dêitica “aquele monte”. Do mesmo modo, “As montanhas dos Guararapes” também são retomadas por catáfora por “estas montanhas”. E, o termo “neles” retoma por sinonímia tanto “estas montanhas” quanto “aquele monte”. Importante observar que “As montanhas dos Guararapes”, não estabelece sinonímia com “O monte das Tabocas”, sabendo que ambas não reescrevem o mesmo sertão.

Vejamos a seguir como o DSD desse recorte se apresenta:

#### DSD21



Onde se lê: *Certão* está determinado por *As montanhas dos Guararapes* que opera uma relação sinonímica com *estas montanha*. *Certão* é determinado por *A montanha do Ararobã* que determina *Certão*, que é determinado por *O monte das Tabocas* que é determinado por *Pernambuco*. A sinonímia entre *estas montanhas*; *neles* e *aquele monte* acabam por determinar *Certão*.

Observemos que, o **(R.18)**, retirado do *Livro Primeiro da America Portuguesa*, Rocha Pitta (1730, p.42), diz sobre os principais Montes existentes pela parte do Sul. Nesse funcionamento de linguagem, podemos encontrar a significação Certão reescriturada por substituição pela expressão Cidade de S. Paulo, que estabelece uma relação sinonímica com a sequência enunciativa “continente vizinho”. Desse modo, “continente vizinho” e “Cidade de S. Paulo” são reescriturados por substituição por especificação pela expressão “**o interior da terra**”, que acaba por definir “Certão”. Sendo assim, temos que “Certão” é determinado por “Cidade de São Paulo, que opera uma relação de simetria sinonímica com “continente vizinho”, e são determinados pela expressão “o interior da terra”, que também acaba por determinar e especificar “Certão”.

Vejamos a seguir como o DSD desse recorte se apresenta:

#### DSD22

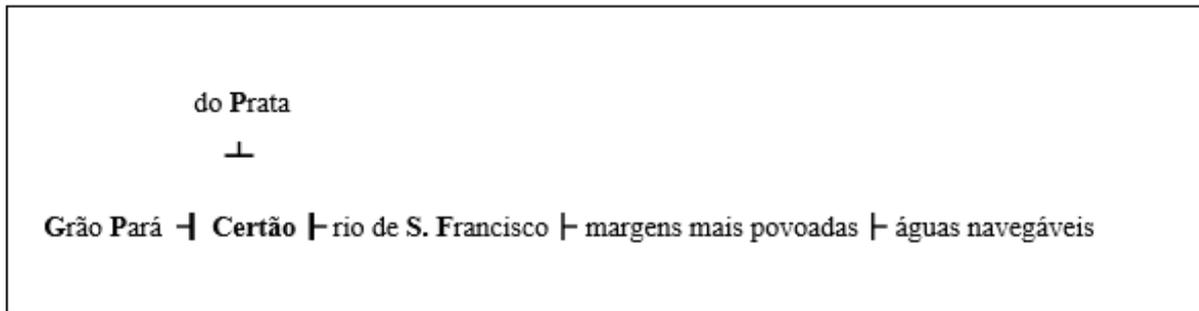
o interior da terra —| continente vizinho — Cidade de S. Paulo —| Certão

*Onde se lê: Certão é determinado por Cidade de São Paulo, que opera uma relação de simetria sinonímica com continente vizinho e são determinados pela expressão o interior da terra que também acaba por determinar Certão.*

Passemos à análise do **(R.19)**. Nesse funcionamento enunciativo, podemos observar que o termo “*Certão*” é reescriturado por substituição por especificação por “rio de S. Francisco”; por Grão Pará, e o do Prata. Vemos, ainda, nesse funcionamento semântico, “*Certão*” sendo reescriturado por “rio de S. Francisco”, e “rio de S. Francisco” reescriturado por substituição pela sequência de linguagem “margens mais povoadas”, que também é reescriturada por “águas navegáveis”. Seguindo esta perspectiva, podemos representar a designação de “Certão” da seguinte maneira: “Certão” determinado, de um lado, por “rio de S. Francisco” que é determinado por “margens mais povoadas”, que é determinado por “águas navegáveis”. Em outra parte, “Certão é determinado por Grão Pará, e por do Prata.

Vejamos como se constitui o DSD a seguir:

## DSD23



*Onde se lê: Certão de um lado, é determinado por rio de S. Francisco que é determinado por margens mais povoadas, que por sua vez, é determinado por águas navegáveis. Em outra parte, Certão é determinado por Grão Pará, e do Prata.*

Para prosseguirmos com as análises, tomamos mais quatro recortes, para observarmos a designação da unidade de análise *(c)sertão* no documento escrito por Rocha Pitta (1730).

### 3.2 A designação de (C)Sertão: as brenhas e matos no sertão do Brasil

No LIVRO PRIMEIRO da *Historia da América Portuguesa*, título *Frutas Silvestres frescas e quentes*, o historiador, ao descrever as frutas silvestres, caracteriza-as de “Os areticûs-apês”: os mamões, os muricis, os cajus, ou seja, espécies de frutos que contêm em si outro fruto de diferente qualidade na castanha. Os mamões, os muricis, os cajus são considerados frutas frescas. Já os cajás, e os jenipapos, são excelentes confortativos para o estômago, conforme descrição do autor. Dos jenipapos são feitos doces, e os Gentios tiram delas os seus mais generosos vinhos. Diante disso, Rocha Pitta diz também de outras espécies de frutas existentes no Brasil e, ao enunciar, descreve não só as frutas, caracteriza o lugar onde provavelmente se encontram as jabuticabas e os umbus. Segundo sua descrição, essas frutas são encontradas nas **brenhas e matos do Brasil**.

Seguimos com a análise dos recortes **(R.20)** e **(R.21)**, extraídos do LIVRO<sup>35</sup> TERCEIRO 165 - 166 – *ANO DE 1568 (ANO DE TERROR)*. O **(R.22)**, retirado do LIVRO TERCEIRO, e o último recorte, o **(R.23)**, recortado do LIVRO SETIMO, que traz como título *Novo Santuario da Lapa e Sua descrição*.

**(R.20)** [...]. De outras agradáveis posto que de **inferior estimação**, se **acham cobertas as brenhas, e matos do Brasil**, tendo **nesta multidão muito lugar a**

<sup>35</sup> A expressão “livro” pode ser interpretada como “capítulos” na obra de Rocha Pitta (1730).

jabuticaba, e o umbu, o qual *no Certaõ* supre com a cópia **do suco** a falda da água (PITTA, 1730, p. 65– grifos e tradução nossos).

(R.21) [...]. Logo senhoreamos toda a enfeada; e em prossecução da vitória, penetrámos **o continente**, matando no alcance muitos **Gentios**, que formando vários corpos da sua gente, intentaram impedirmos o passo; os mais se retirarão para **o interior daquele Certaõ**, aprendendo à sua custa o quanto lhes importava a sua quietado, e o não provocarem a nossa ira, tão justamente empregada na sua contumácia. As **terras conquistadas** se repartiram por moradores ricos, capazes de as cultivar, e defender; de cuja vizinhança se davam os inimigos por tão mal seguros, que não ousarão mais aparecer, **retirando-se sempre para os sítios mais distantes, e remotos do País** (PITTA, 1730, pp. 197 - 198– grifos e tradução nossos).

(R.22) [...] Informado EI Rey D. Sebastiao da **fertilidade, e abundancia das terras, que rega, e fecunda o rio Real**, cujo **pau - Brasil (de que abundam as matas do seu Certão)** iam os Franceses buscar, e ajudados pelos **Gentios** seus confederados, os conduziam àqueles portos, para o carregarem nas suas naos, ordenou ao **Governador** o mandasse povoar; em cuja execução enviou **Luiz de Brito de Almeida** a **Garcia de Ávila** a fazer uma **Povoação naquele rio**, que está em onze grãos, no detrito, e jurisdição da **Província de Sergipe** (PITTA, 1730, p. 212– grifos e tradução nossos).

(R.23) [...] Teve o Autor da natureza, desde que criou o **Mundo**, ou depois que fez ceifar as aguas do **Diluvio**, **oculta** até este tempo, por seus incompreensíveis juízos, ao trato dos racionais, e só permitida à fereza dos brutos uma admirável, e grande lapa no robusto corpo de uma dilatada penha, que ocupa um quarto de légua em circunferência, cuja base banham as abundantíssimas correntes do estupendo rio de **S. Francisco no seu interior Certaõ**, duzentas léguas da Povoação mais vidinha, não mostrando rasto, ou final de que fora pisada, **nem do Gentio bárbaro daquele inculto País**, que está na jurisdição da **Província da Bahia** (PITTA, 1730, p. 482– grifos e tradução nossos).

No recorte (R20), “**no Certão**” é reescriturado por repetição hiperonímia por “matos do Brasil”, que estabelece uma relação de simetria sinonímica com “brenhas” e “nesta multidão”. Diante dessa observação, dizemos que “nesta multidão”, em sinonímia com “brenhas” e “matos do Brasil”, acaba por determinar “no Certão”. Vejamos o DSD:

## DSD24

nesta multidão — brenhas — matos do Brasil † no *Certaõ*

Onde se lê: *no Certaõ* é determinado por *matos do Brasil*, que estabelece uma relação sinonímica com *brenhas* e *nesta multidão*. Portanto, *no Certaõ* acaba por determinar *matos do Brasil*, *brenhas* e *nesta multidão*.

Em (R21), o alocutor-historiador caracterizou o ano de mil quinhentos e sessenta e oito como o ANO DE TERROR, em toda Região Sul, nas terras conquistadas pelos Portugueses.

Como se observa, no (R21), a especificação “o continente” reescritura por substituição “o interior daquele Certaõ”. Vemos em um outro movimento “o interior daquele Certaõ” sendo reescriturado por substituição por “terras conquistadas”, que também é reescriturada por substituição por definição por “sítios mais distantes, e remotos do País”. Ou, dizendo de outro modo, “o interior daquele Certaõ” é determinado por “o continente”. E, “o interior daquele Certaõ” é determinado por “terras conquistadas”, que é determinado por “os sítios mais distantes, e remotos do País”. Ou seja, o sentido que determina a palavra (*c*)*sertão* no (R21) é o de lugar já conhecido, lugar já conquistado, lugar definido como sítios muito longe, lugares distantes e lugares afastados. A partir dessa análise, consideremos o DSD25:

## DSD25

o continente

⊥

o interior daquele Certaõ † terras conquistadas † os sítios mais distantes, e remotos do País

Onde se lê: *o continente* determina *o interior daquele Certaõ*. Além disso, se lê: *o interior daquele Certaõ* determinado por *terras conquistadas* e por seu lado, é determinado por *os sítios mais distantes, e remotos do País*.

Sobre o (R22), verifica-se que o termo *Certaõ* está reescriturado por substituição por “terras”, que, por sua vez, determina “*Certaõ*”. Da mesma maneira, por seu lado, “*Certaõ*” é reescriturado por substituição por “*matas*”, que também determina o sentido de “*Certaõ*”. Considerando isso, a palavra (*c*)*sertão*, nesse caso, significa um lugar de terras férteis, terras

abundantes em matas, o já conhecido dos colonizadores, significado pelo enunciado da primeira linha no (R22) “[...]. Informado EI Rey D. Sebastiao”.

#### DSD26

matas † Certão † terras

Onde se lê: *Certão* é determinado por *matas* e determinado por *terras*.

Em (R23), encontramos a expressão nominal “interior Certão” reescriturada com o sentido definido por “rio de S. Francisco”.

Segue o DSD27, que melhor representa a designação da palavra *(c)sertão*:

#### DSD27

rio de S. Francisco † interior Certão

Onde se lê: *rio de S. Francisco* determina o *interior Certão*.

### 3.3 Considerações Mundo Novo: o dilatadíssimo *(c)sertão*

Com o resultado das análises da seção III, buscamos mostrar que sentidos à designação semântica da palavra *(c)sertão* se apresentam no acontecimento enunciativo de Rocha Pitta, para significar o Novo Mundo, e as *dilatadas porções da terra* do atual Brasil. Nesse sentido, observamos que a unidade de análise em questão designa sentidos que significam e (re) significam, conforme dito pelo autor, “outro **Mundo novo** no Mesmo Mundo descoberto”.

Diante disso, observamos a palavra *(c)sertão* na transversalidade do texto, funcionando na relação integrativa com elementos distintos, os quais se reportam uns aos outros e produzem sentidos. Como diz Guimarães (2012, p. 57-58), “a relação entre os elementos não é o de contiguidade, e não se marca pela direção da segmentalidade”. Nesse direcionamento, encontramos a palavra *(c)sertão* significando e historicizando o conhecido (Brasil) Novo Mundo, e dizendo e redizendo um Mundo Novo, que se apresenta como o desconhecido, e objeto de desejo por todos os colonizadores.

Importante dizer que a palavra *(c)sertão* se apresenta como acontecimento de linguagem do alocutor-historiador, retoma enunciações que foram constituídas nos espaços de enunciações de mil e quinhentos até mil e setecentos e vinte e quatro, mas o que faz a diferença e especifica a significação dessa palavra é o próprio “acontecimento”.

O que especifica um acontecimento é a temporalidade que ele constitui: um passado, um presente e um futuro. Ou seja, um acontecimento é distinto de outro acontecimento porque ele recorta um passado de sentidos que convive com o presente da formulação do Locutor e assim traz uma projeção de futuro de sentidos que não significariam não fosse o acontecimento em questão. Desse modo não é o Locutor que constitui o presente, parâmetro do tempo, como diria Benveniste (1959), mas é o acontecimento que constitui o tempo e assim constitui, agencia o Locutor (GUIMARÃES, 2012, p. 19-20).

Nessa perspectiva, a palavra *(c)sertão* é significada e temporalizada distintamente de outros acontecimentos. Como podemos observar na enunciação, ela retoma sentidos de um passado, porém latentes no presente formulado por Rocha Pitta (1730). Sendo assim, algumas designações que constituem a rede semântica para a palavra *(c)sertão* se apresentam pelos enunciados como: o Mundo novo, **o dilatadíssimo sertão**, os grandes números de **nações indígenas**, as muitas **montanhas e montes**, **os grandes rios**, **o interior do sertão**. Além desses sentidos, o termo *(c)sertão* é enunciado com sentido “o interior da terra”, para significar as terras da “Cidade de São Paulo”, ou seja, o conhecido.

O “rio de S. Francisco”, as “margens mais povoadas”, “águas navegáveis”, Grão Pará, e do Prata atribuem sentidos a *(c)sertão*, Portanto, o desconhecido no mundo conhecido é aquilo que foi descoberto, que está para ser explorado e conquistado, os **matos do Brasil**, as “brenhas”, lugares onde se podem encontrar muitos frutos e animais. O *(c)sertão* são terras conquistadas **no continente, são os sítios mais distantes, e remotos do País**.

Em suma, a palavra *(c)sertão*, no domínio semântico, é enunciada, primeiramente, para significar Novo Mundo descoberto, a vastíssima extensão de terra existente no **Mundo Novo descoberto**, ou seja, o **dilatadíssimo (c)sertão**, o desconhecido no Mundo já conhecido dos colonizadores, os quais organizavam expedições para conquistar as terras de dentro do *(c)sertão*, ou seja, para conquistar o desconhecido e tudo que nele existisse. Dessa maneira, a cada enunciação da palavra *(c)sertão*, para significar as terras e o interior do sertão do Brasil, novos sentidos foram constituídos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reescrevendo por repetição o título deste trabalho “A DESIGNAÇÃO DE (C)SERTÃO: ESPAÇOS DESCONHECIDOS NO BRASIL COLÔNIA”, podemos dizer que ele condensa toda a rede semântica que se desenvolveu ao longo desta pesquisa, pois, como se viu, o sentido da palavra *(c)sertão* se apresentou de modos diferentes nos acontecimentos de linguagem, tanto do lugar da lexicologia, da lexicografia, do geógrafo, da crítica literária, do historiador quanto do colonizador, dos quais destacamos alguns movimentos semânticos para mostrar a designação que constrói sentidos à unidade de análise, pensando sua designação especificamente na forma como foi construído o sentido da palavra *(c)sertão*, na história enunciativa que a historiciza.

Importa-nos dizer que a designação de *(c)sertão* apresenta sentidos de nomes que “recorta o real, o mundo das coisas” (GUIMARÃES, 2018, p.171). Nesse sentido, podemos falar de como esse nome foi significando o que conhecemos hoje como Brasil, e o que ainda não conhecemos dele, ou seja, o sertão desconhecido. Conforme as análises apreendidas nas seções I e III, vimos os diferentes sentidos atribuídos à unidade de linguagem *(c)sertão* no percurso deste estudo, possível pela linguagem, pelo funcionamento enunciativo, pelos modos de reescrituração, que atribuem sentidos, particularizam e especificam um elemento linguístico. Portanto, conforme Guimarães (2018, p. 171), “é nesta medida que a designação nos possibilita dizer do mundo”, tendo em vista que, do lugar teórico que ocupamos, ainda de acordo com o semanticista, “à designação distingue-se da referência, relação específica de uma expressão linguística e algo num acontecimento particular da enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p.171).

Sobretudo, é com a linguagem e pela linguagem que nos foi permitido dizer como foram sendo constituídas as designações que determinaram os sentidos da palavra *(c)sertão*, as quais movimentaram uma rede semântica de sentidos que se diferem pela temporalização do dizer, constituídos nos acontecimentos enunciativos, os quais são produzidos em espaços de enunciação, espaços configurados pelas “relações de línguas as quais funcionam na sua relação com falantes”. Nessa perspectiva, “o espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas. **O agenciamento dos falantes**, enquanto tal, pelas línguas é político, pois é necessariamente desigual (GUIMARÃES, 2018, pp. 23- 24).

Assim, os espaços de enunciação dos acontecimentos enunciativos dos textos selecionados e analisados mostraram que o Novo Mundo já era conhecido, mas que existiam sentidos outros constituídos como um outro Mundo Novo, o dilatadíssimo sertão Brasileiro.

Com esse movimento, verificamos que a língua latina e a língua angolense foram modificadas tanto na sua significação (conceito) quanto no seu sentido (significação) e foram sendo enunciadas desigualmente e adentraram no Brasil.

Chamamos a atenção para dois movimentos de determinação semântica da palavra *(c)sertão*, na relação de integração com o acontecimento enunciativo no “Diário de Navegação”, de Pero Lopes de Souza. No primeiro movimento, o que se vê é o funcionamento de “terra dentro”, determinando o sentido de sertão do Brasil, e, com isso, a palavra *(c)sertão* passa a nomear tudo aquilo encontrado ao longo da terra, em oposição à costa/mar. Temos, então, que “terra dentro” vem a ser o “sertão brasileiro”, lembrando que “terra dentro” significa em oposição ao mar e ao litoral brasileiro. Nesse acontecimento de linguagem, a cada novo desconhecido que se conhecia, outros sentidos foram construídos para formação da rede semântica que significa o que é o Brasil hoje, ou seja, “**terra dentro**” determinou “**sertão do Brasil**”, portanto, essa designação semântica constitui o sentido de “sertão brasileiro”.

Diferente do primeiro movimento, no segundo, *(c)sertão* se apresenta determinado por Piratininga, ou seja, podemos dizer que se trata de um lugar já conhecido pelos colonizadores, por ser uma vila habitada por colonizadores. Mas o que faz com que Piratininga signifique *(c)sertão* está marcado pelo sentido de “sertão brasileiro” por “terra dentro”. Assim, por Piratininga estar localizada “terra dentro”, a vila faz parte do “sertão brasileiro”. Isto é a determinação semântica que constitui a palavra *(c)sertão*, ora é produzida pelo sentido do já conhecido, ora é produzida pelo sentido desconhecido.

O sentido de que “terra dentro” determina e especifica “sertão do Brasil”. Além disso, “sertão do Brasil” passa a designar o sertão brasileiro como algo que se encontra terra dentro. Essa designação semântica de terra dentro determina o *(c)sertão* como **o lugar desconhecido que está afastado da costa litorânea**.

Outro aspecto importante aparece em *Historia da Província Santa Cruz*, que mostra o enunciado “Sertão dentro” em relação de oposição antonímica com terra determinada por costa. Ou seja, verificamos que a oposição existente de “Sertão dentro” com a especificação “terra determinada por costa” é o que produz sentido ao desconhecido. Podemos dizer que o sentido produzido é o de algo conhecido em oposição ao desconhecido. Portanto, o que

estabelece que “sertão dentro” é o desconhecido é a antonímia que especifica que *(c)sertão* significa em oposição à “terra determinada por costa”. Portanto, na relação com outros elementos do mesmo texto, “sertão dentro” designa a “terra do sertão” com as grandes riquezas. Isto significa dizer que a rede enunciativa constituída por **terra e grandes riquezas** significa o que é *(c)sertão* no texto de Gandavo. Ou seja, *(c)sertão* é significado como o desconhecido, o lugar onde o colonizador não conhece, é a terra do sertão significada por muitas riquezas, em que “Sertão dentro” é a parte desconhecida da “terra do sertão”.

Destacamos do estudo de Teles (2002) um movimento semântico significado pelo não dito no acontecimento de linguagem deste autor, mas que está latente determinando outros sentidos à palavra *(c)sertão*. Observamos que os termos latinos se apresentam pela adjetivação ou substantivação, e são modificados tanto na sua significação quanto no seu sentido, para designar aquilo que pertence ao colonizador. Para exemplificar, se voltarmos à análise designativa de “*sertum*” na enunciação de Gilberto Teles, observamos que o sentido e a significação desse termo retomam um memorável de sentidos constituídos ainda no espaço de enunciação da linguagem das grandes navegações, tendo em vista que os termos **“traçado, entrelaçadamente, embrulhado, enredado e enfileirado”** são sentidos característicos do **ornato da Coroa Portuguesa**, enunciado para significar de modo metafórico **“o forro da Coroa”**. Ou dizendo de outro modo, **o forro é o que está dentro da Coroa, o desconhecido dos outros colonizadores**, mas conhecido pelos Portugueses. Isso significa dizer que **o que está dentro do conhecido, ou dentro do desconhecido das terras pertencentes a Portugal, está sobre a jurisdição da Coroa Portuguesa**. Isso pode ser significado pelo substantivo **“entrelaçadamente”** com o sentido **“pertencente ao corpo do Rei”**.

No acontecimento de linguagem de Rocha Pitta (1730), podemos dizer que a palavra *(c)sertão* é enunciada para significar uma parte da América Portuguesa. Ou melhor, para significar a parte Meridional que constitui o Brasil e, assim, os sentidos constituídos por esta palavra formam um novo delineamento geográfico no mapa do Brasil. Para tanto, o alocutor-historiador toma o enunciado *(c)sertão* para significar tanto a natureza e tudo que há nela quanto para dizer e significar seus habitantes, que são chamados de “naturais”, ou “naturais da terra inculta” e “barbaras Nações”. E, assim por diante, a palavra *(c)sertão* foi sendo destacada para significar os nomes de alguns países, terras e rios, enfatizando os nomes das terras conquistadas e suas regiões. Conforme afirmou Rocha Pitta, ele descreve “uma das maiores Regiões da terra”. Portanto, nesse acontecimento enunciativo, a palavra *(c)sertão*

significa as grandezas e excelências da Região do Brasil, que ficaram ocultas depois da descoberta do Novo Mundo.

Sendo assim, mostramos algumas designações que constituem a rede semântica para a palavra *(c)sertão* apresentadas pelos enunciados como: o Mundo novo, **o dilatadíssimo sertão**, os grandes números de **nações indígenas**, as muitas **montanhas e montes**, **os grandes rios**, **o interior do sertão**, as terras da “Cidade de São Paulo”, ou seja, o conhecido. O “rio de **S. Francisco**”, as “margens mais povoadas”, “águas navegáveis”, **Grão Pará**, e do **Prata** atribuem sentidos à *(c)sertão*,

O desconhecido no mundo conhecido é aquilo que foi descoberto, e que está para ser explorado e conquistado. Os **matos do Brasil**, as “brenhas”, lugares onde se podem encontrar muitos frutos e animais. O *(c)sertão* são terras conquistadas **no continente, são os sítios mais distantes, e remotos do País**.

Nesse sentido, a palavra *(c)sertão*, no domínio semântico, é enunciada, primeiramente, para significar Novo Mundo descoberto, a vastíssima extensão de terra existente no **Mundo Novo descoberto**. Ou seja, o **dilatadíssimo (c)sertão**, o desconhecido no Mundo já conhecido dos colonizadores, os quais organizavam expedições para conquistar as terras de dentro do *(c)sertão*, ou seja, para conquistar o desconhecido e tudo que nele existisse.

Como se observou, a cada enunciação da palavra *(c)sertão* para significar as terras e o interior do sertão do Brasil, novos sentidos foram constituídos. Como se vê, *(c)sertão*, ao longo do acontecimento de linguagem, acaba nomeando os *(c)sertões* do Brasil, a partir das conquistas das terras da Bahia.

Para terminarmos, é importante que façamos uma observação no que diz respeito ao título da obra: *Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro composta*, por Sebastião da Rocha Pitta, escrita por volta de 1724, publicada em *Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonh da Sylva*, que deixar subentender que será enunciada a história de toda América Portuguesa contada desde mil e quinhentos, mas, ao longo dos acontecimentos enunciativos que integram o todo do texto, isso não aparece.

Vemos que, nesse acontecimento de linguagem na obra de Rocha Pitta, o alocutor-historiador não diz dos acontecimentos seguindo uma ordem sucessiva de anos, pois observamos que há ausências de alguns deles, os quais compreendem o pretérito do Estado do

Brasil. Tais enunciações significam no presente e projetam uma futuridade, o que, sem dúvida, produziria novos sentidos para *(c)sertão*.

Conforme os resultados das análises apreendidas, observamos que a designação de *(c)sertão* produz uma relação com o real, segundo a qual ela diz do Novo Mundo e nos apresenta o Mundo Novo, partilhando, desigualmente, onde a designação se apresenta por uma relação de linguagem. Como vimos, nas enunciações tanto do acontecimento de linguagem de Rocha Pitta (1730) quanto dos acontecimentos dos textos analisados na primeira seção deste trabalho, dizemos que sertão significa e constrói sua história de enunciação nos acontecimentos enunciativos que diz e rediz: **o Novo Mundo, o Mundo Novo, o conhecido, o desconhecido, o dilatadíssimo sertão, dominação, poder, as terras do Brasil, as dilatadas porções de terra, uma das maiores Regiões de terras.**

Portanto, a designação de *(c)sertão* vai sendo produzida no acontecimento de linguagem na obra “*Historia da América Portuguesa*”, a partir das descrições do corpo natural, e material da Região do Brasil, distante da costa. Nessa perspectiva, a palavra *(c)sertão* vai sendo designada principalmente pelos sentidos dos enunciados que dizem das:

Grandezas dos rios, formosuras do seu terreno, pelo seu clima, e de seus Astros. Os seus montes mais famosos. Os seus campos, produções e lavouras. As suas ervas, flores, arvores, e frutas naturais da terra, como as frutas estrangeiras. As feras, brutos, e caças [...] A barbara vida, e costumes dos Gentios, seus primeiros habitantes (PITTA, 1730, p. 2).

Isto é, “o Novo Mundo, tantos séculos escondido, é a melhor porção do Brasil; vastíssima Região, terra fértil, onde sua superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros” (PITTA, 1730, p. 3). Sobretudo, a designação que produz sentido e constrói a história enunciativa da unidade de análise deste trabalho é constituída pela relação de linguagem significada enquanto enunciados que historicizam sentidos no mundo, e nos mostram como uma palavra pode significar, resignificar, produzir, reproduzir, dizer e redizer o conhecido e o desconhecido, mas que significa pela linguagem.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor. *Dicionário de Luís de Camões*. Alfragide, Portugal: Leya. Google Books, 2011.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BARROS, Francisco Borges de. *Dicionário geográfico e histórico da Bahia*. Organizado pelo diretor do Arquivo Público e Museu do Estado, Bacharel Francisco Borges de Barros, auxiliado pelos professores Deodoro Reis e Plínio dos Santos Passos. Bahia. Imprensa Oficial, 1920.
- BARROS, Francisco Borges de. *Vocabulário Portuguez, e latino*. Lisboa: Pascoal da Sylva, 1720. v. 6-7.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei D. Manuel*, dando notícias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral. [Brasil]. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf). Acesso em: 15 out. 2018.
- DA SILVA, Giseli Veronêz; KARIM, Taisir Mahmudo. Reescrituração: “patrimônio” – um percurso enunciativo. *Revista Linguasagem*, v. 29, n. 1, p. 69-86, 2018.
- DE FERNANDES, Rinaldo. *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. Geração Editorial, 2002.
- DE MAGALHÃES, Couto. *O selvagem*. Typ. da Reforma, 1876.
- DE OLIVEIRA, Sheila Elias et al. *Cidadania: história e política de uma palavra*. 2004.
- DE SOUSA, Pero Lopes. *Diário da navegação da armada que foi á terra do Brasil-em 1530-sob a capitania-mor de Martim Affonso de Souza*. Typ. da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, 1839.
- DIAS, Luiz Francisco. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- \_\_\_\_\_. FERRAZ, Maria do Socorro. *A sociedade colonial em Pernambuco. A conquista dos sertões de dentro e de fora*. 171-226. 2014.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues et al. *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Conselho federal de cultura, 1972.

FONTANA, Mónica Zoppi; DE OLIVEIRA, Sheila Elias. Entrevista com Eduardo Guimarães, *Fragmentum*, n. 40, p. 13-48, 2014.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

GANDAVO, Pedro de Magalhães. *Historia da prouincia Sa [n] cta Cruz a qui vulgarme [n] te chamamos Brasil/feita por Pero de Magalhães de Gandauo, drigida ao muito Illsre s [e] nor Dom Lionis P [ereir] a governador que foy de Malaca e das mais partes do Sul na India. (1576)*. In: Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Online). Disponível em: <<<http://purl.pt/121>>>. Acesso em: 14/12/2017.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. *Domínio semântico de determinação. A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. Os sentidos e política de uma palavra da ciência. In: *Leituras do político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino*. Campinas: Editora RG, 2012.

GUIMARÃES, Eduardo. Semântica da Enunciação e Textualidade. In: *Estudos dos Sentidos na Semântica e no texto*. Soeli Maria Schreeiber da Silva [e] Carolina de Paula Machado. São Carlos: Pedro & João Editora, 2013.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação, Política e História: um olhar sobre as Línguas e a linguagem: Homenagem. [Realizada em julho/ agosto, 2014]. Santa Maria: *Revista Fragmentum -40-* do Laboratório Corpus Programa de Pós-Graduação em Letras – UFSM. Entrevista concedida a Sheila Elias de Oliveira (UNICAMP) e Mónica Zoppi Fontana (UNICAMP) (Orgs). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum>. Acesso em: 14 dez. 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação, *Fragmentum*, n. 40, p. 49-68, 2014.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas, SP: Pontes, 2018.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

KARIM, Taisir Mahmudo et al. *Dos nomes à história-o processo constitutivo de um estado= Mato Grosso= From names to history-the constitutive process of a stade: Mato Grosso*, 2012.

KARIM, Taisir Mahmudo. Brasil Colônia/Império: da ocupação à fundação do território da Capitania Minas do Cuyabá/Mato Grosso um estudo semântico de nomeação. *Linguagem e interpretação: a Institucionalização dos dizeres na história*. Campinas: RG, p. 13-31, 2013.

KARIM, Taisir Mahmudo. Marcas do dizer: sentidos do Arraial do Cuyabá. *Estudos Linguísticos*, (São Paulo. 1978), v. 45, n. 1, p. 305-315, 2016.

KARIM, T.M: ALVARES, Lucas. De incivilizados a descivilizados: um percurso do nome vândalos. In: Eni P. Orlandi; Débora Massman; Andrea Silva Domingues. (Org.). *Linguagem, instituições e práticas sociais*. Pouso Alegre: Univás; Campinas: Editora Univás, 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 2008.

OSÓRIO, Jorge Alves. Cícero traduzido para português no século XVI: Damião de Góis e o Livro da Velhice, *Humanitas*, n. ° 37-38, 1985-1986, p. 191-266, 1986.

PITTA, Sebastião da Rocha. *Historia da América Portuguesa desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento até o de mil e setecentos e vinte e quatro*. 2. ed. Lisboa, Francisco. M.DCC.XXX (1730), em Lisboa, Portugal.

PERAQUALLO, Próspero Luís. *Carta de El-Rei D. Manuel ao Rei Catholico narrando-lhe as viagens portuguezas à India desde 1500 até 1505*. 1892.

SOUZA, Pero Lopes de et al. *Diario da navegação da armada que foi á terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Affonso de Souza/escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza; publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen*. 1839

TELES, Gilberto Mendonça. O lu (g) ar dos sertões. In: *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. Geração Editorial, pp. 263 -302, 2002.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 até 1654*. 1872.

VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, p. 320-350, 1983.

VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna. *História da Língua e História da Gramática—Actas do encontro*, p. 473-490, 2003.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura, *Sociedade e cultura*, v. 1, n. 1, 1998.

ZATTAR, Neuza. *Os sentidos de liberdade do escravo na constituição do sujeito de enunciação*. Campinas: Pontes, 2012.

## DICIONÁRIOS

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, & latino*. Lisboa, na officina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, M.DCCXX (1720), v.7.

CANNECATTIN, Frei B. Maria de. *Dicionário da língua bunda ou angolense*. 1804.

FIGUEIREDO, Cândido de et al. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1913.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz*. Na Typographia de Silva, 1832.

POMBO, Rocha. *Dicionário de sinônimos da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Academia Brasileira de Letras, 2011.

Pombo, Rocha, 1857-1933. *Dicionário de sinônimos da língua portuguesa / Rocha Pombo; [apresentação, Evanildo Bechara]*. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. 526 p.; 23 cm. – (Coleção Antônio de Moraes Silva; v. 10)

SILVA, Antônio de Moraes et al. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 2: L-Z)*. 1789.

## SITES CONSULTADOS: DICIONÁRIO ONLINE

**Disponível em:** <<http://linguax.com/lexica/wagner.php?searchedLG=desertanum>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

**Disponível em:** <<http://linguax.com/lexica/forc2.php?searchedLG=desertanum>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

**Disponível em:** <<http://linguax.com/lexica/schrevel.php?searchedLG=desertanvm>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

**Disponível em:** <<http://linguax.com/lexica/valpy.php?searchedLG=desertanvm>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

**Disponível em:** <<http://linguax.com/lexica/sedl.php?searchedLG=desertanum>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

**Disponível em:** <<http://linguax.com/lexica/schenk.php?searchedLG=desertanum>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

**ANEXOS**

ANEXO A- FRAGMENTOS DOS ACONTECIMENTOS ENUNCIATIVOS *da Palavra*  
(C) *Sertão nos Dicionários de 1720 – 1789 - 1832*

(R1)

**SERTÃO. Região, apartada do mar,  
& por todas as partes, metida entre ter-  
ras. *Mediterranea Regio. Cit.* (BLUTEAU, 1720, p. 613).**

SERTÃO. Região apartada do mar, e por todas as partes, metida entre terras. *Mediterranea Regio. Cit* (BLUTEAU, 1720, p. 613).

(R2)

SERTÃO, f. m. o interior, o coração das terras, oppõe-se ao marítimo, e costa v. g. „ *Cidade do sertão.* § O *sertão* toma-se por mato longe da costa. § O *sertão da calma* i. e. o lugar onde ella he mais ardente. Lobo „ mettendo-se pelo *sertão da calma*, que naquelle tempo fazia; (SILVA, 1789, p. 396)

SERTÃO, f. m. o interior, o coração das terras, oppõe-se ao marítimo, e costa v. g. *Cidade do sertão.* § O *sertão* torna-se por mato longe: da costa. § O *sertão da calma* é o lugar onde ella he mais ardente. Lobo, mettendo-se pelo *sertão da calca*, que naquele tempo fazia. (SILVA, p. 396).

(R3)

Sertão, s. m - ões no plur. O interior das terras. Mata distante da costa marítima *Sertão da calma*, o lugar, onde ella he mais intensa. Pinto (1832, p. 124)

SERTÃO. s. m - ões no plur. O interior das terras. Mata distante da costa marítima *Sertão da calma*, o lugar, onde ella he mais intensa. (PINTO, 1832, p. 124).

ANEXO B - TEXTO<sup>36</sup> DE GUSTAVO BARROSO “JORNAL AMANHÃ – 1947”

Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em: 31/07/2018

## (R.4)

[...] o vocábulo “muceltão”, seguido da forma decepada “certão”, com seu significado expresso admiravelmente em latim: “*locus mediterraneus*”. O termo muceltão é corruptela do puro angolano, *ubanda* ou simplesmente e classificadamente “bunda-michitu” ou “muchitu”, através de “muchitun”, “*muceltão*” [...] por nasalização dialetal. Esse termo significa “mato” e era empregado pela gente do interior. Tornou-se, pois, designativo de “mato longe da costa define Morais e, [...] Caldas Aulete” (BARROSO, 1947, p. 54). (Aspas do autor e Grifos nossos).

## (R.6)

[...] em documentos mais antigos se encontra uma grafia diferentes da que foi geralmente aceita e o uso oficializou: “certão”. E, ali por volta do século XVI, pode-se encontrar a palavra indicando regiões do interior do próprio Portugal, absolutamente nada desertas, do mesmo modo e com o mesmo significado da frase de Alexandre Herculano citado por Calda Aulete. Obvio é, portanto, que alguma causa devia haver para essa discrepância de grafia, a mais antiga com “C”, a mais moderna “S”, levando isso e o outro fato citado a desconfiar da origem latina “*desertus*”, veiculada através do aumentativo “desertão” (BARROSO, 1947, p. 54).

<sup>36</sup> Deste texto foram retirados os (R4) e (R6)

ANEXO C -FRAGMENTOS DO ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO *O LU(g)AR dos sertões* TEXTO<sup>37</sup> DE GILBERTO TELES - 2002

(R.5)

[...] a palavra sertão pode ter surgido do intermédio do supino de *sérere*, *sertum*, com o significado próprio de “trançado”, “entrelaçamento”, e com o figurado de “embrulhado”, “enredado”, “enfileirado”. Isto porque a raiz desta forma verbo-nominal é a mesma de *desertum* (*de-sertum*: o que sai da “fileira”) passou à linguagem militar para indicar o “desertor”, aquele que sai (de-) da ordem e desaparece. Daí o subst. *desertanum* para o lugar desconhecido para onde foi o desertor, estabelecendo-se, ainda no lat. Clássico, a oposição entre *locus certus* e o “lugar incerto”, desconhecido e, figuradamente, impenetrável. As duas formas verbais provêm da mesma raiz indo-europeia, SER-, como no grego *eirô* (εἶρω) por *seryô* (σεριώ): “atar”, “entrelaçar”, “tecer ou entretecer uma fala, um discurso”; e como no latim *sérere*, “entrelaçar” (donde *serta*, pl. *De-sertum* que deu o português *sertã*, “guirlanda de flores”, “corda náutica”); e daí também o lat. *Sermo* - *onis*, “conversa”, “sermão”; *dissertatio*, “dissertação” e *desertum*, “lugar desconhecido e seco”, isto é, lugar fora do conhecimento (não entrelaçado nele) (TELES, 2002, p. 301). (Grifos nossos). (Aspas do autor).

---

<sup>37</sup> Deste texto foram retirados os (R5) e (R7).

## (R.7)

[...] tem servido, em Portugal e no Brasil, para designar o “incerto”, o “desconhecido”, o “longínquo”, o “interior”, o “inculto” (terras não cultivadas e de gente grosseira), numa perspectiva de oposição ao ponto de vista do observador, que se vê sempre no “certo”, no “conhecido”, no “próximo”, no “litoral”, no “culto”, isto é, num lugar privilegiado — na “civilização” [...]

.....

.....

[...] o ponto de vista do europeu — era o seu *dito* (ou seu ditado), enquanto **nas florestas, nos descampados, nas regiões tidas por inóspitas, de vegetação difícil**, se ia criando a subversão de um *não-dito* nativista e sertanista que se tornou um dos mais importantes *signos* da cultura brasileira, sobretudo depois que Euclides da Cunha, no início do século XX [1902], publicou o seu livro magistral, ***Os sertões, escancarando a realidade brasileira para os próprios brasileiros que, durante todo o século XX, discutiu e louvou este livro, pondo sempre em evidência a sua linguagem, mas sem compreender bem os sentidos latentes na tortuosidade de uma escrita*** que a crítica, apalermada, pensou fosse uma “prosa parnasiana”, tratando logo de classificar o livro como “romance”[...]

.....

.....

[...] foi neste deslizar entre a *língua e a linguagem*, entre o *lugar da acepção geográfica e o lu(g)ar da acepção poética*, que se criaram as melhores imagens do *sertão* [...] foi no “*entrelugar*” do *sertão*, espaço entre a *língua e a linguagem*, entre a observação que se quer *científica e a imaginação* que o leva à literatura.

.....

.....

[...] de raiz indo-europeia *DAI-*, com a significação geral de “*dividir*”, “*repartir os destinos*”, possibilitou a formação de *daymón* (“o que reparte os destinos dos homens” e, daí o *demônio*, ser entre os deuses e os homens) e de *démos* (“o que recebe”, o *povo, o território, o país*).

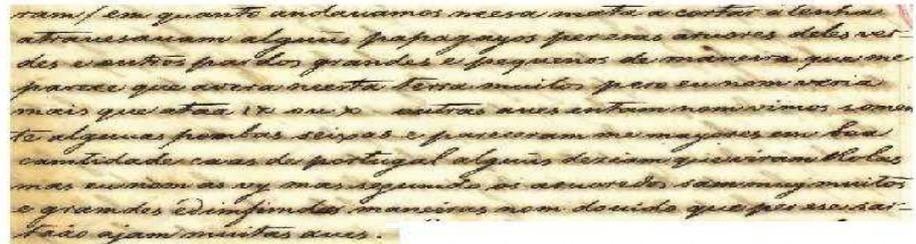
.....

.....

[...] que o adj. *Certum*, através da expressão *domicilium certum* e da forma que tomou no port. Arcaico, *certão*, pode ter contagiado tanto o significante como o significado de *de-sertanum*, levando-o semanticamente a “lugar incerto”, *sertão*, palavra que aponta sempre para um sítio distante de quem está falando; e quem falava “estava” sempre no “litoral”, enquanto o outro, o interlocutor, se distanciava no espaço contextualizado. Deve ter-se formado no séc. XV, quando as navegações portuguesas começaram a chegar às costas da África, cujo “interior”, visto do navio, do litoral), era tido como *sertão* (TELES, 2002, 263-301 – grifos nossos).

ANEXO D - FRAGMENTOS DO ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO RELATADO  
NA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA - 1500

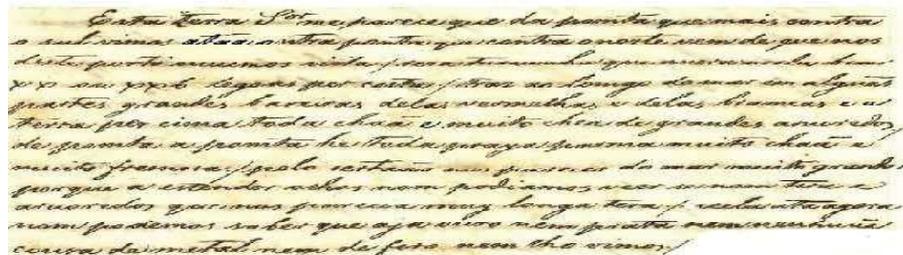
(R8)



CAMINHA, Pero Vaz de. Carta ao rei D. Manuel, dando noticias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral. [Brasil]: [s.n.], [1500]. 12f, 27,5 X 21. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2018.

[...] /em quanto andávamos **neesa mata** a cortar a lenha atravessavam alguñs papagayos per esas arvores deles verdes e outros pardos grandes e pequenos de maneira que **me parece que avera neesta Terra** muitos pero eu nom vêria mais que ... IX ou X. outras aves entam nom vimos somente algumas pombas seixas e pareceram me mayores, em boa cantidade ca as de portugal Alguñs deziam que viram Rolas, mas eu nom as vy; mas seguindo **os arvoredos sam muy muitos e grandes e d infimdas maneiras nom dovido que per ese sartaño ajam muitas aves** (grifos e tradução nossos).

(R9)



CAMINHA, Pero Vaz de. Carta ao rei D. Manuel, dando noticias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral. [Brasil]: [s.n.], [1500]. 12f, 27,5 X 21. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2018.

[...] **Esta terra** Sr<sup>o</sup> me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem que nos deste porto auvemos vista / será tamanha que avera **neela** bem XX ou XXL legoas per costa / traz ao longo do mar em alguas partes grandes barreiras delas vermelhas e delas brancas e **a terra** per cima toda chaã e muito chea de **grandes arvoredos** / de ponta a ponta é toda praya... muito chaã e muito frermosa/ pelo **sartaño** nos pareceu do **mar muito grande** porque a estender olhos nom podiamos veer se nom **terra e arvoredos do que nos parecia muy londa terra** (grifos e tradução nossos).<sup>38</sup>

<sup>38</sup> (R.9) Tradução nossa. Utilizamos a ortografia conforme [Manuscrito] da Carta de Caminha (1500).

ANEXO E - FRAGMENTOS DO ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO RELATADO  
NO *DIARIO DA NAVEGAÇÃO DA ARMADA QUE FOI Á TERRA DO BRASIL-EM* –  
(1839 [1530]) PERO LOPES DE SOUZA

(R10)

Entrando no porto de Cananéa encontrou dentro um bacharel portuguez, que ali estava degradado desde os principios de 1502, e tambem um tal Francisco de Chaves e meia duzia de castelhanos. Daqui enviou a Pero Lobo com 80 homens d'armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi a primeira *bandeira* ☉, que se entranhou pelo sertão do Brasil. (SOUZA, 1839 [1530], p. biiij).

[...]. Entrando no porto de Cananéa encontrou dentro um bacharel portuguez, que ali estava degradado desde os princípios de 1502, e também um tal Francisco de Chaves e meia dúzia de castelhanos. **Daqui enviou a Pero Lobo com 80 homens d'armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi a primeira *bandeira* [...], que se entranhou pelo sertão do Brasil.** (SOUZA, 1839 [1530], p. biiij). (Grifos nossos e tradução nossa).

(R11)

Daqui partiu com a armada para o porto de S. Vicente, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instrucções que levava † deu terras, creou officiaes de justiça em duas villas que fez, uma em S. Vicente, e outra pelo sertão, em Piratininga, pouco arredado donde hoje está assentada a cidade de S. Paulo. Estas foram as primeiras colonias regulares de portuguezes no novo-mundo ☽. (SOUZA, 1839 [1530], p. X).

[...] Daqui partiu com a armada para o porto de S. Vicente, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instruções que levava †<sup>39</sup> deu terras, criou oficiais de justiça em duas vilas que fez, uma em S. Vicente, e outra pelo **sertão**, em Piratininga, pouco arredado donde hoje está assentada a cidade de S. Paulo. Estas foram as primeiras colônias regulares de portugueses no novo-mundo (“*Capitam de uma armada e governador da terra do brasil.*”<sup>40</sup>). (SOUZA, 1839 [1530], p. X).

<sup>39</sup> *Alcada* - Cruz, símbolo místico de Sinal da Cruz, possivelmente originário na Península Ibérica, Mediterrâneo e Oriente. Conforme *Notas do “Diário da Navegação”* apresenta o Documento I. intitulada *Carta de grandes poderes ao capitão mór*, e a quem ficasse em seu lugar (Varnhagem (1839, [1531], p. 65).

<sup>40</sup> Ver explicação (p. 65) do *Diário*.

(R12)

E a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hũa de fundo; e segundo a informaçam dos indios era esta terra dos Carandins. Mandei fazer muitos fumos, para ver se me acudia gente, e no sartam me responderam com fumos mui longe. (SOUZA, 1839 [1530], p. 46).

[...] E a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hũa de fundo; e **segundo a informaçam dos índios era esta terra dos Carandins**. Mandei fazer muitos fumos, para ver se me acudia gente, e no *sartam* ‘me responderam com fumos mui longe. (SOUZA, p.46-47 - (grifos e tradução nossos).

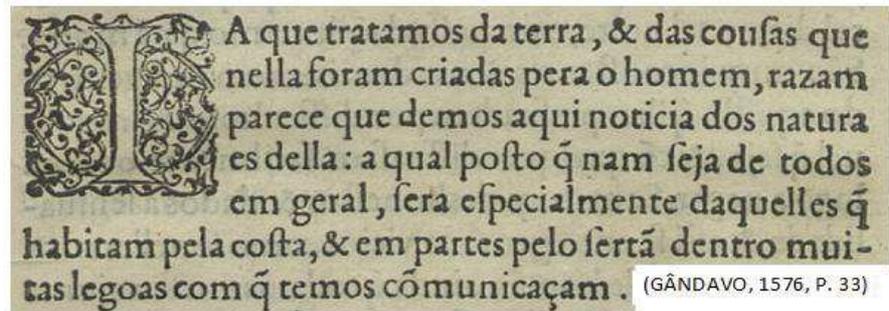
(R13)

A costa se corre nornordeste susudeste escasso: a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas; haverá dellas ao mar des leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Indo assi per fundo de oito braças, de (SOUZA, 1839 [1530], p. 24).

[...] A costa se corre nornordeste susudoeste escasso: a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: *no sartam* serras mui altas e ffermosas; haverá delas ao mar des léguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra branda: faziamos o caminho para o mar. (SOUZA, 1839 [1530], p. 24 - grifos e tradução nossos).

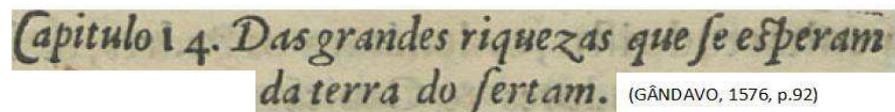
**ANEXO F - FRAGMENTOS DO ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO RELATADO**  
na obra *História da provincia Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* (*Historia da prouincia Sa [n] cta Cruz a qui vulgarme [n] te chamamos Brasil*)

(R14)



[...]A que tratamos da terra, e das coisas que nela foram criadas para o homem, rezam parece que demos aqui noticia dos naturais dela: a qual posto que não seja de todos em geral, **será especialmente daqueles que habitam pela costa, e em partes pelo sertão dentro muitas lagoas, com que temos comunicação.** (Ibidem, 1576, p. 33). (Grifos nossos e tradução nossa)

(R15)



*Capitulo 14. Das grandes riquezas que se eŕperavam da terra do sertam.* (GÂNDAVO, p. 92 - grifos e tradução nossos).

ANEXO G - FRAGMENTOS DO ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO RELATADO na obra: *Historia da America Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro composta*, por Sebastião da Rocha Pitta, escrita por volta de 1724 e publicada em *Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonh da Sylva*,

(R16)

[...] de sorte, que attendendo ao que este Author escreveo, entendo, que justamente se lhe deve dar o titulo de novo Colon, porque com o seu trabalho, e com o seu estudo nos soube descobrir outro Mundo novo no mesmo Mundo descoberto. Esta Historia está escrita com tanta elegancia, que só tem o defeito de não ser mais dilatada, para que os Leitores se pudessem divertir com mayor torrente de eloquencia. Todos os successos estão escritos com tão artificiosa brevidade, que se percebem sem defeito das noticias necessarias, porque de outra sorte occupariaõ muitos volumes os negocios politicos, e as acçoens militares de tão grande numero de naçoens, como são as que habitaõ o dilatadissimo Certão da nossa America. (PITTA, 1730, p. 27) (Tradução nossa).

[...] de sorte, que atendendo ao que este Autor escreveu, entendo, que justamente se lhe deve dar o título de novo Colon, porque com o seu trabalho, e com o seu estudo nos soube descobrir outro **Mundo novo** no **mesmo Mundo** descoberto. Esta História está escrita com tanta elegância, só tem o defeito de não ser mais dilatada, para que os Leitores se pudessem divertir com maior torrente de eloquência. Todos os sucessos estão escritos com tão artificiosa brevidade, que se percebem sem defeito das notícias necessárias, porque de outra sorte ocupariam muitos volumes os negócios políticos, e as ações militares de tão **grande número de nações como são, as que habitam o dilatadíssimo Certão** da nossa América. (PITTA, 1730, p. 27 - grifos e tradução nossos).

(R17)

[...] A montanha do **Ararobã**, que nasce no continente da terra do Porto do Calvo, e vai com a mesma grande altura cortando por muitas legoas o interior do Certão. O monte das Tabocas em Pernambuco, nove legoas da Villa do Recife. As montanhas dos Guararapes, que principiando menos elevadas quatro legoas da mesma Villa, vão continuando para o Certão com grandissima altura, e acabaõ em ferranias, que penetraõ os ares; estas montanhas, e aquelle monte, celebres pelas tres famõias vitorias, que nelles alcançamos dos Hollandezes em tres fanguinolentas batalhas campaes. (PITTA, 1730, p. 40-41).

A montanha do Ararobã, que nasce no continente da terra do Porto do Calvo, e vai com a mesma grande altura cortando por muitas léguas o **interior do Certão**. O monte das Tabocas em

**Pernambuco**, nove léguas da Vila do Recife. As montanhas dos Guararapes, que principiando menos elevadas quatro léguas da mesma Vila, vão continuando para o **Certão** com grandíssima altura, acabam em serranias, que penetram os ares; estas montanhas, e **aquele** monte, celebres pelas três famosas vitórias, que neles alcançamos dos Holandeses em três sanguinolentas batalhas campeãs (PITTA, 1730, p. 40-41 - grifos e tradução nossos).

(R18)

Montes pela parte do Sul. I I Para o Sul a cordilheira de montes, que começando na Capitania dos Ilheos com o nome de Serras dos Aymorês, e atravessando as do Porto Seguro, e do Espírito Santo, vão por cento e quarenta e tres legoas de curso acabar na enseada do rio de Janeiro, onde lhes chamaõ Montes dos Orgãos. No caminho daquella Cidade para as Minas Geraes, a altíssima Serra da Itatiaya. Nos vastos destrictos das Minas do Ouro, as inacessíveis serranias, de cujas vertentes (dizem os seus descobridores) nasce o grandíssimo rio de S. Francisco. Nas proprias Minas do Sul o opulento Serro Frio, que tem mais partos de ouro, que o Potosí teve de prata. A estupenda Serra de Paranã-Piacaba, que tendo assento no continente vizinho às Villas de Santos, e S. Vicente, vay inconstantemente subindo em voltas, humas sobre o mar, outras para o interior da terra, e dando por algumas partes entrada menos difficil, por outras estreito, e fragoso transito para a Cidade de S. Paulo, que lhe fica pelo Certão sete legoas distante. (PITTA, 1730, p. 42).

[...] Para o Sul a cordilheira de montes, que começando na Capitania dos Ilhéus com o nome de Serra dos *Aymorês*, e atravessando as do Porto Seguro, e do Espírito Santo, vão por cento e quarenta e três léguas de curso acabar na enseada do rio de Janeiro, onde lhes chamam Montes dos Órgãos. No caminho daquela Cidade para as Minas Gerais, a altíssima Serra da Itatiaya. Nos vastos destritos das Minas do Ouro, as inacessíveis serranias. De cujas vertentes (dizem os seus descobridores) nasce o grandíssimo rio S. Francisco. Nas próprias Minas do Sul o opulento Serro Frio, que tem mais partos de ouro, que o Potosí teve de prata. A estupenda Serra de **Paranapiacaba**, que tendo assento no continente vizinho as Vilas de Santos, e S. Vicente, vai inconstantemente subindo em voltas, umas sobre o mar, outras para o interior da terra, e dando por algumas partes entrada menos difícil, por outro estreito, e fragoso transito para a Cidade de S. Paulo, que lhe fica pelo *Certão* sete léguas distantes (PITTA, 1730, p. 42 - grifos e tradução nossos).

(R19)

[...] Distante cincoenta legoas por costa, numeradas desde o Cabo de Santo Agostinho, está o grandíssimo rio de S. Francisco, que com o Grão Pará, e o da Prata, podem fazer hum Triunvirato das águas, dominante sobre todos os rios do Mundo. São as suas margens mais povoadas, que todas as dos outros do Brasil, seguidas as suas ribeiras pelo continente, mais de quatrocentas legoas; fecundíssimas, e medicinaes as suas águas, navegaveis de embarcações medianas mais de quarenta legoas pelo *Certaõ*; por duas abre a boca, querendo tragar o mar quando nelle entra, e por muitas o penetra, adoçando-lhe as ondas. Enganaraõ-se alguns Escriitores em dizer, que este rio no meyo do seu curso, por hum sumidouro se mete na terra, e depois de penetrar-lhe as entranhas pela distancia de doze legoas, torna a sair com a mesma copiosa corrente; sendo o certo, que estreitando-se entre duas cordilheiras de montes oppostos; e dilatados em todo aquelle espaço, parece que se subterra, em quanto por esta causa se esconde, affirmando os Gentios, que daquellas montanhas he visto correr pelas suas raizes descoberto. (PITTA, 1730, pp. 44-45)

Cabo de Santo Agostinho, está o grandíssimo rio de S. Francisco, que com o Grão Pará, e o do Prata, podem fazer um Triunvirato das águas, dominantes sobre todos os rios do Mundo. São as suas margens mais povoadas, que todas as dos outros do *Brasil*, seguidas as suas ribeiras pelo continente, mais de quatrocentas léguas; fecundíssimas, e medicinais as suas águas, navegáveis de embarcações medianas mais de quarenta léguas pelo *Certaõ*; por duas abre a boca, querendo tragar o mar quando nele entra, e por muitas o penetra, adoçando-lhe as ondas. Enganaram-se alguns Escriitores em dizer, que este rio no meio do seu curso, por um sumidouro se mete na terra, e depois de penetrar-lhe as entranhas pela distância de doze léguas, torna a sair com a mesma copiosa corrente; sendo o certo, que se estreitando entre duas cordilheiras de montes opostos, e dilatados em todo aquele espaço, parece que se *subterra*, em quanto por esta causa se esconde, afirmando os *Gentios*, que *daquellas montanhas* é visto correr pelas suas *raizes descoberto* (PITTA, 1730, p. 44-45 - grifos e tradução nossos).

(R20)

[...] De outras agradaveis, posto que de inferior estimação, se achão cubertas as brenhas, e matos do Brasil, tendo nesta multidão muito lugar a jabotecaba, e o umbu, o qual no *Certaõ* suppre com a copia do succo a falta da *agua*. (PITTA, 1730, p. 65)

[...]. De outras agradáveis posto que de *inferior estimação*, se *acham cobertas as brenhas, e matos do Brasil*, tendo *nesta multidão muito lugar* a jaboticaba, e o umbu, o qual *no Certaõ* supre com a cópia *do succo* a falda da água (PITTA, 1730, p. 65 - grifos e tradução nossos).

(R21)

34 Logo senhoreámos toda a enfeada; e em profecução da vitoria, penetrámos o continente, matando no alcance muitos Gentios, que formando varios corpos da sua gente, intentaraõ impedirnos o passo; os mais se retiraraõ para o interior daquelle Certaõ, aprendendo à sua custa o quanto lhes importava a sua quietação, e o não provocarem a nossa ira, taõ justamente empregada na sua contumacia. As terras conquistadas se repartiraõ por moradores ricos, capazes de as cultivar, e defender; de cuja vizinhança se davaõ os inimigos por taõ mal seguros, que não ousaraõ mais apparecer, retirando-se sempre para os sitios mais distantes, e remotos do Paiz. (PITTA, 1730, pp. 197 - 198).

[...]. Logo senhoreamos toda a enfeada; e em prossecução da vitória, penetrámos **o continente**, matando no alcance muitos **Gentios**, que formando vários corpos da sua gente, intentaram impedirmos o passo; os mais se retirarão para **o interior daquelle Certaõ**, aprendendo à sua custa o quanto lhes importava a sua quietado, e o não provocarem a nossa ira, tão justamente empregada na sua contumácia. As **terras conquistadas** se repartiram por moradores ricos, capazes de as cultivar, e defender; de cuja vizinhança se davam os inimigos por tão mal seguros, que não ousarão mais aparecer, **retirando-se sempre para os sitios mais distantes, e remotos do País** (PITTA, 1730, pp. 197 – 198 - grifos e tradução nossos).

(R22)

61 Informado ElRey D. Sebastião da fertilidade, e abundancia das terras, que rega, e fecunda o rio Real, cujo pao Brasil ( de que abundaõ as mattas do seu Certaõ ) hiaõ os Francezes buscar, e ajudados pelos Gentios seus confederados, os conduziaõ àquelles portos, para o carregarem nas suas naos, ordenou ao Governador o mandaffe povoar; em cuja execuçaõ enviou Luiz de Brito de Almeida a Garcia de Avila a fazer huma Povoação naquelle rio, que está em onze graos, no districto, e jurisdicçaõ da Provincia de Serzipe. (PITTA, 1730, p. 212)

[...] Informado El Rey D. Sebastiao da **fertilidade, e abundancia das terras, que rega, e fecunda o rio Real**, cujo **pau - Brasil (de que abundam as matas do seu Certão)** iam os Franceses buscar, e ajudados pelos **Gentios seus confederados**, os conduziam àqueles portos, para o carregarem nas suas naos, ordenou ao Governador o mandasse povoar; em cuja execução enviou Luiz de Brito de Almeida a Garcia de Ávila a fazer uma **Povoação naquele rio**, que está em onze grãos, no detrigo, e jurisdição da **Província de Sergipe**. (PITTA, 1730, p. 212 - grifos e tradução nossos).

(R23)

Novo Santuario da Lapa. 8o Teve o Author da natureza, desde que creou o Mundo, ou depois que fez cessar as aguas do Diluvio, occulta até este tempo, por seus incomprehenfíveis juizos, ao trato dos racionaes, e só permittida à fereza dos brutos huma admiravel, e grande lapa no robusto corpo de huma dilatada penha, que occupa hum quarto de legoa em circumferencia, cuja base banhaõ as abundantíffimas correntes do estupendo rio de S. Francisco no seu interior Certaõ, duzentas legoas da Povoação mais visinha, não mostrando rasto, ou final de que fora pizada, nem do Gentio barbaro daquelle inculto Paiz, que está na jurisdicção da Provincia da Bahia. (PITTA, 1730, p. 482).

Sua descripção.

[...] Teve o Autor da natureza, desde que criou o Mundo, ou depois que fez ceifar as aguas do Diluvio, **oculta** até este tempo, por seus incompreensíveis juizos, ao trato dos racionais, e só permitida à fereza dos brutos uma admirável, e grande lapa no robusto corpo de uma dilatada penha, que ocupa um quarto de légua em circumferência, cuja base banham as abundantíssimas correntes do estupendo rio de S. Francisco **no seu interior Certaõ**, duzentas léguas da Povoação mais vidinha, não mostrando rasto, ou final de que fora pisada, **nem do Gentio bárbaro daquele inculto País**, que está na jurisdição da Província da Bahia (PITTA, 1730, p. 482 - grifos e tradução nossos).